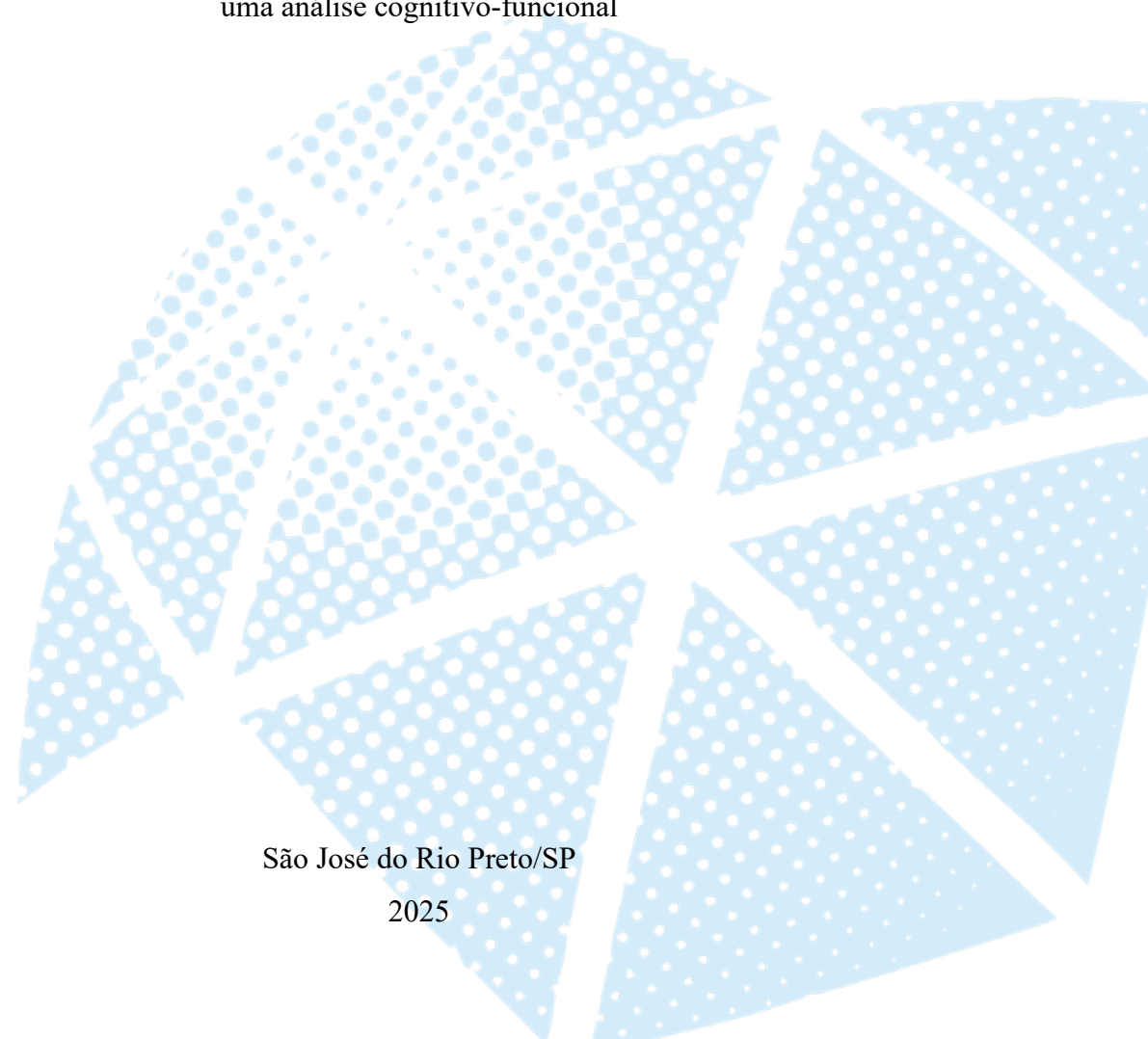


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Câmpus de São José do Rio Preto

FELIPE RODRIGUES DE ARAÚJO

CONSTRUÇÕES COM O VERBO “CHEGAR” NO PORTUGUÊS:
uma análise cognitivo-funcional

São José do Rio Preto/SP
2025



FELIPE RODRIGUES DE ARAÚJO

CONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR* NO PORTUGUÊS:

uma análise cognitivo-funcional

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística

Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Coorientadora: Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa

São José do Rio Preto/SP

2025

A663c

Araújo, Felipe Rodrigues de

Construções com o verbo "chegar" no português : uma análise cognitivo-funcional / Felipe Rodrigues de Araújo. -- São José do Rio Preto, 2025

129 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Coorientadora: Gisele Cássia de Sousa

1. Verbo "chegar". 2. Esquema Imagético de Trajetória. 3. Modelos Baseados no Uso. 4. Gramática de Construções. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O impacto esperado na sociedade deve ser redigido de forma sucinta considerando, os seguintes aspectos: o potencial científico, técnico, social, inovador, econômico, educacional e cultural; a internacionalização; a inserção local, regional e nacional; o desenvolvimento sustentável, conhecimento e temática da pesquisa.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The expected impact on society should be written succinctly, considering the following aspects: the scientific, technical, social, innovative, economic, educational and cultural potential; internationalization; local, regional and national insertion; sustainable development, knowledge and research themes.

FELIPE RODRIGUES DE ARAÚJO

CONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR* NO PORTUGUÊS:

uma análise cognitivo-funcional

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração:

Data da defesa: 10/10/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Orientador)

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão (Membro titular)

Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Membro titular)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos (Membro suplente)

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubi (Membro suplente)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela rica orientação, pela amizade e pelo acolhimento desde que cheguei a Rio Preto. Obrigado por me ensinar tanto, dentro e fora da universidade!

À minha coorientadora, professora Dra. Gisele Cássia de Sousa, agradeço pelas leituras criteriosas e pelas contribuições sempre pertinentes ao longo deste percurso.

À professora Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão, minha orientadora de TCC e presença fundamental na minha trajetória acadêmica, agradeço por aceitar, com tanta gentileza, compor as bancas de qualificação e defesa. Seu modo de enxergar a língua me inspira!

Ao professor Dr. Marcos Wiedemer, agradeço pela leitura atenta da dissertação e pelos comentários precisos, que muito contribuíram para o aprimoramento deste trabalho. Sua presença nas bancas foi motivo de muito aprendizado.

À professora Dra. Rosane de Andrade Berlinck, agradeço por ter dedicado seu tempo para debater meu trabalho durante o Simpósio de Estudos Linguísticos (SELin).

Aos colegas do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), registro minha gratidão pelas partilhas acadêmicas. Em especial, à professora Dra. Solange de Carvalho Fortilli, pelas contribuições precisas nas conversas nos corredores dos eventos; a Júnior Prezotto e Marcelo Faria, pelas discussões intensas — e por vezes fervorosas — que ajudaram a amadurecer minhas ideias e inquietações teóricas.

Agradeço a todos os amigos do PPGEL, pela convivência e apoio mútuo, tornando o cotidiano mais leve.

Aos servidores técnico-administrativos da Seção Técnica de Pós-Graduação da Unesp, Câmpus de São José do Rio Preto, pela disposição.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (Processo nº. 88887.831293/2023-00).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar construções com o verbo *chegar*, procurando-se evidenciar o Esquema Imagético de Trajetória que está na base conceitual dessas construções. Teoricamente, o trabalho assenta-se nos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016) e em sua abordagem construcional da gramática (Traugott; Trousdale, 2021; Goldberg, 1995), que concebe a língua como um inventário de construções organizadas em redes. Além disso, recorre também à Linguística Cognitiva e à noção de Esquema Imagético de Trajetória ou Jornada (Johnson, 1987), o qual motiva a conceptualização das construções com o verbo *chegar*. Para o alcance do objetivo proposto, metodologicamente, utilizam-se amostras de fala do interior paulista, pertencentes ao Banco de Dados Iboruna (Projeto ALIP – Gonçalves, 2007), a partir das quais são identificados cinco padrões construcionais distintos com o verbo *chegar*, analisados com base nos seguintes critérios: (i) frequência *token*, com 1.559 ocorrências; (ii) frequência *type*, com cinco microconstruções (MicroCx) distintas, a saber: a) MicroCx-1 [[SUJEITO] + [CHEGAR] (+[EXPRESSÃO ADVERBIAL]]]_{TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL}]; b) MicroCx-2 [[CHEGAR] + [SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}]; c) MicroCx-3 [[SUJEITO] + [CHEGAR (+[PREP] +) V2_{INF}]]_{AUXILIARIZAÇÃO}]; d) MicroCx-4 [[SUJEITO] + [CHEGAR + ([e] +) V2]]_{FOCALIZAÇÃO}]; e e) MicroCx-5 [[SUJEITO] + [CHEGAR_{FIN}]]_{INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO}]; (iii) traço semântico e animacidade do sujeito; (iv) tipo e estrutura da expressão adverbial; (v) configuração semântica do complemento locativo; (vi) grau de concretude do movimento; (vii) presença de negação em construções auxiliares; (viii) tipo semântico-pragmático do segundo verbo (V2); (ix) tempo e modo do verbo *chegar*; e (x) tipo textual em que as construções ocorrem. As análises revelam que essas construções compartilham um mesmo esquema conceitual de Trajetória, mas diferem quanto ao perfilamento de seus componentes — Origem, Trajeto, Destino ou Cena Enunciativa — e quanto ao grau de gramaticalização e abstração de cada construção. Observa-se predomínio de sujeitos [+humano] e do tipo semântico *Indivíduo*, com maior diversidade nas construções de base mais prototípica. A MicroCx-1 destacou-se por sua produtividade: apresentou maior variedade de tempos e modos verbais, ampla distribuição em gêneros textuais e diversidade de preenchimentos semânticos. Em contrapartida, as demais microconstruções demonstraram especializações funcionais: a MicroCx-2 atua na introdução de marcadores temporais e novos participantes; a MicroCx-3 codifica aspecto resultativo e contraexpectativa; a MicroCx-4 enfatiza eventos comunicativos, especialmente com verbos *dicendi*; e a MicroCx-5 opera como marcador discursivo voltado à cena enunciativa. Tais padrões evidenciam que a

multifuncionalidade do verbo *chegar* está estruturada pela sua função em construções distintas, cada uma com suas configurações forma-função e seus mecanismos específicos de perfilamento no esquema imagético.

Palavras-chave: verbo chegar; esquema imagético de trajetória; modelos baseados no uso.

ABSTRACT

This study aims to describe and analyze constructions with the verb *chegar* ("to arrive") in Brazilian Portuguese, highlighting the Image Schema of Trajectory that underlies the conceptual organization of these constructions. Theoretically, the research is grounded in Usage-Based Models (Bybee, 2016) and their constructional approach to grammar (Traugott & Trousdale, 2021; Goldberg, 1995), which view language as an inventory of constructions organized in networks. It also draws on Cognitive Linguistics, particularly the notion of the Image Schema of Trajectory or Path (Johnson, 1987), which motivates the conceptualization of events involving *chegar*. The data were drawn from spontaneous speech samples from the interior of São Paulo, available in the Iboruna Database (ALIP Project – Gonçalves, 2007). Based on these data, five distinct constructional patterns with *chegar* were identified and analyzed according to the following criteria: (i) token frequency (Bybee, 2007), resulting in 1,559 occurrences; (ii) type frequency, identifying five microconstructions: a) MicroCx-1 [[SUJEITO] + [CHEGAR] (+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL; b) MicroCx-2 [[CHEGAR] + [SUJEITO]]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO; c) MicroCx-3 [[SUJEITO] + [CHEGAR (+[PREP] +) V2_{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO; d) MicroCx-4 [[SUJEITO] + [CHEGAR + ([e] +) V2]]FOCALIZAÇÃO; and, e) MicroCx-5 [[SUJEITO] + [CHEGAR_{FIN}]] INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO; (iii) semantic traits of the subject (animacy and entity type); (iv) adverbial expression type and structure; (v) semantic configuration of the locative complement; (vi) concreteness of the motion event; (vii) presence of negation in auxiliary constructions; (viii) semantic-pragmatic type of V2; (ix) tense and mood of *chegar*; and (x) textual genre. The analyses revealed that although these constructions share the same conceptual schema of Trajectory, they differ in terms of which components are profiled — Origin, Path, Destination, or Enunciative Scene — and in their degrees of grammaticalization and abstraction. Subjects were predominantly [+human] and of the semantic type *Individual*, with greater diversity in more prototypical constructions. The Circumstantial Transitive Construction (MicroCx-1) proved to be the most productive and versatile, displaying a wide range of verbal tenses and moods, distribution across various textual genres, and flexible semantic filling of trajector and destination. In contrast, the other microconstructions showed functional specialization: MicroCx-2 introduces temporal markers and new discourse participants; MicroCx-3 encodes aspectual readings of result or counterexpectation; MicroCx-4 emphasizes communicative events (primarily dicendi verbs); and MicroCx-5 functions as a discourse marker focused on enunciative transitions. These findings demonstrate that the multifunctionality of the verb

chegar is shaped by the activation of distinct constructional patterns, each with specific form-function configurations and mechanisms of conceptual profiling based on the Image Schema of Trajectory.

Keywords: verb *chegar*; trajectory imagery schema; usage-based models.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organização hierárquica do campo construcionista	29
Figura 2 – Representação simbólica da Construção	30
Figura 3 – Relações hierárquicas da construção	31
Figura 4 – Abstratização e Categorização de construções	35
Figura 5 – Arranjo de Visualização	40
Figura 6 – Esquema Imagético de Trajetória (Johnson, 1987)	42
Figura 7 – Rede Construcional [(X) CHEGAR SN] _{FOC}	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquemas Imagéticos	42
Quadro 2 – Funções reconhecidas para o verbo <i>chegar</i> na literatura	50
Quadro 3 – Classificação semântico-pragmática de verbos	59
Quadro 4 – Classificação semântico-pragmática de verbos	92
Quadro 5 – Resumo das similaridades e diferenças das Microconstruções com <i>chegar</i>	100
Quadro 6 – Possibilidades de preenchimento e perfilamento dos EI.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra Iboruna (Wiedemer, 2013).....	47
Tabela 2 – Verbo <i>chegar</i> e as noções de espaço, tempo e novidade	49
Tabela 3 – Frequência Type e Token de Microconstruções com o verbo <i>chegar</i>	63
Tabela 4 – Configuração semântica do complemento circunstancial de <i>chegar</i>	69
Tabela 5 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal em MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])][TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL]	72
Tabela 6 – Referencialidade do Sujeito e traço de animacidade em MicroCx[[CHEGAR]+[SUJEITO]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]	76
Tabela 7 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]	78
Tabela 8 – Tipo semântico-pragmático de V2	82
Tabela 9 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[PREP]+)V2 _{INF}][AUXILIARIZAÇÃO]	84
Tabela 10 – Tipo semântico-pragmático de V2 em construções do tipo Foi e Fez com <i>chegar</i>	87
Tabela 11 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[e]+)V2]][FOCALIZAÇÃO].....	88
Tabela 12 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de Microconstruções MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR _{FIN}][INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO].....	91
Tabela 13 – Traço semântico de animacidade do Sujeito nas MicroCx com <i>chegar</i>	93
Tabela 14 – Tipo semântico-pragmático de V2 nas MicroCx 3 e nas MicroCx 4	94
Tabela 15 – Tipo textual em que as MicroCx com <i>chegar</i> se manifestam	95
Tabela 16 – Tempo e Modo de <i>chegar</i> nas MicroCx analisadas.....	96
Tabela 17 – Configuração semântica do Trajetor	98
Tabela 18 – Configuração semântica do Destino.....	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1	OS MODELOS BASEADOS NO USO (MBU)	23
2.2	CONSTRUÇÃO E REDE DE CONSTRUÇÕES	28
2.3	SEMÂNTICA ESPACIAL	36
2.4	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	41
2.4.1	Esquema Imagético de Trajetória	42
2.5	ESTUDOS ANTERIORES SOBRE CONSTRUÇÕES COM O VERBO <i>CHEGAR</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	45
2.6	RESUMO: REFERENCIAL TEÓRICO	50
3	METODOLOGIA	52
3.1	O <i>CORPUS</i>	52
3.2	OS DADOS	52
3.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	54
4	AS MICROCONSTRUÇÕES COM O VERBO <i>CHEGAR</i>	61
4.1	TIPOS DE MICROCONSTRUÇÕES COM O VERBO <i>CHEGAR</i>	61
4.1.1	Microconstrução transitiva circunstancial	63
4.1.2	Microconstrução de apresentação/focalização	72
4.1.3	Microconstrução de auxiliarização	78
4.1.4	Microconstrução de focalização/dramatização	85
4.1.5	Microconstrução introdutora de discurso relatado	89
4.2	SIMILARIDADES E DIFERENÇAS ENTRE AS MICROCONSTRUÇÕES	92
4.2.1	Animacidade do Sujeito nas Microconstruções com <i>chegar</i>	92
4.2.2	Tipo de V2 nas Microconstruções com <i>chegar</i> seguido de V2	93
4.2.3	Tipo textual em que as Microconstruções com <i>chegar</i> se manifestam	95
4.2.4	Tempo e Modo do verbo <i>chegar</i> nas Microconstruções	96
4.2.5	Tipo semântico de Trajetor e Destino nas microconstruções	97
4.3	PERFILAMENTOS DO ESQUEMA IMAGÉTICO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DAS MICROCONSTRUÇÕES COM <i>CHEGAR</i>	101

4.3.1	Descrição da Transformação interna do Esquema Imagético de Trajetória.....	102
4.4	RESUMO: PROPRIEDADES DAS MICROCONSTRUCÇÕES COM O VERBO <i>CHEGAR</i>	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	124
	DADOS CURRICULARES	129

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas na área de linguística que tratam do fenômeno da multifuncionalidade de formas/construções não são novidades. Por muito tempo, diversas abordagens se debruçaram (e ainda se debruçam) sobre a descrição de expressões linguísticas que funcionam de diferentes modos em diferentes contextos de uso. Uma justificativa geral para essas pesquisas está no entendimento de que a língua não é estática e, por isso, seu dinamismo permite mudanças de significados de determinadas expressões, as quais são motivadas por diferentes fatores.

Uma unidade linguística multifuncional é aquela que apresenta uma única forma associada a mais de uma função na língua, e essas funções estão relacionadas ao polo do significado dos itens linguísticos. Conforme Bybee (2016), “os significados desenvolvidos para o uso na língua surgem porque o significado é sempre situado no contexto. O contexto é determinado social e cognitivamente” (p. 96). A multifuncionalidade, nesse sentido, decorre do uso da língua em diferentes contextos, nos quais os significados e funcionalidades se reorganizam de modo dinâmico.

Um conceito próximo ao de multifuncionalidade é o de polissemia, que, segundo Silva (2006), refere-se à “associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística” (p. 10). Logo, a polissemia está centrada na variação de sentidos, enquanto a multifuncionalidade diz respeito às funções que uma forma pode exercer em construções distintas.

Essa diferenciação também está relacionada ao princípio da não-sinonímia proposto por Goldberg (1995), segundo o qual construções formalmente distintas devem apresentar distinções semânticas ou pragmáticas. Nas palavras da autora, “O Princípio da Não Sinonímia: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semanticamente ou pragmaticamente distintas” (Goldberg, 1995, p. 67, tradução nossa).¹ Assim, mesmo construções aparentemente equivalentes carregam diferenças de significado, de uso ou de foco informacional que justificam sua coexistência na gramática da língua.

Neste trabalho, multifuncionalidade é entendida como a capacidade de uma forma linguística de integrar diferentes construções, assumindo funções diversas a partir de sua recorrência em contextos de uso.

Antes de apresentarmos as construções multifuncionais com o verbo *chegar*, é necessário considerar as funções tradicionalmente atribuídas aos verbos no funcionamento da

¹ No original: The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct.

língua. Essa delimitação serve como base para observar, ao longo da análise, quais funções estão associadas ao verbo *chegar*, e em que medida elas se aproximam ou se distanciam de funções mais prototípicas desse verbo. Ilari e Basso (2008, p. 164–168) propõem oito funções para a palavra verbal:

1. fornecer uma matriz para a construção de sentenças;
2. estabelecer perspectivas para os Estados de Coisas;
3. carregar a categoria dêitica de pessoa;
4. indicar o tempo de realização do Estado de Coisas, se anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala;
5. descrever uma estrutura interna constituída por momentos (Aktionsart);
6. refletir a escolha do falante quanto à forma de representação do Estado de Coisas (aspecto);
7. expressar informações de caráter modal por meio das desinências;
8. possibilitar a expressão do sujeito como agente ou paciente da ação, conforme a voz verbal.

Na literatura gramatical, o verbo *chegar* é frequentemente classificado como intransitivo, uma vez que, segundo essa perspectiva, não seleciona objeto direto ou indireto. Essa classificação pode ser encontrada, por exemplo, em Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), que consideram *chegar* um verbo que expressa ação completa sem a necessidade de um complemento que especifique seu sentido. No entanto, há autores como Kury (2006) que propõem uma ampliação do conceito de transitividade, reconhecendo que alguns verbos tradicionalmente considerados intransitivos — entre os quais *chegar* — selecionam complementos adverbiais essenciais, especialmente de lugar. O autor os denomina tais verbos de “transitivos circunstanciais”, com base na seguinte definição:

Certos verbos de movimento ou de situação (como chegar, ir, partir, seguir, vir, voltar; estar, morar, etc.) quando pedem um COMPLEMENTO ADVERBIAL DE LUGAR que lhes integre o sentido, embora tradicionalmente classificados como intransitivos, devem ser considerados transitivos desde que se entenda por TRANSITIVIDADE a necessidade de um complemento “que vem acabar uma ideia insuficiente em si mesma” (Kury, 2006, p. 32).

Essa concepção abre espaço para uma análise em que constituintes da oração tradicionalmente tratados como adjuntos passam a ser considerados argumentos exigidos pelo verbo, dependendo da construção. Em termos semânticos, Meireles e Cançado (2017) classificam o verbo *chegar* como *verbo de trajetória*, assim como “adentrar, atravessar, avançar, descer, desembarcar, embarcar, entrar, ir, partir, recuar, regressar, retornar, sair, subir,

vir e voltar”. Corrêa e Cançado (2006) classificam-no também como um verbo *achievement*, uma vez que denota um evento de momento único.

Ao considerarmos as construções com o verbo *chegar*, objeto desta pesquisa, observamos sua multifuncionalidade, instanciadas por diferentes tipos construcionais identificados por pareamentos distintos entre forma e significado. Essa multifuncionalidade se manifesta em diferentes níveis de funcionamento linguístico: no nível sintático-semântico, *chegar* pode funcionar como verbo transitivo circunstancial, haja vista (1), ou como verbo auxiliar, conforme (2); no nível discursivo e pragmático, a forma verbal pode operar como mecanismo de introdução de referente novo no discurso, como em (3), como recurso de focalização do segundo verbo da construção, vide (4), ou ainda como marcador discursivo, a exemplo de (5).

- (1) aí **chegamos no hospital** e internei... aí todas as mulheres... assim que estavam do meu lado sentia dores... a bolsa já tinha rompido e a minha NAd Doc.: mas você num sentia dor? [BDI - AC-036; NE: L. 46-51]
- (2) Inf.: 13[é::] ((risos)) é briguinha que acontece no meio da família... e é coisa normal né? que acontece... só que nunca chegô(u) acontecê(r) de::... da coisa de marCÁ(r) me(s)mo assim nunca **chegô(u) a acontecê(r)** né?... pelo que eu lembro não [BDI - AC-015; NE: L. 218-220]
- (3) aí de repente **chega a irmã** em desespero chorando e tal – “olha a mãe ficô(u) ruim teve uma parada respirató::ria... o caso dela num é tão simples é mais complicado::” [BDI - AC-057; NE: L. 48-58]
- (4) Doc.: então sempre tem que fazê(r) isso?
Inf.: isso aí é praxe isso aí é segu[rança]
Doc.: [é seguran::ça]
Inf.: é segurança isso aí cê tem que fazê(r)... e o quinto PAso... é sinalização... você tá trabalhan(d)o cê tem que sinalizá(r) onde você tá trabalhan(d)o ali em vol::ta... com faixas... de sinalização você sinalizando todinho ali... num tem... perigo de você **chegá(r) e subí(r)** num o(u)tro equipamento que tá energizado... [cê] [Doc.: hum::] trabalha dentro d’uma área... demarcada [BDI - AC-139; RP: L. 363-370]
- (5) então **ele chegava** –“T. T.... cê qué(r) uma/ qué(r) uma aguinha geladinha? [BDI - AC-109; NE: L. 135-145]

Em (1), há uma função sintática de base transitiva circunstancial, determinada pela estrutura argumental do verbo, que exige um Sujeito (marcado pela desinência verbal em primeira pessoa do plural em *chegamos*) e um complemento adverbial de lugar (*no hospital*). Em (2), *chegar* assume função aspectual ao atuar como verbo auxiliar de *acontecer*, sem predicar diretamente na oração. Em (3), o verbo predica sobre um Sujeito em posição pós-verbal, introduzido como referente novo no discurso. Em (4), embora não exerça papel de predicado nem funcione como auxiliar, *chegar* opera como focalizador do segundo verbo da construção (*subir*). Em (5), introduz um discurso relatado, funcionando como marcador

discursivo associado à performance do ato de fala. Essas cinco funções exercidas pelo verbo *chegar* nortearão as discussões promovidas nesta dissertação.

Selecionamos alguns estudos que têm investigado construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva funcional. Rodrigues (2006) analisa construções formadas por *chegar* seguido de outro verbo (V2), distinguindo-as de construções sequenciais e mostrando que *chegar*, nesse contexto, atua com valor pragmático que enfatiza ou dramatiza V2. Outros trabalhos abordam o comportamento *semiauxiliar* do verbo: Pena-Ferreira (2007) associa esse uso a funções discursivas como marcação de mudanças temporais, situações-limite e efeitos de contraexpectativa; Bertucci (2007) aponta o papel do verbo na expressão de gradação; e Fortunato (2009) observa a expansão de seu uso desde ações físicas até eventos mais abstratos. Marques (2009) distingue construções com um ou dois argumentos, relacionando-as à noção de ponto atingido em dimensões diversas (como preço ou posição). Wiedemer (2013), por sua vez, como parte do estudo mais abrangente de verbos de movimento, analisa a regência de *chegar*, destacando a recorrência de sua combinação com a preposição *em* como forma de codificar o destino final de um deslocamento. Nunes (2014) interpreta *chegar* como um operador argumentativo dentro de uma escala, vinculando esse uso a estruturas metafóricas como a da balança. A perspectiva histórica é retomada por Moreira (2021), que investiga a gramaticalização de *chegar* como elemento consecutivo em conectores como “que chega a”. Freitas *et al.* (2022) analisam construções com função de focalização de eventos ou elementos novos no discurso. Por fim, Galvão e Abraçado (2024) observam que, no gênero publicitário, o verbo *chegar* expressa sentidos ligados não só ao espaço, mas também ao tempo e à novidade.

Mais especificamente, esta dissertação contribui para a descrição e análise das construções com o verbo *chegar* a partir de uma perspectiva funcional-cognitiva, alinhada aos Modelos Baseados no Uso e à Gramática de Construções. O diferencial desta pesquisa reside na adoção dos Esquemas Imagéticos de Trajetória — sobretudo os componentes Origem, Trajeto, Trajetor e Destino — como ferramenta analítica do correlato conceptual das construções com *chegar*. Soma-se a isso a utilização de amostras de fala do interior paulista (Gonçalves, 2007) como base de investigação empírica.

O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar as construções com o verbo *chegar* no português brasileiro falado, encarecendo as propriedades morfológicas, sintáticas e semântico-discursivas que emergem do uso. O polo do significado das construções com o verbo é caracterizado à luz do Esquema Imagético (EI) de Trajetória, ou Jornada (Johnson, 1987), que compreende perfilamentos de Origem, Trajeto e/ou Destino de um Trajetor, tornados salientes nas diferentes construções com o verbo.

Para a investigação proposta, adotamos como referencial teórico-metodológico os Modelos Baseados no Uso (MBU), um conjunto de abordagens de natureza cognitivo-funcional que compartilham a concepção de que a língua é um sistema adaptativo complexo, que comporta simultaneamente padrões estáveis, variação e gradiência (Bybee, 2016). Esses modelos adotam uma abordagem *bottom-up*, partindo do uso linguístico concreto para a construção de representações cognitivas mais abstratas, buscando explicar as bases cognitivas da gramática. Entre os quadros teóricos alinhados aos MBU, destaca-se o da Gramática de Construções, que tem como unidade de análise a construção, entendida como o pareamento indissociável entre forma e função (Croft, 2001; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021). Nessa perspectiva, a gramática de uma língua é concebida como um inventário de construções organizadas em redes, cujos elementos estão interconectados por diversos elos. Como parte desse referencial, também se incluem os Esquemas Imagéticos (EI), que fornecem uma base cognitiva para a organização e motivação das construções analisadas nesta dissertação.

Proposto por Johnson (1987), os Esquemas Imagéticos são estruturas cognitivas emergentes que se desenvolvem a partir das interações sensório-motoras do indivíduo com o mundo, ou seja, são correlatos conceptuais das experiências, e motivam a produção de determinados padrões linguísticos. Nesta pesquisa, olhamos para este correlato, os EI, por meio das microconstruções com verbo *chegar* e, a partir disso, descrevemos as partes que o compõem e suas possíveis transformações. Assim, com base no EI Trajetória, possivelmente explicativo dos diferentes significados de construções com o verbo *chegar*, apreendemos significações que vão da codificação de relações mais concretas a mais abstratas, como mostram as ocorrências exemplificativas de (6) a (10).

- (6) eu tava com muita fome eu **tinha chegado da esco::la**... [BDI - AC-008; NR: L.53-55]
- (7) Inf.: ah ganha quando cê fizé(r) doze/... doze ponto... [Doc.: hum]... a hora que **chegá(r) no onze** aí cê tem as carta... aí cê tem a carta boa se cê tivê(r) duas manilha grande cê já pode mostrá(r) na mesa que cês ganhô(u) a partida... aí::... tem os o(u)tros se cada uma que cê fô(r):: ((ruído)) seis ponto que cê perde... até::... aí a hora que se **chegá(r) nas onze** se os dois tivê(r) com onze ponto... aí nenhum pode virá(r) as carta do o(u)tro [Doc.: hum]... tem que sê(r) cada um por si... e só no sinal aí quem fizé(r) doze ponto prime(i)ro ganha [BDI - AC-065; RP: L. 263-269]
- (8) Inf.: olha isso ela num num me falô(u) viu?... eu num **cheguei a perguntá(r)** o que que ela ti::nha [BDI - AC-065; NR: L. 115]
- (9) aí **chegô(u) um monte de policial::** aí eles viram... que o carro que tinham sido ro(u)bado... [BDI - AC001; NE: L. 32-44]
- (10) na hora que minha mãe saiu lá fora assim sorte que a mulher tava lá esperan(d)o ela nem lembrava pra que mulher que ela tinha entrega::do... a mulher **chegô(u) assim e falô(u)** – “toma que o filho é teu”– [BDI - AC-044; RP: L. 87-99]

Em (6), a construção codifica o deslocamento de um referente (*eu*) de um lugar de origem (*escola*) a um lugar de destino, não explicitado; em (7), o destino (*onze pontos*) é um objetivo perspectivizado² pelo enunciador; em (8), um referente (*eu*) atinge ou não a realização de um estado de coisas pretendido (*perguntar*); em (9), um referente novo no discurso (*um monte de policial*) é focalizado como entidade que se desloca em direção ao enunciador; e em (10), o que se focaliza é um ato de fala reportado (*falou – “toma que o filho é teu”*) direcionado a um interlocutor.

Assumimos, por hipótese, que os diferentes significados instanciados nas construções com *chegar* sejam acionados pelo mesmo EI de Trajetória, ORIGEM – TRAJETO – DESTINO, o qual permite ao falante replicar cognitivamente suas experiências do mundo extralinguístico e transpô-las para a língua em uso, na formação de diferentes construções na língua. Nessa transposição, cognitivamente motivada, informações sensoriais advindas de aspectos visuais e espaciais de um objeto, cena ou evento seriam condensadas em uma representação mental mais simples (Oakley, 2007), isto é, *a experiência concreta é condensada em estruturas cognitivas abstratas*, e essas estruturas permitem a projeção para domínios linguísticos

Metodologicamente, para a composição do *corpus* desta pesquisa, recorreremos ao Banco de Dados Iboruna, do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (Gonçalves, 2007), mais especificamente à Amostra Censo, que se compõe de 151 entrevistas sociolinguisticamente controladas. A análise dos dados envolve o levantamento da produtividade de diferentes construções formadas com o verbo *chegar*, com base na frequência de tipo (*type*) e de uso (*token*) (Bybee, 2007; Traugott; Trousdale, 2021). Para isso, são mobilizados critérios que permitem descrever e categorizar as construções quanto a aspectos morfossintáticos e semântico-discursivos, como: animacidade e tipo semântico do Sujeito; tempo e modo verbal; tipo semântico-pragmático de V2 em construções complexas; tipo textual, entre outros. A partir desses critérios, identificamos um conjunto de construções que se agrupam segundo semelhanças formais e funcionais, revelando diferentes padrões construcionais associados ao verbo *chegar*.

Além desta introdução, esta dissertação se divide em três seções principais: na primeira seção, fazemos uma breve exposição teórica dos Modelos Baseados no Uso e teorias complementares, a fim de embasarmos teoricamente a análise dos padrões construcionais com o verbo *chegar*; na segunda seção, dedicada à metodologia, detalhamos o *corpus* utilizado, assim como as fases do desenvolvimento da pesquisa, justificando a escolha de cada parâmetro

² Há trabalhos na literatura que utilizam o termo “perspectivado”. Neste trabalho, contudo, assumiremos os termos “perspectivizado”, assim como “perspectivizador”.

de análise; e, por fim, na terceira seção, apresentamos os resultados das análises das diferentes construções com o verbo *chegar*, mostrando as especificidades de cada padrão construcional, assim como suas similaridades e diferenças. Reservamos a última seção às nossas considerações finais fecham esse texto as referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, exploramos as concepções teóricas dos Modelos Baseados no Uso (MBU). Iniciamos com uma breve explicação sobre as duas principais correntes teóricas que deram origem aos MBU: a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva. Em seguida, apresentamos os principais conceitos dos MBU que fornecem a base teórica para os métodos adotados nesta pesquisa. Também discutimos noções fundamentais da Gramática de Construções, como a ideia de construção, redes e *links*. Abordamos, em seguida, alguns conceitos da Semântica Espacial e dos Esquemas Imagéticos de Trajetória que utilizamos para descrever aspectos relacionados à conceptualização de construções com o verbo *chegar*. Por fim, retomamos o *estado da arte* das construções com o verbo *chegar* no Português Brasileiro, com o propósito de demonstrar como esta dissertação dialoga com estudos anteriores e, ao mesmo tempo, propõe um aprofundamento de análise centrado no correlato conceptual das construções com *chegar*.

2.1 OS MODELOS BASEADOS NO USO (MBU)

Os Modelos Baseados no Uso (MBU) situam-se dentro do paradigma funcionalista da linguagem, que enfatiza a análise da língua em seus contextos de uso para compreender seu funcionamento na interação entre os falantes. Diferentemente de uma visão modular da linguagem, que está na teoria gerativa, por exemplo, o funcionalismo não separa a sintaxe dos demais níveis de análise. Ao contrário, entende que fonemas, morfemas, sintagmas e orações operam de maneira integrada na produção de sentido, promovendo a construção do discurso.

O Funcionalismo Norte-Americano, vertente teórica da qual os MBU se originam, foca na descrição da língua e busca os fatores que motivam as produções linguísticas. Entre os principais teóricos dessa abordagem estão Talmy Givón, Wallace Chafe, Sandra Thompson, Paul Hopper e Elizabeth Traugott, que atuam em universidades da Costa Oeste dos Estados Unidos, razão pela qual essa vertente do funcionalismo é algumas vezes referida como o “funcionalismo da Costa Oeste americana”. Em sua busca por motivações para as ocorrências linguísticas, essa corrente do funcionalismo se desenvolveu inicialmente com ênfase em explicar a variação e a mudança linguística, adotando também o paradigma da Gramaticalização (Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p. 19). Posteriormente, estendeu o foco em busca de motivações de natureza cognitiva, dando ênfase a processos cognitivos como

explicativos dos sistemas linguísticos, em um claro “casamento”, portanto, com abordagens da Linguística Cognitiva.

A Linguística Cognitiva (LC) compartilha com o funcionalismo da Costa Oeste americana a característica de ser um paradigma formado por diferentes vertentes, ao invés de ser constituído por uma única teoria. Seu objetivo central é entender a língua como um instrumento para organizar, processar e transmitir informações. Nessa perspectiva, as formas linguísticas refletem conceptualizações mentais, motivadas pela experiência do falante no mundo. A LC considera o comportamento linguístico como um reflexo das capacidades cognitivas humanas, de modo que as construções linguísticas são vistas como esquemas cognitivos, desenvolvidos e automatizados à medida que os falantes aprendem a usar sua língua. Uma definição proposta por Geerarts e Cuyckens (2007) é de que:

A Linguística Cognitiva é o estudo da linguagem em sua função cognitiva, onde o “cognitivo” se refere ao papel crucial das estruturas informacionais intermediárias em nossas experiências com o mundo. [...] focando na linguagem natural como um meio de organizar, processar e transmitir essa informação. A linguagem, então, é vista como um repositório de conhecimento de mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e armazenar informações sobre as antigas (Geerarts e Cuyckens, 2007, p. 5).³

A LC se desenvolveu a partir dos trabalhos de autores como Charles Fillmore, George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy. Embora utilizassem métodos de análise distintos, esses estudiosos compartilhavam o mesmo objetivo: investigar o sistema conceptual dos falantes de línguas naturais (Pinheiro; Ferrari, 2020). Nessa perspectiva, a língua corresponde a um conjunto estruturado de significados moldados pelas novas experiências e pelo armazenamento de informações na memória dos falantes. Os significados, sendo o principal objeto de estudo da Linguística Cognitiva, ocupam uma posição central nessa perspectiva teórica. Para esse paradigma, o significado é parte fundamental da arquitetura gramatical, sendo de natureza cognitiva, não uma simples relação entre a linguagem e o mundo (Verhagen, 2007).

Para os cognitivistas, o conhecimento linguístico dos falantes vai além de definições formais de palavras, como em um dicionário, estando profundamente enraizado nas experiências de vida. Esse entendimento dialoga com a filosofia experiencialista, que propõe que o conhecimento humano se constrói a partir da interação entre o indivíduo e seu ambiente (Ferrari, 2011).

³ Cognitive Linguistics is the study of language in its cognitive function, where cognitive refers to the crucial role of intermediate informational structures in our encounters with the world [...] by focusing on natural language as a means for organizing, processing, and conveying that information. Language, then, is seen as a repository of world knowledge, a structured collection of meaningful categories that help us deal with new experiences and store information about old ones.

Dada a convergência teórica entre Cognitivismo e Funcionalismo, os Modelos Baseados no Uso emergem nesse espaço comum. Nesse quadro teórico, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo que comporta, ao mesmo tempo, padrões estáveis, variações e gradiência (Bybee, 2016). O termo “Modelos Baseados no Uso” (MBU) foi introduzido por Langacker, em 1987, na obra *Foundation of Cognitive Grammar*. Nas palavras do autor:

Uma motivação para este rótulo é a afirmação de que os eventos de uso são a fonte de todas as unidades linguísticas. A relação entre as unidades e os eventos de uso que as geram é fortemente restringida pelo requisito de conteúdo. De acordo com o requisito de conteúdo, as unidades são limitadas a estruturas que surgem de eventos de uso por meio de dois processos cognitivos básicos: esquematização e categorização (Langacker, 2008, p. 220, tradução nossa).⁴

Segundo Langacker (2008), no desenvolvimento da Gramática Cognitiva, três características são essencialmente definidoras de um MBU: i) é um modelo de gramática maximalista e generalista — ou seja, um modelo que busca a maximização por abstração para encontrar as motivações cognitivas dos usos da língua; ii) é um modelo não redutivo — cada uso, por mais gradiente que seja é motivado; iii) é um modelo *bottom-up* — ao partirmos do uso linguístico, padrões gerais são abstraídos de padrões específicos que surgem na experiência com o uso da língua. Um MBU é aquele em que o sistema linguístico é fundamentalmente baseado em eventos de uso: instâncias de produção e compreensão da língua por um falante (Barlow e Kemmer, 2000). Sob essa compreensão, o objetivo geral dos MBU é o desenvolvimento de uma teoria dinâmica que consiga abarcar as diferentes produções linguísticas e explicar os processos cognitivos que motivam o surgimento e o uso de construções, resultantes de pareamentos de forma e significado (Diessel, 2023).

Dentre os nove princípios postulados pelos Modelos Baseados no Uso, trataremos de seis, a fim de delimitar, neste capítulo teórico, apenas o necessário para a compreensão do fenômeno aqui estudado. De acordo com Barlow e Kemmer (2000), são princípios dos MBU:

- i) **frequência de uso:** entende-se que quanto mais determinada construção é usada pelos falantes, mais o sistema linguístico é moldado, e essa rotinização afeta o modo de processamento.
- ii) **compreensão e produção integradas:** nos MBU, não se admite separação entre estrutura e atos de processamento mental, pois o desempenho (o uso) é parte da competência (o sistema).

⁴ No original: One motivation for this label is the claim that usage events are the source of all linguistic units. The relationship between units and the usage events that spawn them is tightly constrained by the content requirement. According to the content requirement, units are limited to structures that arise from usage events through two basic cognitive processes: schematization and categorization.

- iii) **emergência das representações linguísticas:** construções linguísticas não são armazenadas como unidades estáticas e independentes, mas são dinamicamente construídas a partir de associações e relações entre elementos linguísticos e conceituais na mente do falante. À medida que há interação com a linguagem e o mundo, ativam-se padrões cognitivos relevantes, e esses moldam nossa expressão e compreensão linguística.
- iv) **importância de dados de uso:** a valorização dos dados de uso, por recurso a *corpora* como fonte de pesquisa, é crucial para uma abordagem linguística mais empiricamente fundamentada e que leve em consideração a diversidade e a dinâmica da linguagem em contextos autênticos.
- v) **uso, variação sincrônica e mudança diacrônica:** o uso constante da língua pelos falantes é o que impulsiona a mudança linguística ao longo do tempo. As motivações perceptuais e produtivas desempenham um papel importante na direção que essas mudanças tomam em cada um de seus estágios.
- vi) **o papel do contexto:** para compreender o significado de uma construção linguística, é essencial levar em conta o contexto em que ela é utilizada e as representações cognitivas abstraídas da experiência do falante.

A partir de alguns desses princípios, Bybee (2016) caracteriza a língua como um sistema adaptativo complexo constituído por mudanças motivadas por diferentes fatores cognitivos. A autora explica que:

Os processos que geram as estruturas linguísticas são específicos à linguagem ou são processos que também se aplicam a outros domínios cognitivos? A melhor estratégia para responder essa questão é começar primeiro com processos de domínio geral e ver quanto da estrutura linguística pode ser explicada sem postular processos específicos à língua. Se essa tarefa for parcialmente bem-sucedida, teremos afunilado os processos possíveis que têm de ser específicos à língua. (Bybee, 2016; p. 25).

Nessa dualidade estabelecida por Bybee, processos específicos à linguagem e processos de outros domínios cognitivos podem ser vistos de forma integrada, pois a linguagem é considerada uma dentre tantas habilidades humanas regidas por princípios cognitivos. Para ilustrar esse postulado, Bybee (2016) faz um paralelo entre processos cognitivos de domínio geral e processos cognitivos específicos à língua, para demonstrar como os processos cognitivos gerais podem explicar os específicos à linguagem.

O primeiro desses processos é a **Categorização**. Como processo cognitivo de domínio geral, refere-se à capacidade do ser humano de categorizar suas experiências decorrentes do contato com o mundo físico (objetos, pessoas, sensações, experiências, etc.). Essa categorização

ocorre por identificação de traços que compõem esses elementos, e, após a identificação desses traços, a cognição tende a agrupar a experiência em um conjunto de exemplares prototípicos da categoria que compartilham o maior número de propriedades. Um exemplo do processo de Categorização, dado por Bybee (2016), ocorre quando “alguns pássaros, como sabiá e pardal, são considerados como mais centrais à categoria do que outros, como, por exemplo, águias e pinguins” (Bybee, 2016, p. 131), ou seja, categorias perceptuais são criadas a partir da experiência do falante com o mundo. Aplicada à linguagem, a categorização faz com que as construções (pareamento indissociável entre forma e significado) sejam aprendidas, armazenadas e processadas por propriedades categoriais de proximidade (ou semelhança).

O segundo desses processos é o **Chunking**. Enquanto processo de domínio geral, diz respeito à rotinização de etapas de um processo complexo que, por serem frequentes, vão se fundindo e sendo processadas como etapa única. Um exemplo desse processo é a explicação de “por que as pessoas se aprimoram em tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática” (Bybee, 2016, p. 26), como ocorre com a atividade de dirigir um automóvel. Na linguagem, o *chunking* agrupa sequências repetidas de palavras ou morfemas em unidades maiores, facilitando seu armazenamento e acesso como blocos únicos.

O terceiro processo é a **Memória enriquecida**. É um processo que diz respeito à memorização das experiências do falante com o mundo. Aplicada à linguagem, é tanto o “estoque” de material linguístico que um falante tem, quanto o que ele utiliza para reconhecer e decodificar o significado das coisas que lhe são ditas, isto é, detalhes fonéticos, itens lexicais, inferências contextuais, entre outros.

Ainda em relação ao processo de memória enriquecida, um conceito muito caro aos MBU é o de **Feixes de exemplares**. Os modelos de feixe de exemplares assumem que toda experiência é estocada na memória. Essa estocagem não se limita a regras abstratas, mas consiste em um vasto conjunto de memórias de ocorrências reais da língua. O processamento de novas informações linguísticas ocorre pela ativação e combinação dessas novas experiências com feixes de exemplares semelhantes que já foram armazenados na mente, formando redes de representações dinâmicas e baseadas no uso frequente. Dessa forma, Bybee (2000) postula que “um exemplar é construído a partir de um conjunto de ocorrências consideradas pelo organismo como as mesmas [ocorrências de experiência linguística] em alguma dimensão” (Bybee, 2016, p. 43).

O quarto processo é o de **Analogia**, que ocorre pelo reconhecimento dos padrões e a aplicação desses padrões a novas experiências. A analogia tem sido estudada em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores. Aplicada à

linguagem, é “o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias” (Bybee, 2016, p. 27). Como envolve reconhecimento de traços comuns a entidades distintas, a analogia envolve categorização.

O quinto processo é o de **Associação transmodal**, que, como domínio geral da cognição, diz respeito à capacidade de relacionar informações de diferentes modalidades sensoriais ou cognitivas, como, por exemplo, associar um som a uma imagem ou associar um gesto a um significado. Aplicando esse processo à linguagem, os falantes associam som com significado; segundo Bybee (2016, p. 314), “se dois símbolos de som-significado (ou palavras) são produzidos em sequência, o cenário está pronto para a elaboração da gramática”.

Trouxemos, nesta subseção, os principais conceitos presentes nos Modelos Baseados no Uso e que nos serão úteis para a descrição e análise das construções com o verbo *chegar*, objeto desta pesquisa.

2.2 CONSTRUÇÃO E REDE DE CONSTRUÇÕES

A Gramática de Construções⁵ constitui uma proposta teórica que se desenvolve em convergência com princípios da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, compartilhando com essas abordagens a compreensão de que a gramática está ligada à cognição, à experiência e ao uso. Nessa perspectiva, a língua é concebida como um inventário de unidades simbólicas. Essa concepção está alinhada aos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (MBU), que consideram a gramática como um sistema emergente, moldado pela frequência de padrões linguísticos em situações de uso.

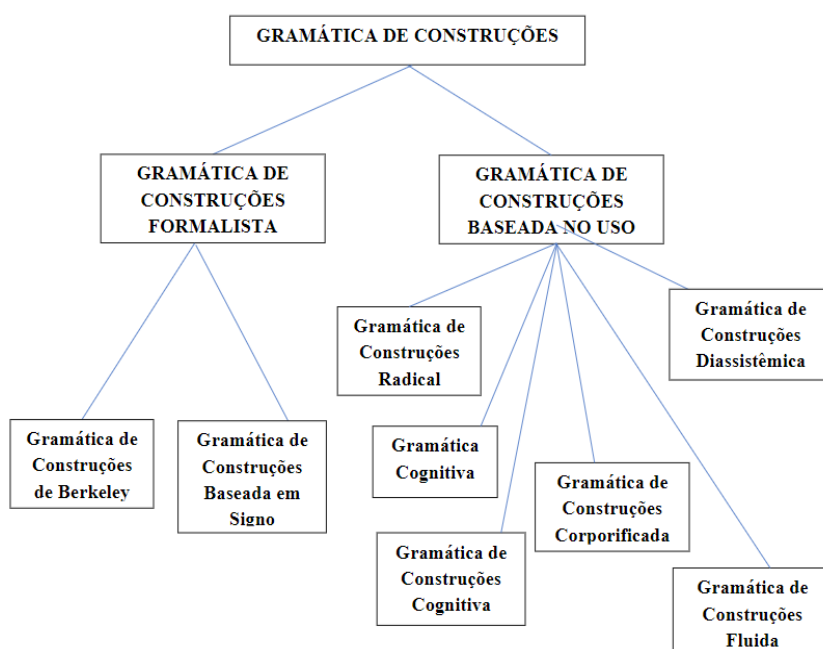
Não há apenas um modelo unificado de Gramática de Construções; ao contrário, diferentes abordagens compartilham de alguns princípios fundamentais, mas também se distinguem em aspectos centrais. De modo geral, esses modelos convergem ao tratar a gramática como um sistema baseado em restrições, e não em regras universais, e ao adotar uma perspectiva holística, em que nenhum nível de análise é considerado autônomo ou superior aos demais. No entanto, o que diferencia os modelos construcionistas são principalmente três aspectos: (i) a concepção das construções como unidades simbólicas com existência independente (Goldberg, 2006); (ii) a representação uniforme da informação gramatical, sem separações rígidas entre léxico e gramática (Croft, 2001; Fried; Östman, 2004; Goldberg, 2013);

⁵ Modelos de Gramática de Construções que se baseiam na língua em uso.

e (iii) a organização taxonômica das construções, que evidencia relações hierárquicas e redes de generalização entre elas (Goldberg, 1995; Langacker, 2000; Croft, 2007; Diessel, 2023).

Diante dos diversos modelos construcionais, observamos que, embora esses modelos sejam proposições para análise de língua natural em contextos de uso, há modelos que priorizam mais a forma linguística — chamados *Modelos de gramática de construções formalistas*, e há modelos que priorizam mais os sentidos de uma construção (ou o pareamento forma/significado de modo equivalente) — chamados *Modelos de gramática de construções baseados no uso*. A figura a seguir ilustra os desdobramentos teóricos da Gramática de Construções, como modelo teórico mais geral.

Figura 1 – Organização hierárquica do campo construcionista



Fonte: Pinheiro, Silva, Freitas (2022, p. 8).

A fim de delimitações, nesta pesquisa, adotamos as abordagens das gramáticas de construções baseadas no uso.

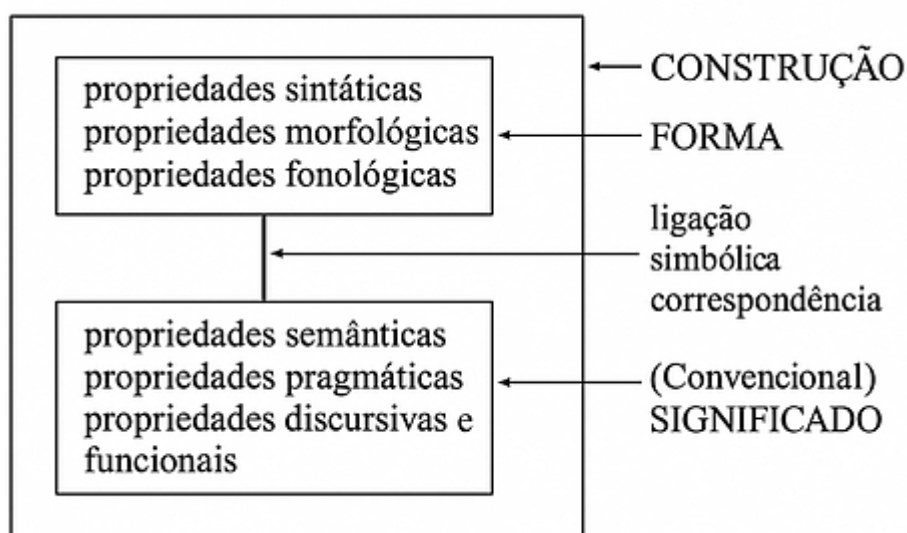
Apesar das diferenças entre as vertentes, há seis pressupostos em comum para os modelos construcionais: i) a unidade básica da gramática é a construção; ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática; iii) língua é uma rede de construções interconectadas por elos; iv) ainda que o modelo trate de propriedades “universais”, como redes, processos cognitivos, organizações de heranças e hierárquicas, a gramática de uma língua e o conhecimento linguístico sobre ela são considerados específicos a cada língua; v) a mudança linguística ocorre na instância do uso; vi) mudança linguística é diferente de inovação, ou seja,

uma inovação pode ser considerada mudança se for compartilhada e empregada pelos indivíduos falantes de determinada língua (Traugott; Trousdale, 2021).

O termo **construções**, o qual utilizamos nesta pesquisa, refere-se a pareamentos indissociáveis entre forma e significado. As construções são unidades convencionais e simbólicas: convencionais, porque são compartilhadas por um grupo de falantes; simbólicas, porque são signos linguísticos formados por forma e significado; e são unidades, porque alguma propriedade do signo é frequente ou idiossincrática e é assim armazenada na mente do falante (Traugott; Trousdale, 2021).

Croft (2001) elabora o esquema mostrado na Figura 2 para uma compreensão mais didática do conceito de construção.

Figura 2 – Representação simbólica da Construção



Fonte: Croft (2001, p. 18, tradução nossa).

Outra forma de representação do pareamento entre o polo da forma e o polo do significado é com o par **[F]↔[S]** (Traugott; Trousdale, 2021), em que: (i) forma, representada por **[F]**, refere-se às propriedades linguísticas como a fonologia (sons), morfologia (estrutura das palavras) e sintaxe (ordem e relação das palavras na frase). Essas características são observáveis e compõem a “parte visível” da construção; (ii) o sentido, representado por **[S]**, refere-se às propriedades semânticas (significados), pragmáticas (contextos de uso) e às funções discursivas (papéis que essas construções desempenham em uma interação ou texto). Essa parte da construção está ligada ao uso real da língua e suas funções comunicativas; (iii) a flecha de duas pontas (**↔**), bidirecional, sugere que a relação entre forma e significado é mútua e dinâmica. Esse elo é uma representação simbólica, emprestada da teoria de Booij (2010); (iv)

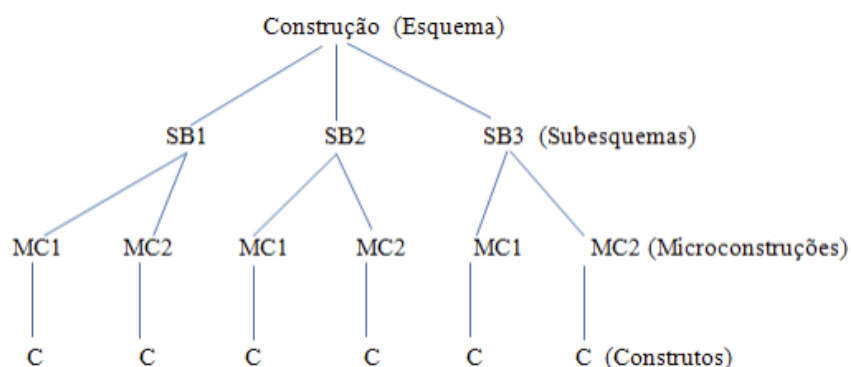
os colchetes externos denotam que a construção, ou o pareamento entre forma e significado, é uma unidade convencionalizada, ou seja, é aceita e usada pelos falantes de uma comunidade como parte de seu repertório linguístico.

Embora a mudança linguística seja um objeto de estudo para a Gramática de Construções, no presente estudo sincrônico, a análise das construções será guiada por alguns critérios basilares. Dentre eles, a esquematicidade, que permite avaliar o grau de abstração da construção; a produtividade, que indica sua capacidade de formar novas expressões; e a analisabilidade e composicionalidade, que examinam a relação transparente entre as partes e o todo da construção em termos de forma e significado.

A **esquematicidade** envolve a abstratização de uma construção e é uma propriedade de categorização, ou seja, é um esquema taxonômico e hierárquico de categorias linguísticas. Contudo, apresentam-se distintos de esquematicidade os esquemas instanciados por construções em agrupamentos gerais, plenos de conteúdo e/ou de processamento.

Traugott e Trousdale (2021) propõem um conjunto mínimo de níveis construcionais: esquemas, subesquemas, microconstruções e constructos. Esquemas representam os níveis mais abstratos e genéricos, cujas estruturas podem ser preenchidas por mais itens linguísticos. Subesquemas ocupam uma posição intermediária, sendo mais específicos que os esquemas, mas ainda mais genéricos que as microconstruções. Estas, por sua vez, estão em um nível mais baixo de abstração, instanciadas pelos constructos e, portanto, são parcialmente esquemáticas. Finalmente, os constructos são “aquilo que os falantes/escreventes produzem e que os ouvintes/leitores processam” (Traugott e Trousdale, 2021, p. 49). Ilustramos essa hierarquia com a figura abaixo:

Figura 3 – Relações hierárquicas da construção



Fonte: Cunha, Silva, Bispo (2016, p. 58).

A **produtividade**, segundo Barðdal (2006), é um conceito que define a capacidade de um padrão linguístico (morfológico ou sintático) de ser aplicado de forma geral e regular a

novos itens, em outras palavras, diz respeito à sua extensibilidade. A produtividade não é um conceito unitário, é a interação das dimensões de generalidade, regularidade e extensibilidade. A **generalidade** se refere ao quão aberto ou geral é um padrão linguístico. Dessa forma, um padrão geral não possui muitas restrições semânticas, morfológicas ou fonológicas sobre os itens aos quais ele pode se aplicar. A **regularidade** é frequentemente utilizada como sinônimo de produtividade e está ligada à ausência de exceções ou irregularidades significativas em uma categoria. A **extensibilidade** é definida como a capacidade que tem um padrão de ser estendido a novos itens lexicais ou a itens já existentes na língua.

De modo geral, a produtividade é gradiente em cada construção, pois se refere a capacidade de uma construção para atrair construções menos esquemáticas, que passam, a partir daí, a integrar o rol de construções que estão ligadas a um padrão construcional mais geral e abstrato e já devidamente convencionalizado na língua. A produtividade está ligada à frequência de uso, e é importante distinguir entre dois tipos de frequência nesse contexto: a frequência de *token* e a frequência de *type*. Correlacionando a produtividade com a frequência *type*:

É fácil ver por que a frequência de tipo determina a produtividade: a frequência de tipo se refere ao número de itens lexicais distintos que podem ser substituídos em um determinado slot em uma construção, seja uma construção de nível de palavra para flexão ou construção sintática especificando a relação entre palavras. Quanto mais itens lexicais forem ouvidos em uma determinada posição em uma construção, menos provável será que a construção seja associada a um item lexical específico e mais provável será que uma categoria geral seja formada sobre os itens que ocorrem nessa posição. Quanto mais itens a categoria deve cobrir, mais gerais serão suas características criteriosais e mais provável será que ela se estenda a novos itens. Além disso, a alta frequência de tipo garante que uma construção será usada com frequência, o que fortalecerá seu esquema representacional, tornando-a mais acessível para uso posterior, possivelmente com novos itens (Bybee, 2007, p. 275, tradução nossa).⁶

A **analísabilidade** diz respeito à possibilidade de identificação dos componentes internos de uma construção, ou seja, de decompor uma construção em suas partes constituintes, com forma e significado. Uma construção é considerada analisável quando suas partes podem ser reconhecidas se depreendidas do todo, e seus significados individuais são claros. São

⁶ No original: It is easy to see why type frequency determines productivity: type frequency refers to the number of distinct lexical items that can be substituted in a given slot in a construction, whether it is a word-level construction for inflection or syntactic construction specifying the relation among words. The more lexical items that are heard in a certain position in a construction, the less likely it is that the construction will be associated with a particular lexical item and the more likely it is that a general category will be formed over the items that occur in that position. The more items the category must cover, the more general will be its criterial features and the more likely it will be to extend to new items. Furthermore, high type frequency ensures that a construction will be used frequently, which will strengthen its representational schema, making it more accessible for further use, possibly with new items.

exemplos estereotípicos de construções menos ou não analisável as expressões idiomáticas, cujo significado não decorre da decomposição do significado de seus itens individuais. Este traço se correlaciona com o de composicionalidade.

A **composicionalidade** refere-se à forma como o significado de uma construção é determinado com base nas suas subpartes e na relação entre elas. Existem dois cenários principais: a) de significado composicional, quando o significado da construção é resultado da soma do significado das subpartes que a compõem, por possuir transparência semântica; e b) de significado não-composicional, quando o significado da construção é decorrente do todo e é considerado opaco. Tendo em vista a correlação de composicionalidade e analisabilidade, quanto mais analisável é uma construção, mais composicional é seu significado; e quanto menos analisável, menos composicional é seu significado (Godberg, 2009). É importante notar que essa relação não é dicotômica, mas gradual, pois as construções apresentam graus variados de analisabilidade e composicionalidade. Conforme Bybee (2016) aponta, “É a interação de chunking com categorização que dá a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade.” (Bybee, 2016, p. 26).

Nos modelos de Gramática de Construções baseados no uso, o inventário linguístico é concebido como uma organização em **redes de construções**. Sob essa concepção, Diessel (2023) trata construção como “nós” de uma rede linguística. Para os autores desse campo teórico, uma “rede” se define como um inventário de construções relacionadas entre si, e, sob a noção de rede multidimensional, essas redes são moldadas pelo uso da língua. As construções são analisadas como “nós” terminais de uma rede, o que resulta em diferentes tipos de relações na rede de construções. Atribuem-se os elos relacionais a construções específicas, como, por exemplo, aquelas resultantes de polissemia, de extensão metafórica, de relação entre subpartes e de instâncias (Goldberg, 1995).

Os **links de polissemia** denotam uma relação semântica entre o sentido mais representativo e menos representativo de uma construção, ou seja, as extensões de significado se dão por elos de polissemia na rede construcional.

Os **links de extensão metafórica** dizem respeito a uma relação de associação metaforicamente motivada entre duas construções. *Links* de polissemia e *links* metafóricos designam relações de herança (conceito que será desenvolvido adiante) semanticamente motivadas entre subtipos semânticos da mesma construção.

Links de subpartes se referem a uma relação entre uma construção maior e uma menor, mais específica e independente da primeira. Em termos de relação de herança, os *links* de subparte são compreendidos como links de herança múltipla.

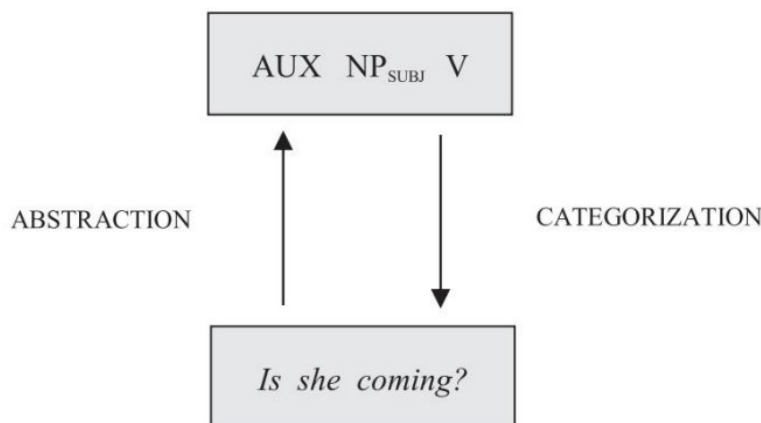
Os **links de instanciação** referem-se à relação entre uma construção mais abstrata e suas instâncias mais específicas. Nesse vínculo, a construção específica compartilha a estrutura e o significado central da construção mais geral, ao mesmo tempo em que apresenta características particulares.

Nas **redes multidimensionais**, o conceito de herança é definido por generalizações linguísticas representadas por construções esquemáticas, de modo que construções mais específicas herdaram propriedades compartilhadas. Existem dois tipos de modelos de herança: **completo** (*complete mode of inheritance*) e **padrão** (*default mode of inheritance*). No modelo completo, as construções mais específicas são totalmente consistentes com as construções mais gerais. Já no modelo padrão, podem ocorrer conflitos entre as classificações de construções mais gerais e mais específicas. Em outras palavras, o modelo completo pressupõe uma correspondência direta entre forma e significado, enquanto o modelo padrão permite que formas diferentes compartilhem significados. Portanto, considerando que o modelo padrão oferece um mecanismo para explicar exceções gramaticais, ele é mais adequado sob uma perspectiva cognitivista (Diessel, 2023).

A noção de herança em uma rede construcional não se limita apenas à compreensão de ligação entre dois tipos de modelo, pois, além dessas distinções, é importante observar a relação de herança entre as construções. Em outras palavras, é essencial entender por quais tipos de *links* a herança é transmitida, para construções tanto com maior quanto com menor grau de abstração. Esses *links* podem ser de diferentes naturezas: taxonômicos, de herança, sequenciais, simbólicos, de preenchimento de *slots* ou de relações horizontais.

As relações taxonômicas estabelecem elos entre construções mais abstratas e construções mais específicas, conectando diferentes níveis de abstração. Por exemplo, uma construção esquemática geral, como [Verbo + Objeto], pode estar ligada a construções mais específicas como “comer uma maçã” ou “ler um livro”. Esse tipo de relação cria uma hierarquia em que construções mais específicas herdaram propriedades das construções mais gerais, permitindo a organização das construções em diferentes camadas de abstração. Diessel (2023) exemplifica a relação taxonômica entre construções a partir das sentenças interrogativas do inglês, representada na figura 4.

Figura 4 – Abstratização e Categorização de construções



Fonte: Diessel (2023, p. 17).

O esquema de Diessel (2023, p. 17) ilustra a relação dinâmica entre a aquisição e o uso das construções linguísticas por meio dos processos de Abstratização e Categorização. O processo de abstratização é representado pela seta que sobe da instância específica de uso (*Is she coming?*) para a forma mais genérica e mais abstrata (“AUX NP_{SUBJ} V”). Isso significa que, a partir da experiência repetida com inúmeros exemplos concretos de uso da língua (como o exemplo dado pelo autor *Is she coming?*), os falantes extraem padrões gerais e esquemas abstratos. O processo de categorização, por sua vez, é representado pela seta que desce da forma abstrata (“AUX NP_{SUBJ} V”) para a instância específica (*Is she coming?*). Esse processamento diz respeito à capacidade dos falantes de reconhecer e classificar novas instâncias de uso da língua como pertencentes a um esquema construcional mais amplo já existente.

As **relações sequenciais** conectam unidades simbólicas, como palavras ou frases, que frequentemente aparecem juntas em uma ordem fixa. Esse tipo de relação pode ser exemplificado por expressões formulaicas.

As **relações simbólicas** ligam uma forma linguística específica, como uma palavra ou um padrão estrutural, a um significado ou função específica. Por exemplo, a forma “ser chegado em” é uma construção simbólica que conecta essa forma gramatical a uma função específica, que é a de designar proximidade a uma entidade (“sou chegado em arroz doce”) ou evento (“sou chegado em viajar de avião”).

As **relações horizontais**, também chamadas de relações laterais ou irmãs, conectam construções que estão no mesmo nível de abstração, ou seja, construções que compartilham um grau semelhante de esquematicidade.

Esses diferentes tipos de relações são fundamentais para entendermos a sistematicidade e a complexidade da organização de construções em uma rede construcional de acordo com princípios cognitivos. Embora este estudo não se aprofunde na tipologia específica das relações que conectam as construções (as relações sequenciais, simbólicas e horizontais), é importante reconhecer que as construções se interligam, seja dentro de uma mesma rede; ou em pontos de conexão entre redes distintas, como veremos no capítulo 4 desta dissertação.

2.3 SEMÂNTICA ESPACIAL

Em busca de aportes teóricos mais específicos relacionados ao fenômeno analisado nesta pesquisa, recorreremos também à teoria da Semântica Espacial, tendo em vista que o verbo *chegar*, objeto de estudo desta pesquisa, comporta-se, em seu sentido mais básico, como um verbo de movimento espacial, e seu objeto circunstancial pode, em princípio, ser preenchido por uma ou mais expressões locativas. Nesta subseção, mostraremos como a teoria da Semântica Espacial nos fornece instrumentos específicos para a descrição do espaço nas línguas naturais, fortalecendo a descrição e análise não só do verbo *chegar*, mas também dos elementos que com ele compõem diversos padrões de construções.

No campo da Semântica Espacial, alguns autores se destacam: Leonard Talmy, aqui, particularmente estudado por sua proposição de uma tipologia espacial; George Lakoff e Mark Johnson, pela teoria da metáfora conceitual, que auxilia na compreensão de como conceitos espaciais são estruturados por metáforas baseadas na experiência corporal; Eve Sweetser, cujo trabalho abrange a extensão de estruturas espaciais para domínios não espaciais; Ronald Langacker, com a Gramática Cognitiva, oferecendo um arcabouço para a análise do significado espacial; e, por fim, Jordan Zlatev, que explora as bases da semântica espacial por meio da cognição corporificada.

A Semântica Espacial desenvolveu-se sob um viés cognitivista da linguagem. Essa teoria do significado propõe que o ser humano, ao conceptualizar e adquirir linguagem por meio de suas experiências no mundo, primeiro entende seu corpo e a relação que ele estabelece com os espaços em que ocupa. Em segundo lugar, e aplicando esse entendimento à linguagem, a noção espacial biológica do ser humano é moldada por experiências socioculturais, conceptualizadas por processos mentais e refletidas na codificação linguística.

Com base nessa perspectiva teórica, Talmy (2000) propõe uma tipologia espacial que considera os sistemas como integrados cognitivamente. Nessa sua tipologia, os termos ESPAÇO e TEMPO estão interconectados e são analisados de forma integrada. O movimento,

por sua própria natureza, implica uma mudança de localização (no ESPAÇO), que ocorre ao longo de um período (no TEMPO). Não é possível conceber um movimento sem ancoragem no tempo. Assim, o autor define sete categorias que descrevem o MOVIMENTO complexo de ocupação de um espaço ao longo do tempo e que se organizam de modo escalar:

- a) **Figura** — o objeto que se encontra ou se desloca em um determinado ESPAÇO;
- b) **Fundo** — a referência onde o movimento da “figura” ocorre;
- c) **Deslocamento** — o movimento em determinado ESPAÇO;
- d) **Percurso** — a trajetória realizada pela “figura” em relação ao “fundo”;
- e) **Conformação** — a região em que a “figura” se “desloca” por um “percurso” a um “fundo”;
- f) **Modo** — o modo como o “deslocamento” ocorre;
- g) **Causa** — indica a causa do deslocamento em relação ao ESPAÇO.

Ao analisar diversas línguas, Talmy (2000) propõe uma divisão entre **línguas centradas nos verbos**, as quais expressam a relação espacial por verbos, e **línguas centradas em satélites**, que expressam a relação espacial por partículas — satélites — ligadas ao verbo.

A noção de movimento fictício, também elaborada por Talmy, diz respeito à atribuição de movimento a objetos naturalmente inanimados. Como esses objetos não se deslocam por conta própria, a conceptualização humana os percebe como estando em movimento, haja vista: “*That mountain range goes from Mexico to Canada.* / Essa cordilheira vai do México ao Canadá” (Talmy, 2000, p.104).

Zlatev (2007) retoma algumas propostas de tipologia espacial e refina as categorias de Talmy, ao propor outras sete categorias: a) **Trajettor** (*Trajector*), b) **Ponto de Referência** (*Landmark*), c) **Ponto de Vista** (*Frame of Reference and Viewpoint*), d) **Região** (*Region*), e) **Caminho** (*Path*), f) **Direção** (*Direction*) e g) **Movimento** (*Motion*). Zlatev (2007) incorpora noções já discutidas por Langacker (1987, 1999), como *Ponto de Vista* e *Região*, que não aparecem explicitamente na taxonomia de Talmy, trazendo uma análise com ênfase na perspectiva do observador e na cognição corporificada.

Consideremos as sentenças abaixo, utilizadas por Zlatev (2007, p. 327), para exemplificar os conceitos de *Trajettor* e *Ponto de Referência*:

- a. She is at school. / Ela está na escola.
- b. She went to school. / Ela foi para a escola.
- c. The book is on the table. / O livro está sobre a mesa.
- d. She is playing in her room. / Ela está brincando em seu quarto.

Dadas as categorias correspondentes nas abordagens de Talmy e Zlatev, resumidamente, **Trajetor** é uma entidade que se desloca em um espaço e que, nos termos de Zlatev, pode ser estático, como em (a) (*Ela está na escola. / She is at school.*), dinâmico como em (b) (*Ela foi para a escola. / She went to school.*) ou um evento completo (*Ela está brincando em seu quarto. / She is playing in her room.*).

Ponto de referência (*Landmark*) diz respeito à entidade de referência em relação à localização ou à trajetória de movimento do Trajetor, podendo compreender **Origem e Destino** de um movimento. O **Ponto de Referência** nas sentenças a–d expressa-se em *school/escola*, *table/mesa*, e *room/quarto*.

O **Ponto de vista** (*Frame of Reference and Viewpoint*) é definido como um ou mais “pontos de referência” e um sistema de coordenadas de “eixos” e “ângulos”. Um “ponto de vista” pode ser:

- i) **intrínseco**: o “ponto de vista” principal coincide com o ‘ponto de referência’, e os eixos e ângulos são projetados com base em sua geometria — *Sente-se atrás de mim/Sit behind me.*;
- ii) **relativo**: um ponto de vista real ou imaginário serve como ponto de referência, e as coordenadas são projetadas com base neste ponto de vista — *Sente-se atrás do arbusto/Sit behind the bush.*;
- iii) **absoluto**: o sistema está ancorado em posições geo-cardinais fixas — *Vá para Oeste!/Go west!*.

A **Região** (*Region*) é uma configuração do espaço instanciada pela relação entre um Trajetor e um Ponto de Referência. Essa noção, geralmente, é expressa por preposições locativas, como “em” ou “sobre”, que indicam funções espaciais específicas.

A noção de **Trajeto** (*Path*) pode ser interpretada de duas formas: i) de *caminho elaborado*, referindo-se à trajetória de movimento real ou imaginado do Trajetor em relação ao Ponto de referência; ii) de *caminho esquemático*, o qual, com base em generalização interlinguística, refere-se às três fases de um evento de movimento: início, meio e fim. Zlatev (2007, p. 332) diferencia “Trajeto” de “Região” recorrendo aos exemplos de (e) a (h).

- e. John went out of the room. / John saiu da sala.
- f. John went through the room. / John passou pela sala.
- g. John went into the room. / John entrou na sala
- h. John is in the room. /John está na sala

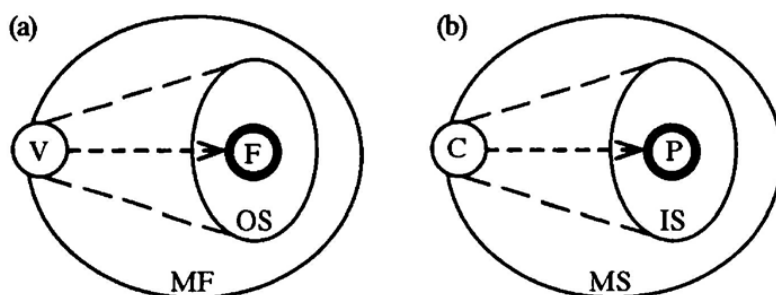
Nos exemplos de (e) a (h), a Região é a mesma, isto é, “no interior da sala”. No entanto, o Trajeto é diferente em cada um dos exemplos: em (e), é marcado o início do trajeto; em (f), é o meio do Trajeto; em (g), o fim do Trajeto; e em (h), a marca “zero” em se tratando de Trajetor.

O conceito de **Direção** é especificado como um vetor ao longo de um dos eixos fornecidos por um Ponto de Vista (*Viewpoint*). A Direção descreve a trajetória de um Trajetor em movimento, especialmente na ausência de um Ponto de Referência (*landmark*) específico. Nos exemplos dados por Zlatev (2007), *O avião está voando para o norte. / The plane is flying north.* ou *O avião está voando naquela direção. / The plane is flying that way.*, a Direção substitui o Ponto de Referência como referência principal. A Direção pode também ser diferenciada, especialmente em eventos que expressam movimento de forma incompleta, como em *O pássaro voou em direção ao ninho. / The bird flew toward its nest.* (caminho imperfeito), em oposição a *O pássaro voou para o ninho. / The bird flew to its nest.* (caminho perfeito).

A categoria conceitual **Movimento** (*Motion*), por sua vez, pode ser interpretada de duas formas: i) de *movimento real percebido*, quando um Trajetor se desloca no espaço físico (*Ele chegou em casa*); ii) de *movimento fictício*, quando, da perspectiva do Trajetor, o Ponto de referência é que se “desloca”, como em *A paisagem passou rapidamente por nós. / The scenery rushed past us.* Conforme se observa, enquanto abordagens mais tradicionais tratam o Movimento como uma categoria binária (existência ou ausência de movimento percebido), a abordagem da Semântica Espacial reconhece níveis variados de Movimento, ao diferenciar “Trajeto” e “Direção”, permitindo que construções estáticas sejam interpretadas dinamicamente, como no exemplo: *A viga se afasta da parede. / The beam leans away from the wall.*

As contribuições de Talmy (2000) para a modelagem dos eventos de movimento e o refinamento posterior de Zlatev (2007) dialogam diretamente com a Teoria da Gramática Cognitiva de Langacker (1987), especialmente no que se refere à perspectiva do observador e à cognição corporificada. Langacker (1999) propõe uma distinção entre a percepção de um evento no mundo real (a) e sua conceptualização (b), representada por meio dos dois diagramas mostrados na Figura 5.

Figura 5 – Arranjo de Visualização



Fonte: Langacker (1999, p. 205).

No diagrama (a), Langacker (1999) descreve “v” como “observador” (*viewer*) de um evento no mundo. O círculo que engloba a cena é denominado “campo máximo de visão” (MF — *maximal field of view*). O autor utiliza uma metáfora relacionada ao teatro para se referir à “região do palco” (OS — *onstage region*), como o *locus* geral da atenção visual, e para que essa atenção seja ainda mais especificada, o “observador” escolhe o alvo específico da atenção visual, o foco (F — *focus*), ou seja, o objeto da percepção. Nesse sentido, a seta tracejada representa uma relação de perspectivização entre o observador e o que é focalizado.

No diagrama (b), Langacker (1999) descreve a ação da perspectivização de forma mais genérica e aplicável a diferentes contextos. Correspondendo ao espectador está o “conceptualizador” (C — *conceptualizer*). O círculo que engloba a cena é denominado “escopo máximo” (MS — *maximal scope*), o qual compreende todo o conteúdo de uma dada conceptualização, tanto de noções centrais - ou focalizadas, quanto de uma série de atividades mais periféricas - ou menos focalizadas. O foco constitui o “escopo imediato” (IS — *immediate scope*), em analogia ao palco. A focalização ocorre no objeto conceptualizado, referido aqui como objeto Perfilado (P — *profile*). Por fim, a seta tracejada representa o *construal*, isto é, aquilo que o conceptualizador interpreta da formação do evento.

Como exemplificado nas imagens acima, a noção de **perfilamento** diz respeito ao elemento central (ou referencial) de uma expressão linguística dentro de uma conceptualização, no sentido psicológico, e não no tradicional, de referência “no mundo”. Em Linguística Cognitiva (CG), o perfilamento destaca o aspecto específico da conceptualização que uma expressão linguística traz para o foco (Langacker, 1987). Ainda de acordo com Langacker (1987), a noção de **perspectiva**:

abrange vários aspectos do *construal* cuja caracterização como efeitos de visualização parece bastante simples. Na visão real, há sempre um ponto de vantagem (ou ponto de vista), o local onde o observador está situado e a partir do qual a cena é vista. Um

ponto de referência visual é uma entidade saliente usada para localizar outra entidade menos perceptível em relação a ela (Langacker, 1987, p. 207, tradução nossa).⁷

Essa mobilização de conceitos da semântica espacial ocorre, neste embasamento teórico, por duas razões: i) pela natureza do objeto de análise e pela perspectiva teórica adotada neste trabalho, porque, para a descrição cognitivo-funcional de construções com o verbo *chegar*, parece relevante compreender como o conceito de Movimento é concebido em propostas de cunho cognitivista; e ii) pelas relações que se pretende estabelecer entre as diferentes construções com *chegar* e seus correlatos conceptuais ligados, mais diretamente, ao Esquema Imagético de Trajetória, sobre o qual se passa a discorrer a seguir.

2.4 ESQUEMAS IMAGÉTICOS

Importante constructo teórico da Gramática Cognitiva, e caro a esta pesquisa, é a noção de Esquema Imagético (EI, daqui em diante). Um Esquema Imagético é uma forma de representação mental que permite ao falante recriar sua experiência no mundo extralinguístico e formar novos esquemas construcionais da língua, captando aspectos visuais e espaciais de um objeto, cena ou evento e condensando essas informações sensoriais em uma representação mental mais simples na mente (Oakley, 2007).

Os EI são emergentes, o que significa que sua conceptualização está diretamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo do ser humano. À medida que o indivíduo interage com o mundo e adquire novas experiências físicas e psicológicas, esses esquemas se consolidam como padrões cognitivos fixados na mente. Assim, os EI funcionam como estruturas dinâmicas, que não apenas resultam das interações entre corpo e ambiente, mas também influenciam a forma como os humanos organizam e interpretam novas informações.

Estudos que analisam os EI como correlatos conceptuais das ocorrências linguísticas reforçam a tese de que a cognição humana está profundamente enraizada na experiência sensório-motora. Além disso, Johnson (2007) argumenta que os EI desempenham um papel essencial na sustentação do pensamento abstrato, sobretudo na formação de metáforas e metonímias, pois cada Esquema Imagético, ao se manifestar na linguagem, estrutura-se a partir de padrões metafóricos que refletem a maneira como a experiência corporal influencia nossa compreensão do mundo.

⁷ No original: [The term perspective] subsumes several aspects of construal whose characterization as viewing effects seems quite straightforward. In actual vision, there is always a vantage point (or viewpoint), the spot at which the viewer is situated and from which the scene is viewed. A visual reference point is a salient entity used to locate another, less noticeable entity in relation to it.

Autores como Croft e Cruse (2004), Evans (2007) e Ferrari (2011) identificam e classificam diversos EI. No quadro a seguir, apresentamos, na primeira coluna, os domínios cognitivos e, na segunda, os esquemas correspondentes a cada um dos oito domínios.

Quadro 1 – Esquemas Imagéticos

Domínio Cognitivo	Esquema Imagético
Espaço	Cima-baixo, Frente-trás, Esquerda-direita, Perto-longe, Centro-periferia, Contato, Horizontalidade, Verticalidade
Contenção	Contêiner, Dentro-fora, Superfície, Cheio-vazio, Conteúdo
Locomoção/Escala	Origem-Trajeto-Destino
Força	Compulsão, Bloqueio, Contra-força, Desvio, Remoção de restrição, Facilitação, Atração, Resistência,
Unidade	Fusão, Coleção, Divisão
Multiplicidade	Parte-todo, Contável não-contável, Ligação
Identidade	Combinação, Sobreposição
Existência	Remoção, Espaço delimitado, Ciclo, Objeto-processo

Fonte: Elaboração própria, inspirado em Croft e Cruse (2004), Evans (2007) e Ferrari (2011).

Dos EI mostrados no quadro, interessa mais diretamente a esta pesquisa o de *Origem-Trajeto-Destino*, parte do domínio cognitivo da Locomoção/Escala. Conforme buscaremos demonstrar, esse EI permite mapear as estruturas conceituais subjacentes às construções identificadas e compreender as motivações de ordem cognitiva associadas à configuração de cada uma delas.

2.4.1 Esquema Imagético de Trajetória

O EI de Trajetória, o tipo que nos interessa explorar nesta pesquisa, é conceptualizado por rotinização e forma um padrão mental visual que enfoca, nos termos de Johnson (1987), (i) uma fonte ou origem; (ii) um objetivo ou destino; e (iii) “uma sequência de localizações contíguas conectando a fonte ao objetivo” (p. 115), como mostra a figura 6.

Figura 6 – Esquema Imagético de Trajetória (Johnson, 1987)



Fonte: Johnson (1987, p. 114).

Johnson (1987) aponta algumas características típicas do EI de trajetória:

- a) o ponto de origem e o de destino são conectados por um percurso, que, se percorrido, passa-se por todos os pontos intermediários entre um ponto e outro;
- b) a direcionalidade em um caminho pode ser imposta pelo propósito de quem o percorre;
- c) caminhos têm dimensões temporais associadas a si, pois durante o percurso, há passagem de tempo.

Pela presença de dimensões temporais nesse EI, Johnson (1987) afirma que o EI fornece bases para mapeamentos metafóricos de domínios espaciais concretos para domínios espaciais mais abstratos. A metáfora principal dessa correlação é “Propósitos são metas físicas”.

Oakley (2007) refina os pressupostos cognitivos (e filosóficos) dos EI e propõe a categoria dos esquemas imagéticos de transição, os quais se referem a padrões mentais que envolvem transformações de conceitos visuais ou perceptuais para categorias conceituais mais abstratas. Essas transformações permitem que utilizemos nossa capacidade de raciocínio abstrato ao mapear categorias perceptuais em categorias conceituais mais complexas. Esses EI de transição são identificados em várias ações e eventos simples e estão relacionados a como nossa mente processa essas transformações.

Um exemplo de EI de transição é “foco no caminho para foco no ponto final”, um tipo de transformação em que o caminho é percorrido por um objeto em movimento e, em seguida, há um perfilamento do ponto onde ele para ou onde vai parar. Esse esquema envolve a mudança de foco da trajetória para o ponto final do percurso. O EI de Trajetória faz com que o falante percorra mentalmente o caminho de um objeto em movimento contínuo. Isso implica imaginar o objeto se movendo ao longo de uma trajetória específica. Os dois pontos, Origem e Destino, no EI de Trajetória, são acionados pelas construções com o verbo *chegar*. O EI de Transição permite compreender a mudança de estado envolvida na “chegada”, destacando o momento em que o movimento se dá como concluído e ocorre a passagem de um estado a outro, com foco no ponto final.

Oakley (2007) trata de mudanças semânticas relacionadas aos Esquemas Imagéticos. O autor recorre a Rhee (2002), que, de modo geral, observa que um significado original de direcionalidade física pode se expandir para abranger relações de aproximação temporal. Portanto, a mudança semântica, nesse caso, ocorre por meio de mapeamento metafórico dos domínios espaciais para os temporais. O principal argumento de Rhee (2002) é de que a mudança semântica, quando envolve esquemas imagéticos, envolve também as transformações do EI, e, dessa forma, quando o significado de uma construção muda, os detalhes das imagens

do significado de origem são geralmente ignorados, mas as estruturas esquemáticas são preservadas. Por esse motivo, em nosso estudo, a formulação dos esquemas imagéticos associados às construções com o verbo *chegar* será feita após a análise das propriedades de forma e função das construções, para que se compreenda os limites semânticos que cada categoria encontrada (não) compartilha umas com as outras.

Devido ao fato de os EI serem estruturas dinâmicas, há uma relação muito estreita entre a mudança linguística, geralmente por metaforização, e a transformação de um EI. Um estudo clássico sobre esse tema é o de Lakoff (1987), no qual o autor pesquisou a mudança da preposição *over* do inglês. Inicialmente, Lakoff propõe que o EI correspondente a construções com essa preposição é o de TRAJETÓRIA, como em *Sam walked over the hill* (“Sam caminhou pela colina”), que perfila todo o percurso. No entanto, o autor identifica construções em que há transformações imagéticas dentro do próprio esquema, como em *Sam lives over the hill* (“Sam mora na colina”), que perfila, neste caso, a colina.

Um dos poucos estudos acerca dos EI, e suas transformações, com base no português brasileiro é o trabalho de Secundino e Saliés (2023). Os autores analisam as multissignificações do verbo “pegar”, em que, inicialmente, o EI base é o de OBJETO, e se desdobra para o esquema de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA. Neste segundo esquema, evidenciam-se transformações em outros EI, como o de CONTATO-FORÇA, de CONTATO-FORÇA — (CONTÊINER) —, e o de CONTATO — (CAUSA-EFEITO). No caso do verbo *chegar*, entretanto, não se observa uma mudança de um EI para outro. Em vez disso, há uma manutenção do EI de Trajetória como estrutura base, com variação nos pontos perfilados em diferentes construções, ora enfatizando o Trajetor; ora o Percurso, ora o Destino ou a transição entre estados, como detalhado no capítulo 4.

Em uma explicação de mudança de ordem cognitiva, os sentidos das construções se expandem, incorporando significados mais distantes de sua base original, ao mesmo tempo em que se aproximam de outros esquemas. Deste modo, determinadas construções podem ser gradientes quanto aos EI que as conceptualizam, assim como podem sofrer transformações: i) dentro do mesmo EI, por perfilamento das partes que o compõem; ii) de um EI para outro. Nos dados desta pesquisa, focalizamos a descrição e análise das transformações dentro do mesmo EI — o de Trajetória.

2.5 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE CONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta subseção, a fim de nos situarmos quanto ao *estado da arte* das pesquisas já feitas sobre as construções com o verbo *chegar*, recorremos aos trabalhos de 10 autores que, em alguma medida, dedicaram-se à análise desse verbo, a saber: Rodrigues (2006); Pena-Ferreira (2007); Bertucci (2007); Fortunato (2009); Marques (2009); Wiedemer (2013); Nunes (2014); Moreira (2021); Freitas *et al.* (2022); e Galvão e Abraçado (2024). Destacamos, aqui, que foram considerados apenas trabalhos situados no paradigma funcional da linguagem, visto que é nesse paradigma que esta pesquisa se enquadra.

Rodrigues (2006) analisa construções do PB falado formadas por [V1 (e) V2], com a posição de V1 ocupada por verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, construções por ela nomeadas “Construções do tipo Foi e Fez” (CFF), as quais atuam no nível discursivo-pragmático, dramatizando ou enfatizando os eventos descritos pelo verbo que ocupa a posição de V2. A autora diferencia as CFFs das construções com verbos auxiliares (CVA) e das construções de verbos sequenciais (CVS). A análise das CFFs é feita sob o viés da gramaticalização e a autora conclui que, nessas construções, os verbos analisados exercem a função pragmática de focalização e dramatização, e não qualquer outra relacionada a tempo, modo ou aspecto, comumente associada à gramaticalização de construções de auxiliariedade. Um exemplo que a autora analisa é o mostrado em (11).

- (11) quando operei esse estômago, eu estava fazendo uma reforma aqui na minha casa e eu estava passando mal, não é? Não podia comer nada, que me- que aquilo me incomodava. Aí eu cheguei para o rapaz que estava fazendo isso: “olha! você [fica]- fica aí que eu vou ficar um- (“vou para um”)- vou me internar, vou ficar uma semana, no fim de uma semana eu estou aí. Vou operar o estômago- você vê a facilidade, foi assim! E **cheguei e fui mesmo!** Peguei aqui, fui lá, me internei e daí, fiz exame e daí, operei- [nem]- nem tinha vindo tirar os, depois eu fui tirar os ponto. (p. 47).

A análise de Rodrigues (2006, p. 47) do dado em (11) é de que “a sequência ‘cheguei’ e ‘fui’ não descreve ações diferentes empreendidas pelo falante, só podendo ser compreendida tendo em vista a existência das CFFs”.

Pena-Ferreira (2007) analisou o verbo *chegar* em construções de auxiliariedade, adotando uma perspectiva pancrônica (do século XVIII ao XX). A pesquisa partiu da hipótese de que *chegar* estaria passando por um processo de gramaticalização, o que foi corroborado pelos resultados da pesquisa. Os critérios aplicados para identificar características de verbos auxiliares foram os advindos dos estágios de gramaticalização propostos por Heine (1993), os quais apontaram para um comportamento híbrido desse verbo. A autora classifica as construções como semiauxiliares. Desta forma, segundo Pena-Ferreira, ao invés de o verbo

chegar expressar funções mais gramaticais como Tempo, Aspecto e Modo, ele é associado a funções que contribuem para a estruturação textual e discursiva, como indicar mudanças temporais na narrativa, marcar situações limites, e marcar contraexpectativas e consequências.

Bertucci (2007) focaliza, em sua pesquisa, questões pragmáticas das construções com *chegar* como verbo auxiliar que, seguido de a+infinitivo, é tratado pelo autor como caso de “semiauxiliaridade”. Para ele, o verbo *chegar* é um marcador de escala, tanto pragmática, como propõe Fauconnier (1975), quanto argumentativa, como propõe Ducrot (1981). A pesquisa de Bertucci trata de dados como em (12).

- (12) O Banco do Brasil **chegou a ter** R\$ 50 milhões no Banco Santos, que sofreu intervenção na sexta-feira. Foi tirando o dinheiro, tirando, tirando – até que sobraram 700 mil euros em papéis da dívida brasileira, ou cerca de R\$ 3 milhões. (FSP, 18 nov. 2004, E2)

O autor analisa da seguinte forma o exemplo transcrito em (12):

Esse exemplo é típico de escala. Chegar está marcando um ponto que, pelo contexto, pode ser considerado alto na escala de possuir dinheiro depositado em algum lugar. Isso fica bastante perceptível porque, no final da sentença, o valor (3 milhões) está bastante reduzido em relação à soma inicial. (Bertucci, 2007, p. 62).

Marques (2009), ao tratar da valência de *chegar*, atesta a possibilidade de o verbo ser parte integrante de construções monovalentes e bivalentes. No caso de construções monovalentes, o verbo *chegar* seleciona apenas o argumento Sujeito; nos casos de construções bivalentes, seleciona argumentos Sujeito e objeto indireto e indicam que um ponto foi atingido (preço, posição, colocação ou porcentagem). Em se tratando de construções auxiliares, Marques (2009) também classifica o verbo *chegar* como semiauxiliar, considerando os princípios de gramaticalização de Hopper (1991): estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização.

Fortunato (2009) analisa as construções com o verbo *chegar* funcionando como verbo-suporte, em comparação com a funcionalidade de verbo pleno e as fraseologias verbais. A autora analisa, sob o viés da gramaticalização, a abstratização do movimento espacial concreto a movimento mais abstrato, num percurso unidirecional. No entanto, a partir da análise dos dados, Fortunato (2009, p. 30) considera que os movimentos mais abstratos não resultam de percursos unidirecionais, uma vez que “a partir do movimento espacial são ‘irradiados’ diferentes domínios abstratos e, dentro destes domínios, são encontradas construções com diferentes graus de fixação”.

Wiedemer (2013), sem preocupação específica com o verbo *chegar*, investiga a variação e a mudança das preposições que introduzem complementos locativos de verbos de movimento (caminhar, *chegar*, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar). O autor se baseia nos suportes

teóricos do paradigma da Gramaticalização e na Sociolinguística, para análise de dados sincrônicos do português falado no noroeste paulista, extraídos do Banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2007), e dados diacrônicos do século XIX, visando mapear as mudanças nas preposições locativas desses verbos. Em relação ao verbo *chegar*, o estudo revela que as preposições associadas a ele evoluem para significados mais abstratos e pragmáticos, refletindo uma transição de um uso espacial básico para usos que incorporam inferências e metáforas. Esse processo resulta em variação estável entre as preposições *em* e *para*, com a escolha influenciada por fatores sociais e linguísticos. Em termos de produtividade das preposições que complementam o verbo *chegar*, Wiedemer (2013) identifica a frequência mais alta de ocorrência da preposição “em” (93,25%), sendo mais rara a ocorrência de outras preposições (“a” = 2,35%; “para” = 0,675%; “até” = 0,675%; “de” = 3,05%). A tabela abaixo, extraída de Wiedemer (2013), e aqui renumerada de 5.1 para 1, demonstra esses resultados.

Tabela 1– Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra Iboruna (Wiedemer, 2013)

Preposições Verbo	A		PARA		EM		POR		ATÉ		DE		TOTAL
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Caminhar	-	-	2	25	3	37,5	1	12,5	2	25	-	-	8
Chegar	7	2,35	2	0,675	276	93,25	-	-	2	0,675	9	3,05	296
Entrar	-	-	13	7,5	154	89,5	5	3	-	-	-	-	172
Ir	19	3,05	299	44,85	270	49,85	1	0,2	13	2,05	-	-	602
Levar	23	12,15	88	46,55	70	37	-	-	8	4,3	-	-	189
Mudar	-	-	24	100	-	-	-	-	-	-	-	-	24
Partir	-	-	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-	8
Sair	-	-	5	6,05	10	12,20	1	1,25	-	-	66	80,50	82
Voltar	5	6,10	57	68,70	13	15,65	-	-	-	-	8	9,55	83
TOTAL	54		498		796		8		25		83		1464

Fonte: Wiedemer (2013, p. 154).

Nunes (2014) descreve o verbo *chegar*, em construções de auxiliarização (V1CHEGAR + PREPa + V2infinitivo), como um operador argumentativo. A autora se baseia na classificação de aspecto proposta por Travaglia (1985), para a análise desse verbo. Os auxiliares de aspecto, para esse autor, funcionam designando o aspecto verbal, isto é, uma espécie de “categoria verbal de TEMPO, não dêitica, por meio da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização da situação” (Travaglia, 1985, p. 53).

Nunes (2014) parte para a análise da marcação modal, adotada por Neves (2006), e discute a impossibilidade da classificação de modalidade epistêmica e deontica em construções

auxiliares com *chegar*. Ao analisar pelo viés da argumentação, assim como Bertucci (2007), a modalidade se comprova via escala, e a partir disso, como operador argumentativo:

Sendo evidente essa escalaridade, pode-se perceber também que, além de marcar a modalidade, essa escala faz com que o chegar assuma também funções argumentativas, no sentido de sobrepor um argumento a outro(s). Logo, atuando como operador argumentativo em uma escala, o item chegar pode, inclusive, ser substituído pelos operadores até e até mesmo. A maior força argumentativa do argumento escalonado pelo chegar foi comprovada ao demonstrá-la pelo esquema metafórico do BALANÇO, o qual pressupõe que, ao serem pesadas duas coisas, a balança penderá para uma delas. No caso dos eventos escalonados, a balança pende para o lado daquele cuja escala é evidenciada pela construção V1CHEGAR + PREPa + V2infinitivo (Nunes, 2014, p. 118).

A partir de dados do português falado em Fortaleza (CE), Moreira (2021) investiga a gramaticalização da construção “que chegou a” em orações subordinadas consecutivas, a qual teria evoluído para a forma invariável “chega”, com valor de conector consecutivo. A pesquisa é feita com amostras de fala do *corpus* NORPOFOR e adota abordagens teóricas como a Sociolinguística, Linguística Funcional Centrada no Uso, Gramática das Construções, e os conceitos da gramaticalização. Em síntese, o percurso de mudança que o autor propõe é: que > que chegou a > que chego’ a > que cheg’a > chega. Moreira (2021, p. 20) ilustra essa trajetória de mudança esquema com os seguintes exemplos:

- (13) O Carlos comeu tanto **que** passou mal > contexto prototípico.
- (13)a O Carlos comeu tanto **que chegou a** (o ponto de) passar mal > Como forma expletiva em rearranjo discursivo e por extensão metafórica.
- (13)b O Carlos comeu tanto **que chego’ a** passar mal > erosão fonética
- (13)c O Carlos comeu tanto **que cheg’a** passou mal > univerbação e reanálise sintagmática.
- (13)d O Carlos comeu tanto **chega** passou mal > implicatura convencional (metonímia = ‘chega’ (parte) por ‘que chegou a’(todo), reanálise sintagmática (elimina-se o “que”).
- (13)e Carlos e João comeram tanto **chega** passaram mal. (convencionado no sistema como integrante do paradigma dos conectores, invariável).

Freitas *et al.* (2022) analisam a rede taxonômica da construção [(X) CHEGAR SN]_{FOC} no português do Brasil, explorando as relações de herança entre o esquema [(X) V SN]_{FOC} e suas subestruturas mais específicas. Os autores embasam a pesquisa na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). O ponto central defendido pelos autores é de que uma rede de microconstruções associadas ao verbo *chegar*, com sentidos que abrangem aspectos temporais, referenciais e eventos inespecíficos, liga-se a esquemas de sentido apresentacional. Os autores exemplificam as microconstruções com os seguintes dados:

- (14) “Os pequenos agricultores contaram à reportagem que a área foi doada por uma empresa há mais de 20 anos e, por isso, eles construíram casas na região. “Construímos nosso espaço, mas agora **chega um grupo** e quer ser dono. Assim fica difícil para nós”, disse uma moradora de a região. De acordo com a Promotoria de Justiça, a propriedade pertence a um banco, que ficou responsável pelo patrimônio de uma usina.” (p. 34).
- (15) “Mas a partida entre Cruzeiro e Atlético fugiu à regra. Foram inúmeras situações de interpretação, para as quais sobraram reclamações por parte de quem se sentiu prejudicado. E, para aumentar a dramaticidade, teve até substituição do árbitro por lesão. O clássico mineiro foi tema principal das conversas desde a TV ao botequim. Já ouvidos jogadores, treinadores, comentaristas, dirigentes e torcedores, **chegou a hora de dar a palavra aos árbitros da partida, Wanderson Alves de Souza e Ronei Cândido Alves.**” (p. 38).
- (16) “O Festival de Berlim divulgou 22 títulos da Mostra Panorama, que inclui dois filmes brasileiros com estreia mundial no evento. ‘Estou me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar’, documentário de Marcelo Gomes, é um deles. O diretor visitou a cidade de Toritama, conhecida como a capital do jeans e onde os trabalhadores de a indústria têxtil só têm folga em sua pesada rotina, quando **chega o carnaval**”. (p. 41).

Conforme demonstram os autores, em (14), a referência do SN na construção [(X) CHEGAR SN] é [+animada/agentiva], mas pode sancionar também referentes específicos para Sujeitos focalizados; em (15), encontra-se a construção [(X) CHEGAR SN_{TEMPORAL}], que sanciona SN temporal na posição de Sujeito posposto; em (16), tem-se a construção [(X) CHEGAR SN_{EVENTO}], que sanciona um Evento na posição de Sujeito posposto ao verbo.

Galvão e Abraçado (2024) analisam a evolução do verbo *chegar* em *slogans* publicitários, para, sob o viés da Linguística Cognitiva, mostrar que o sentido espacial básico de *chegar* se expande para usos mais abstratos, como marcações de tempo e novidade. A partir da análise de 12 anúncios, os autores discutem a trajetória de abstratização do verbo e a relação entre o uso no pretérito perfeito, ordem sintática, e as noções de tempo, que mudaram para “novidade”, em um aspecto mais geral de “qualidade”. Os resultados quantitativos do trabalho seguem abaixo, aqui, renumerado como tabela 2.

Tabela 2– Verbo *chegar* e as noções de espaço, tempo e novidade

	Apenas lugar	Apenas tempo	Apenas novidade	Lugar e tempo	Lugar e novidade	Tempo e novidade	Lugar, tempo e novidade	Outros usos	TOTAL
	24	7	0	12	3	84	9	3	142
	17%	5%	0%	8%	2%	59%	6%	2%	100%
Casos híbridos									TOTAL
TEMPO	0	7	0	12	0	84	9	0	112/69%
NOVIDADE	0	0	0	0	3	84	9	0	96/68%
LUGAR	24	0	0	12	3	0	9	0	48/34%

Fonte: Galvão e Abraçado (2024; p. 112).

A partir dos trabalhos sobre o verbo *chegar* apresentados nesta seção, resumimos, no quadro abaixo, os autores e as funções por eles reconhecidas para as construções com *chegar*:

Quadro 2 – Funções reconhecidas para o verbo *chegar* na literatura

Autor(es)	Funções reconhecidas para o verbo <i>chegar</i>
Rodrigues (2006)	Analisa construções formadas por [chegar (e) V2], diferenciando essas construções de construções sequenciais e auxiliares. Reconhece que quando essas construções codificam o mesmo evento descrito por V2, a função desempenhada por <i>chegar</i> é mais pragmática, de focalização e dramatização da ação descrita por V2.
Pena-Ferreira (2007)	Reconhece as construções auxiliares com <i>chegar</i> como semiauxiliares e associa essas construções a funções textuais e discursivas, como: indicadoras de mudanças temporais em narrativas, marcadoras de situações limites, e marcadoras de contraexpectativas e consequências.
Bertucci (2007)	Reconhece as construções com <i>chegar</i> como semiauxiliares e atribui a elas a função de marcador de escala.
Marques (2009)	Reconhece construções monovalentes e bivalentes. Considera que as construções monovalentes selecionam apenas o argumento de Sujeito; e que as construções bivalentes cumprem a função de determinar um ponto atingido (preço, posição, colocação ou porcentagem).
Fortunato (2009)	Analisa construções de verbo-suporte com o verbo <i>chegar</i> . Reconhece que há expansão dos movimentos concretos para os movimentos mais abstratizados, devido a diferentes graus de fixação dessas construções.
Wiedemer (2013)	Reconhece que a preposição mais frequente que complementa o verbo <i>chegar</i> é “em”. O autor justifica a alta produtividade dessa preposição nas construções com <i>chegar</i> observando que é codificado o “fim” de um percurso, e não o processo de deslocamento.
Nunes (2014)	Reconhece o verbo <i>chegar</i> com função de operador argumentativo em uma escala. Relaciona essa função à metáfora da “balança”, em que, dado dois argumentos, um terá maior força argumentativa.
Moreira (2021)	Analisa o processo de gramaticalização da construção “que chegou a”, para a forma invariável “chega”. Reconhece, inicialmente, a função de oração subordinada consecutiva, que muda para um conector com função consecutiva.
Freitas; Nascimento; Marques; Albernaz (2022)	Identificam as especializações de construções monoargumentais, com função de focalização, instanciadas pelo verbo <i>chegar</i> . Reconhecem que as construções [(X) CHEGAR SN] _{FOC} tendem a focalizar eventos e SNs apresentados/ introduzidos no discurso.
Galvão; Abraçado (2024)	Analisa construções com <i>chegar</i> e observam que o sentido espacial básico desse verbo se expandiu para usos mais abstratos. Reconhecem que <i>chegar</i> representa lugar, tempo e novidade, e concluem que o uso mais produtivo no gênero publicitário ocorre pela representação de tempo e novidade.

Fonte: Elaboração própria.

2.6 RESUMO: REFERENCIAL TEÓRICO

Discutimos, neste capítulo, que “construção” é o pareamento indissociável entre forma e função, de tal modo que as construções de uma língua apresentam propriedades como produtividade – em termos de frequência de tipo (*type*) e de ocorrência (*token*) com que ocorrem em uma língua; composicionalidade – em termos da determinação das subpartes dos significados que compõem cada construção; e analisabilidade – em termos da identificação das partes que compõem o todo da construção. Essas construções são “nós” nas redes linguísticas, conectadas por elos de herança, de metáfora, de polissemia e de subpartes. A esquematicidade diz respeito à abstratização das construções em padrões mais ou menos gerais e, assim, as redes

linguísticas apresentam esquemas mais genéricos, que se desdobram hierarquicamente em subesquemas, que se desdobram, por sua vez, em microconstruções abstraídas dos constructos.

Os Esquemas Imagéticos, nesta pesquisa, é o correlato conceptual que fomenta a hipótese de que os diversos tipos de microconstruções com o verbo *chegar* acionam o mesmo EI Origem-Trajeto-Destino. Esses EI são formados pelas experiências extralinguísticas dos falantes em eventos do mundo e, dessa forma, padrões mais recorrentes dessas experiências são condensados cognitivamente e replicados em outros usos linguísticos.

Os trabalhos na literatura sobre o verbo *chegar* reconhecem diferentes funções para esse verbo. Em construções auxiliares, é reconhecido que *chegar* ocupa a categoria de semiauxiliar, por não expressar tempo e modo, e apresentar nuances aspectuais mais relacionadas ao nível pragmático da língua, funcionando como marcador de escala, de situações limites e de contra expectativa. Em construções focalizadoras, é reconhecido que *chegar* focaliza: i) SNs na posição de Sujeito pós-verbal; e além de focalizar, ii) dramatiza ações descritas por verbos dentro da mesma construção. *Chegar* funciona como verbo-suporte, e, nessas construções, expande seu significado mais concreto para significados mais abstratos, assim como em construções de predicação plena em que esse verbo representa tempo e novidade, e não apenas lugar. O verbo *chegar* também é reconhecido como um “conector” com função consecutiva quando usado na forma invariável “chega”.

Dadas as diferentes funções já reconhecidas na literatura, nesta dissertação, buscamos contribuir para as descrições já feitas, acrescentando outras funções ainda não consideradas na linguística descritiva do português, como procuraremos demonstrar no capítulo de análise dos resultados.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Primeiramente, mostramos como o *corpus* foi delimitado e, em seguida, mostramos como ocorreu a coleta dos dados relevantes a serem analisados. Na terceira parte, mostramos os procedimentos de análise, expondo os parâmetros de análise de forma (correspondentes a seis critérios) e de função (correspondentes a dez critérios).

3.1 O CORPUS

Os dados que compõem o *corpus* da pesquisa são provenientes do Banco de Dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP - Amostra Linguística do Interior Paulista (Gonçalves, 2007). As amostras de fala que compõem o Banco de Dados Iboruna foram coletadas entre 2004 e 2007 em sete cidades da região noroeste do Estado de São Paulo: Bady Bassit (BAD), Cedral (CED), Guapiaçu (GUA), Ipiguá (IPI), Mirassol (MIR), Onda Verde (OND) e São José do Rio Preto (SJP).

O Banco de Dados Iboruna é composto por dois tipos de amostras: i) Amostra Censo e ii) Amostra de Interação. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos apenas os arquivos da Amostra Censo (AC), composta por 151 entrevistas sociolinguísticas, coletadas a partir de perfis sociais previamente definidos.

3.2 OS DADOS

O levantamento de dados ocorreu por meio de busca automática pelo radical do verbo *chegar*, /cheg/, nos arquivos de transcrição do Banco de dados. Dos dados encontrados, foram selecionados apenas aqueles que correspondiam ao critério de palavra verbal. As ocorrências identificadas como “expressões idiomáticas” também não foram consideradas, como as exemplificadas em (17), (18) e (19):

- (17) Inf.: não num **sô(u) chegada** não nessas esfirras daí do::... Habib’s não... (gosto não)... agora tam(b)ém aí óh só brincade(i)ra... gente pa/ tudo no lugar quando ele tam(b)ém era pequeno ele falava – “mãe... faz esfirra e leva a vendê(r) na minha escola?” [BDI - AC-096; RP: L. 315-321]

- (18) E quem tem mais... condições sociais m/ mais dinhe(i)ro assim... aí:: pra í(r) num lugar tem que levá(r) segurança pra í(r) no o(u)tro tem que tê(r) segurança... é uma coisa que::... precisa sê(r) mudado isso... agora é época de eleição vamo(s) vê(r) se muda alguma coisa né?... não que só os governantes que tenha que mudá(r)... a gente tem que fazê(r) a nossa parte... pra tá mudando isso porque do jeito que tá... num num pode piorá(r) eu acho q/ que chegô(u) aí... e:: já:: **CHEga...** já tá na hora de dá(r) um BASTa nisso
 Doc.: tá no limite né?
 Inf.: já tá no limite e que num tem como::... SUPERÁ(r) esse limite... porque:: como/ o nosso futuro como que vai sê(r)?... [BDI - AC-051; RO: L. 542-560]
- (19) porque eu acho o seguinte por exemplo... essa política que vem sendo feita no Brasil... é uma política de de de de remen::do... sempre foi feito assim... e num adianta ninguém vim falá(r) aqui por exemplo na minha opinião –“ah o Brasil tem que **chegá(r) lá**”–... [BDI - AC-119; RO: L. 304-320]

As expressões exemplificadas acima não foram consideradas uma vez que, aplicando o princípio da composicionalidade, não depreendemos o significado do todo pelo que as partes significam. Em (17), “ser chegado a” expressa preferência do referente do Sujeito em relação ao referente codificado no complemento. Em (18), é marcada uma situação limite com a expressão “(já) chega!”, de modo que o falante sinaliza o fim da tolerância em relação a um evento. Em (19), a expressão *chegar lá* não se refere necessariamente ao alcance de um espaço, mas de um patamar mais elevado de conhecimento dos interlocutores, o que, no contexto, significaria que o Brasil vai alcançar um patamar mais elevado do que aquele em que se encontra atualmente. Esses três exemplos mostram que há construções com o verbo *chegar* que são mais idiossincráticas, e por esse motivo, não são analisadas nesta pesquisa.

A identificação da forma das construções com o verbo *chegar* consistiu no agrupamento das ocorrências coletadas, segundo padrões abstraídos dos dados, o que resultou no reconhecimento de cinco padrões de MicroCx, a saber:

i) MicroCx 1: [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]_{TRANSITIVA}
 CIRCUNSTANCIAL];

- (20) aí nós pegô(u) fomo(s) no/ lá no dentista liga::mo(s)... aí a mulher falô(u) assim – “ah **o ônibus vai chegá(r) aqui** nove e meia... aí (inint.) vê se achava alguma coisa... aí depois cê (me) li::ga” [BDI - AC-016; NE: L. 13-15]

ii) MicroCx 2: [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}];

- (21) catô(u) o carro e ainda saiu... cantan(d)o pneu... e eu tô lá eu deitado conversan(d)o conversa pra cá conversa pra cá beben(d)o cerveja né?... daqui a po(u)co minha filha... **chega ele** daqui uma hora mais ou menos me volta ele... me volta ele corren(d)o assim [BDI - AC-079; NE: L. 15-25]

iii) MicroCx 3: [[SUJEITO]+[CHEGAR(+[PREP])+V2_{INF}]]_{AUXILIARIZAÇÃO}];

- (22) **o Corinthians** acho que... perdeu um empatô(u) dois ou três... e **chegô(u) a í(r)** pra vigésimo... segundo... vigésimo terce(i)ro... aí o quê que aconteceu? ganhô(u):: [BDI - AC-053; RO: L.546-569]

iv) MicroCx 4: [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2_{FIN}]]]FOCALIZAÇÃO];

- (23) foi... conversá(r) com a mulher... perguntan(d)o se ela podia comê(r) o lanche né? que a criança num tinha pegado... já tinha acabado a festa... e a:: **a dona chegô(u) e falô(u)** – “num contratei você pra pra comê(r)... eu contratei você pra trabalhá(r)... joga esse lanche no lixo que num é pra você” [BDI - AC-047; NR: L.71-89]

v) MicroCx 5: [CHEGAR_{FIN}]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO];

- (24) o Z. veio a menina dela chamô(u) o Z.... **o Z. chegô(u)** – “vamo(s) po hospital”– ... nós fomo(s) a pé... nós fomo(s) a pé... [BDI - AC-130; NE: L. 199-214]

Entendendo esses padrões como tipos microconstrucionais (*types*), levantamos, para cada um deles, a frequência de ocorrência (*token*). Para Bybee (2007),

Existem várias maneiras de quantificar a frequência, várias unidades nas quais a contagem pode se basear e várias maneiras pelas quais a frequência tem efeitos cognitivos. Primeiro, diferencio frequência de ocorrência [token] de e frequência de tipo [type]. Na frequência token conta-se o número de vezes que uma unidade aparece no texto corrente [...]. A frequência type é um tipo muito diferente de contagem. Apenas padrões linguísticos possuem frequência type, pois isso se refere a quantos itens distintos são representados por um mesmo padrão (Bybee, 2007, p. 9, tradução nossa).⁸

Considerando que a análise da frequência de construções é um critério fundamental em pesquisas baseadas no uso, nesta pesquisa utilizamos o termo *type* para designar os padrões abstraídos das ocorrências levantadas. Alternativamente, os *types* serão referidos também como “padrão construcional” ou “tipo construcional”.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A elaboração desta pesquisa segue quatro passos como procedimento de análise.

O **primeiro** passo corresponde ao agrupamento dos dados coletados. Baseamo-nos no princípio *bottom up*, dos Modelos Baseados no Uso, para categorizar as ocorrências de acordo com padrões abstratizados dos dados levantados, o que nos levou ao reconhecimento dos cinco *types* apresentados na subseção 2.2., anterior.

⁸ No original: “There are various ways of counting frequency, various units upon which to base the count, and various ways in which frequency has cognitive effects. First, I distinguish token and type frequency. Token frequency counts the number of times a unit appears in running text. Any specific unit, such as particular consonant [s], a syllable [ba], a word dog or the, a phrase take a break, or even a sentence such as Your toast popped up can have a token frequency. Type frequency is a very different sort of count. Only patterns of language have type frequency, because this refers to how many distinct items are represented by the pattern. Type frequency may apply to phonotactic sequences; it would be the count of how many words of the language begin with [sp] versus how many begin with [sf]. It may apply to morphological patterns, such as stem + affix combinations.”

De posse dos dados levantados, partimos para o **segundo** passo, a análise dos dados, de acordo com os parâmetros de forma (a) e de significado (b).

a) Parâmetros de forma

O primeiro parâmetro de forma diz respeito à classificação das ocorrências em um dos cinco padrões de MicroCx mostrados na subseção 2.2.

a.1) Para a MicroCx 1 [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL)]]PREDICAÇÃO PLENA], consideramos, neste trabalho, as construções em que o verbo *chegar* atua como predicado intransitivo cuja estrutura argumental inclui um Sujeito (pleno ou desinencial) e um adjunto adverbial com valor locativo (concreto ou abstrato), modal, final ou temporal. Embora esses adjuntos não sejam complementos verbais no sentido estrito⁹, eles pertencem ao todo da microconstrução com *chegar*, sendo responsáveis por perfilar pontos relevantes do EI de Trajetória, como destino, propósito ou momento da chegada.

a.1.2) *Estrutura da expressão adverbial*. Ainda sobre a MicroCx 1, analisamos a estrutura da expressão adverbial que aparece na MicroCx: expressão adverbial simples (*chegar aqui*); Sintagma Preposicional (*chegar em casa*); oração (*chegou gritando*); esse parâmetro não se aplica a MicroCx em que não há expressão adverbial.

a.2) A MicroCx 2 [[CHEGAR]+[SUJEITO]]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO] comporta casos de SN Sujeito pleno, posposto ao verbo *chegar*, cujo referente é apresentado como novo no discurso. Outros critérios de análise do Sujeito das MicroCx com *chegar* serão discutidos no terceiro passo.

a.3) A MicroCx 3 [[SUJEITO]+[CHEGAR (+[PREP.])+ [V2_{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO] engloba os casos de MicroCx compostas por *chegar* na posição V1 de auxiliar, seguido de V2, no infinitivo, intermediados ou não por preposição. Assumimos que, nesses casos, o verbo *chegar* é semiauxiliar, conforme resultados de pesquisas que aferem o grau de gramaticalização desse verbo sincronicamente (Pena-Ferreira, 2007; Bertucci, 2007).

a.4) A MicroCx 4 [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2_{FIN}]]FOCALIZAÇÃO] refere-se a MicroCx que apresentam a sequência *chegar*, na posição de V1, e V2 finito, intermediados ou não pela conjunção aditiva “e”, sem, no entanto, tratar-se de casos de coordenação de dois eventos, mas de um único evento.

a.5) A MicroCx 5 [CHEGAR]MARCADOR DISCURSIVO licencia MicroCx que apresenta o verbo *chegar* com estrutura argumental reduzida ao Sujeito, sem expressão, portanto, de complemento circunstancial, mas seguidas de discurso relatado.

⁹ Utilizamos, nesta dissertação, o termo “expressão adverbial” tanto para complemento circunstancial, quanto para adjunto adverbial.

O **terceiro** passo da pesquisa considera a análise as MicroCx, de acordo com os seguintes parâmetros de significado:

b) Parâmetros de significado

b.1.) *Animacidade do Sujeito*. Segundo Castilho (2014, p. 297), a análise dessa propriedade implica reconhecer que: “Dois traços semânticos subordinam-se ao traço /+animado/: o de /± humano/, visto que um referente animado não precisa ser necessariamente humano, e o de /± agentivo/, visto que numa dada sentença um referente animado não precisa necessariamente ser o controlador da ação”. Refinando esse critério, para a análise dos colocados na MicroCx, aplicamos ao Sujeito os traços: [+ humano], [- humano; + animado] e [- humano; - animado]; esse parâmetro não se aplica aos casos de MicroCx com Sujeito indeterminado.

b.2.) *Tipo de entidade semântica do Sujeito e Destino*. De acordo com Lyons (1977), expressões podem referir na língua entidades de diferentes ordens, a saber: *indivíduo*, entidade de primeira ordem, que ocupa lugar no tempo e no espaço e é avaliada pela sua existência; *estado-de-coisas* ou *evento*, entidade de segunda ordem, que, localizada no tempo e no espaço, só pode ser avaliada pela sua realização, porque ocorre, dura em um determinado tempo e lugar; *proposições*, entidade de terceira ordem, que não tem lugar nem no tempo nem espaço, porque se refere a construtos mentais, e como tal, só pode ser avaliada pela sua verdade. Além desses três tipos semânticos de entidade, outras especificações semânticas mais precisas são necessárias, como as de *Tempo* e de *Lugar*, que ocorrem associadas aos dois primeiros tipos (indivíduo e estado-de-coisas). Esse critério também não se aplica aos casos de MicroCx com Sujeito indeterminado. Esse parâmetro se justifica porque pode revelar quais tipos de Sujeitos são mais atraídos para as MicroCx com *chegar*, podendo evidenciar a especialização de determinadas construções em selecionar tipos semânticos específicos de Sujeito.

b.3.) *Tipo de expressão adverbial*. Apenas para a MicroCx 1 (cf. a.1., acima), por se tratar de um verbo de movimento que pode ou não ter uma expressão adverbial como complemento circunstancial ou adjunto adverbial, analisamos o *tipo de expressão adverbial na MicroCx*. Especificamente, identificamos nas MicroCx tipos adverbiais Locativos (*chegar aqui*), Temporais (*chegar amanhã*), Modais (*chegar correndo*) e de Finalidade (*chegar para reunião*). Para os outros tipos construcionais, em que não há expressão adverbial como parte da construção, este critério não se aplica.

b.4.) *Grau de abstratização do locativo*. Ainda relacionado à MicroCx 1, buscamos investigar o *grau de abstratização do locativo* explícito na MicroCx, seguindo a classificação

de Wiedemer (2013), que estabelece seis configurações (especificamente) do complemento locativo/ponto de referência:

- a. [objeto]: remete a objetos sem nomes definidos. Exemplos: cadeira, arquibancada.
- b. [instituição]: remete a nomes definidos de lugares. Exemplo: UNESP.
- c. [instituição personificada]: remete tanto à personificação de instituição (médico = consultório) como à personificação de lugar (sogra = casa da sogra).
- d. [evento]: refere-se a eventos que ocorrem em certos lugares. Exemplos: missa, futebol, festa.
- e. [espaço sócio-geográfico]: designa lugares geograficamente definidos. Exemplos: Paraguai.
- f. [lugar]: remete a lugares definidos espacialmente. Exemplos: centro, interior. (Wiedemer, 2013, p. 147)

As configurações propostas por Wiedemer (2013) não contemplam todos os dados analisados nesta pesquisa. Desse modo, propomos duas outras configurações, em (g) e (h):

- g. [lugar abstrato]: remete a “lugares” metaforizados de situações;
- h. [escala]: remete a determinado ponto dentro de uma escala.

Os critérios (g) e (h) e são aplicados a casos como os exemplificados abaixo.

- (25) eu fiquei assim chocado até por NÃO acreditá(r) que essa pessoa faça isso diz que pegô(u) deu tiro na ca::sa... isso me deixô(u) chocado porque eu sei que essa pessoa... é nervo::sa violen::ta agressiva tudo mas não **chegá(r) nesse ponto** de chegá(r) e::... né? a ponto de... pô uma bala podia tê(r) pego... nessa casa né? [BDI - AC-051; NR: L.182-197]
- (26) o câncer já tinha tomado já tava aqui emba(i)xo... então ele precisô(u)... em vez de uma meia hora uma hora da operação... ficô(u) três horas... e deu uma hemorragia... que... a minha pulsação **chegô(u) a zero** [Doc: nossa]... graças a ele e ao do(u)tor J. P... que eles esTavam na Santa Casa [BDI - AC-151; NE: L.146-172]

b.5) *Concretude do movimento*. Analisando a expressão adverbial da MicroCx de estrutura argumental, outro critério que estabelecemos é o de concretude do movimento. Wiedemer (2013), ao analisar as preposições de verbo de movimento, lança mão deste parâmetro de análise para aferir a expansão de sentido das preposições. Nesta pesquisa, utilizamos os critérios de [movimento concreto], exemplificado em (27), e de [movimento não concreto], exemplificado em (28).

- (27) Inf.: então... a/ a gente morava no Sítio... eu tinha assim... SEIS ano... e todo sábado meu pai vinha na cidade comprá(r)... fazê(r) compra... [Doc.: aham ((concordando))] e eu vinha com ele... nos vinha de carrinho... de carROça né? ((risos)) [Doc.: é::]... aí nós **chegamo(s) na venda do seu C.** onde ele compra::va... e eu queria bala que ele comprava to::do dia que eles vinha né? [BDI - AC-108; NE: L. 02-14]

- (28) eu:: fazia o meu repo(u)so muito aí sentada meu portão as amigas vinham conversavam... e:: deu pa passá(r) depois devagá(r) eu comecei a andá(r) andá(r)... e fui melhorando... pra mim foi uma uma coisa de lo(u)co eu tê(r) tirado... de cento e trinta quilo eu **chegá::(r) a:: setenta e dois quilos** né?
[BDI - AC-152; NE: L. 26-47]

b.6.) *Presença de negação na MicroCx*. Para as MicroCx 3, em que *chegar* funciona como verbo semiauxiliar, analisamos a presença de negação, que pode incidir ou não sobre todo o evento; em perífrases aspectuais com *chegar a*, a marca de negação atua como recurso que explicita a telicidade da construção, ao indicar que o evento principal (expressado pelo verbo no infinitivo) não se realiza por completo (Castilho, 2014, p. 417).

b.7.) *Tipo semântico de V2*. Para as MicroCx 3 e 4, casos em que *chegar* se combina com outro verbo, um V2, analisamos o *Tipo semântico de V2*, classificando-o segundo a escala de tipos proposta por Tavares e Freitag (2010), que levam em conta fatores semântico-pragmáticos relacionados às nuances “concreta, abstrata e genérica”:

Quanto maior o traço de atividade do verbo, mais ele sinalizará nuances concretas, referindo-se a ações físicas sobre o mundo exterior, isto é, o mundo das experiências básicas e intencionais. À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuances abstratas/genéricas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. Por sua vez, os verbos que ocupam a ponta final da escala de atividade são bastante generalizados, pouco carregando de significado em si e servindo basicamente como elo de ligação para seus complementos. Relacionam-se, portanto, a nuances genéricas. (Tavares; Freitag, 2010, p. 104)

Ilustramos, no quadro abaixo, os tipos de verbos e suas classificações, de acordo com essa proposta das autoras.

Quadro 3 – Classificação semântico-pragmática de verbos

Tipo de Verbo	Classificação
Momentâneo	refere-se à atividade repentina, de curta duração
Atividade específica	evoca uma imagem específica
<i>Dicendi</i>	precede a citação ou discurso direto
Atividade difusa	não evoca uma imagem específica
Instância	posição corporal estática
Estímulo mental	o Sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem
Evento transitório intencional	indica se o Sujeito permanece em certo lugar
Evento transitório não intencional	refere-se a ações não intencionais
Processo	mudança não intencional sofrida por um corpo (mais ou menos animado)
Experimentação mental	o Sujeito da oração é o experienciador
Atenuação	distanciamento ou suavização da opinião
Relacional	representa relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade
Sensação corporal	sensação física
Existência	ter, haver, existir
Estado	ser, estar, parecer, ter (olhos azuis)

Fonte: Elaboração própria, a partir de Tavares e Freitag (2010).

b.8.) *Tempo e Modo verbais e formas nominais de chegar*. Sob esse parâmetro, consideramos as formas finitas (tempos dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo) e não finitas (infinitivo, particípio e gerúndio) e *chegar*. Esse critério de análise nos permite apurar, por meio de frequência, o tempo e o modo mais utilizados nas construções com *chegar* em determinados tipos textuais. Além disso, Tempo e Modo nos permitem analisar contextualmente as ações (se processuais, pontuais, concluídas, inconcluídas, etc.).

b.9.) *Tipos textuais*. O último parâmetro de análise refere-se aos tipos textuais em que os dados ocorrem. As entrevistas do Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007), conforme roteiro de entrevistas, foram estruturadas de modo a se obter dos entrevistados a explicitação de cinco tipos textuais, sendo eles: Descrição (DE); Narrativa de Experiência (NE); Narrativa Recontada (NR); Relato de Opinião (RO) e Relato de Procedimento (RP). De forma mais detalhadas, os tipos de texto controlados na Amostra são:

- (i) narrativa de experiência pessoal envolvendo relatos de história alegre ou triste;
- (ii) narrativas recontadas envolvendo história alegre ou triste ocorrida com outrem, evitando-se relato de filmes, novelas, etc.;
- (iii) texto descritivo, envolvendo descrição de local;
- (iv) relatos de procedimentos baseados em experiências culinárias ou outra atividade que exija procedimentos ordenados;
- (v) relatos de opinião com temáticas variadas, dependendo da faixa etária do informante (escola, família, religião, relacionamentos afetivos, esportes, problemas sociais, etc.). (Gasparini-Bastos; Gonçalves, 2005, p. 1)

Esse critério de análise é relevante, pois pode revelar se as MicroCx com o verbo *chegar* se mostram mais ou menos produtivas a depender do tipo textual em análise. Como analisamos MicroCx com diferentes funções, determinadas funções podem ou não ser mais características de determinados tipos textuais do que de outros.

Como **quarto** passo da metodologia de análise, cruzamos os resultados dos parâmetros de análise de forma e de significados, a fim de apurarmos especificidades relevantes dessas MicroCx com o verbo *chegar*, observando padrões de produtividade e de gradualidade de traços semântico-sintáticos entre os padrões considerados e os relacionando com as representações conceptuais do Esquema Imagético de Trajetória.

4 AS MICROCONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR*

Neste capítulo, mostramos os resultados das análises das Microconstruções (MicroCx) com o verbo *chegar*. Inicialmente, nos propomos a identificar as diferentes redes construcionais de que as diferentes MicroCx participam. Após identificadas as redes, analisamos cada uma das cinco MicroCx de acordo com os parâmetros descritos no capítulo anterior. Em seguida, buscamos justificar a presença de *chegar* em diferentes redes que cumprem diferentes funções discursivas. Por fim, relacionamos os tipos de construção com *chegar* caracterizados a partir das análises ao Esquema Imagético de Trajetória.

4.1 TIPOS DE MICROCONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR*

Nesta pesquisa, identificamos cinco MicroCx com *slot* de verbo preenchido pelo item *chegar*. Cada uma dessas MicroCx pertence a diferentes redes construcionais, o que demonstra a multifuncionalidade do verbo em estudo. O recorte dessas MicroCx nos permite observar como o verbo *chegar* se comporta em diferentes contextos de uso, exercendo funções que são mais ou menos prototípicas de verbo.

A primeira MicroCx identificada, **[[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])][TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL]**, pertence a uma rede mais genérica de construções de estrutura argumental transitiva, que tem como padrão esquemático mais geral a construção **[(ARG) PRED]_{PREDICADO}**, a qual, para a MicroCx em análise, especifica-se com o *slot* de **PRED(icado)** preenchido pelo verbo *chegar*, e o de **ARG(umento)**, por Sujeito e por complemento circunstancial, conforme proposta de Gonçalves e Oliveira (2020). Em (29) segue uma ocorrência exemplificativa desse primeiro *type*.

- (29) Inf.: mora lá na casa e::le... a mãe de::le a espo::sa e as duas filhas né? que são minhas duas primas... e aí:: **a gente chegamo(s) lá::** a casa era bem grandio::na... tinha uma pisci::na a gente ficava nada::n(d)o e era MUITO calor porque lá é quarenta graus todo dia... e num tem vento num tem chuva num tem nada [BDI - AC-024; NE: L. 82-85]

A segunda MicroCx, **[[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}**, está inserida na rede **[VS]_{Pred}** de construções que focalizam ou introduzem referentes novos no discurso. Na rede de focalização mais ampla, construções “irmãs” dessa MicroCx incluem as construções existenciais (Costa, 2022) e intransitivas (Freitas; *et al.*, 2022), que compartilham funções similares, como a de apresentar novos tópicos/referentes discursivos ou de direcionar a atenção do interlocutor para entidades ou eventos específicos. Em (30), exemplificamos esse padrão de MicroCx.

- (30) Inf.: [na verdade] não era bem contra eu num sei (foi) tudo muito rápido mas tinha um sentimento que DEPOIS... eu vim a sabê(r) o que era... por quê?... depois que eu fui me ava/ a não... **CHEGÔ(U)... a minha sobrinha** que era pequena hoje tá uma moça pequena... e viu... o N. de mão dada com a Laís... [BDI - AC-150; NE: L. 159-171]

A terceira MicroCx, **[[SUJEITO]+[CHEGAR(+[PREP]+)V2_{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO]**, participa da rede mais ampla de construções auxiliares, a qual comporta um subesquema voltado para os auxiliares aspectuais, que, no nível inferior da MicroCx, abriga os aspectuais resultativos, nível especificado, dentre outros verbos, pelo verbo *chegar* no *slot* de auxiliar, seguido da preposição e de um V2 no infinitivo, como mostramos na ocorrência em (31).

- (31) o Corinthians acho que tava em vigésimo... nos TRÊS quatro jogos primeiros assim... no comando dele... o Corinthians acho que... perdeu um empatô(u) dois ou três... e **chegô(u) a í(r)** pra vigésimo... segundo... vigésimo terce(i)ro... aí o quê que aconteceu? ganhô(u):... ficô(u) dez [jogos invictos] [BDI - AC-053; RO: L. 546-569]

A quarta MicroCx, **[[SUJEITO]+[CHEGAR+(*[e]*)+)V2]]FOCALIZAÇÃO]**, é um recorte da rede das construções do tipo “Foi e Fez”, assim nomeadas por Rodrigues (2006). Nesta rede, as construções intermediárias apresentam os *slots* de V1 e V2 abertos, mais especificamente, no nível da MicroCx analisada nesta pesquisa, V1 é preenchido pelo verbo *chegar*.

- (32) Inf.: então... [Doc.: é qu/] mas é:.... eu não tô muito preocupada com isso agora na Órbita... eles... querem... meu filho trabalhava lá eles são amigos dele... você vê que eles têm amor... eu mandei uma vez pro posto Tropical que eles queriam sabe?... só que o que que aconteceu lá... tinha: um gerente... ele não punha... as trufas... ele de(i)xava uma semana na... na gelade(i)ra... pra depois colocá(r) as trufas pra vendê(r) e num pode porque essas trufa ela só duram uma semana... quando eu percebi isso... eu parei de mandá(r)... [Doc.: é:] [porque se] **uma criança chega... e come** essa trufa... depois de uma semana lá... aconteceu isso tá?... por isso que eu tô falan(d)o tanto... [BDI - AC-106; RP: L. 751-764]

A quinta MicroCx, **[[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO]**, pertence à rede mais ampla de Marcadores Discursivos, a qual comporta uma gama variada de forma e função, possíveis de serem especificadas somente nos níveis mais baixos da rede construcional. Propomos aqui que, no nível da MicroCx, esse padrão com o verbo *chegar* comporta a expressão argumental de Sujeito, com função discursiva interfrasal específica de introduzir discurso relatado, como argumentamos mais detalhadamente adiante.

- (33) eu vô::(u) de o(u)tro modo com meu díximo... dá(r) assistência a uma pessoa... carente... mas também a gente faz uma participação com aquela pessoa tam(b)ém eu num vô(u)/... que hoje em dia é fácil qualqué(r) um que **chega** – “ai:: tô precisan(d)o disso tô precisan(d)o daquilo” –... mas a gente vai faz uma pesquisa o que realmente tá acontecen(d)o [BDI - AC-090; RO: L. 480-492]

As cinco MicroCx apresentadas acima foram encontradas no *corpus* analisado com a frequência *token* mostrada na tabela abaixo.

Tabela 3 – Frequência Type e Token de Microconstruções com o verbo *chegar*

MicroCx com <i>chegar</i>	Freq. Token	%
[[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL]	1266	81,20%
[[CHEGAR]+[SUJEITO]]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]	130	8,33%
[[SUJEITO]+[CHEGAR](+[PREP]+)V2 _{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO]	104	6,67%
[[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]FOCALIZAÇÃO]	52	3,33%
[[SUJEITO]+[CHEGAR _{FIN}] INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO]	7	0,44%
Total de Tokens	1559	100%
Total de Types	5	-

Fonte: Elaboração própria

A MicroCx transitiva circunstancial é mais produtiva, com 1266 ocorrências, correspondendo a 81,20% do total de dados, seguida da MicroCx de focalização/apresentação, segundo tipo mais frequente, 8,33% (= 1266/1559) do total dos dados, frequência próxima à de MicroCx de auxiliarização, com 6,67% (= 104/1559) do total das construções analisadas. Tipos de MicroCx mais raros são os de focalização, com 3,33% (= 52/1559), e de Marcador Discursivo introdutor de discurso relatado, com 0,44% (7/1559) de frequência.

Passamos na sequência ao detalhamento de cada um dos tipos de MicroCx.

4.1.1 Microconstrução transitiva circunstancial

De acordo com os resultados de frequência bruta, a MicroCx de estrutura argumental transitiva circunstancial é a mais produtiva dentre os tipos encontrados (81,20% = 1.266/1559). Consideramos este padrão uma construção de estrutura argumental, porque o verbo *chegar* exerce a função de predicado, que predica sobre o argumento Sujeito e pode ser complementado por um elemento circunstancial expresso adverbialmente. Os constructos identificados apresentam a ordem Sujeito, Verbo e complemento circunstancial, que pode ou não ser realizado, mas, se não expresso, está sempre subentendido no contexto.

Ao analisarmos a animacidade do Sujeito dessas construções, constatamos que 88,9% (1.126/1.266) das ocorrências apresentam sujeito com traço [+humano], como em (34); 3,9% (50/1.266), com traço [-humano, -animado], como em (35); e 0,55% (7/1.266), com traço [-humano, +animado], como em (36). Esses resultados revelam que, nos dados da pesquisa, a construção transitiva com o verbo *chegar* seleciona, preferencialmente, Sujeitos de traço [+humano] no preenchimento do slot de argumento Sujeito.

- (34) depois de muita briga assim muita discussão... acabaram de(i)xando eu í(r)... aí **eu cheguei** em Cuiabá eu lembro que eu até::... comprei batata pra::... em/ éh:: pra comê(r) dentro do avião... [BDI - AC-051; NE: L. 08-27]

- (35) Inf.: a outra de tijolinho toda bonitinha tem o balcão lá já pronto só tá esperan(d)o **a churrasque(i)ra chegá(r)** [BDI - AC-080; DE: L. 160-167]
- (36) porque todo dia à tarde... quando **os PAtO os maRRERco chegava** pra nadá(r)... então sempre tinha bastante gente em volta pra vê(r) os pato nadá(r) [BDI - AC-137; NE: L. 18-26]

Em (34) e (36), o traço semântico de Sujeito é [+ animado], por outro lado, em (35), há Sujeito de traço [- animado]. Quanto às outras ocorrências em que o traço de animacidade não se aplica (6,5% = 83/1266), trata-se de construções com sujeito indeterminado, com verbo *chegar* indicando aproximação temporal, como em (37), ou aproximação de um estado de coisas, como em (38).

- (37) Inf.: então... aconteceu c'o meu pri::mo... tal foi... um acidente de carro na rodovia... ele:: tinha dezoito ano tinha acabado de tirá(r) carta ainda nem tinha carro ainda tal... e ele namorava uma menina de:: Neves Paulista... aí:: tal **chegô(u) num sábado** ele queria... queria porque queria í(r) na casa dela porque ia tê(r) uma festa lá [BDI - AC-019; NR: L. 21-24]
- (38) porque cursinho a pessoa mesmo se cobra né? [Doc.: aham ((concordando))] a gente mesmo num/ bota essa cobrança tô com umas amigas fazendo tam(b)ém... aí **elas chegam numa situação um po(u)co chata** assim né?... [BDI - AC-054; NE: L. 66-77]

A construção de estrutura argumental permite que quatro tipos semânticos de Entidade ocorram como **Trajetor** (Indivíduo, Estado de Coisas, Lugar e Ato de fala), ou seja, como entidade que se movimenta por entre os pontos de uma Trajetória (Origem, Trajeto e Destino). Dos tipos de Entidade que ocorrem nas construções, *Indivíduo*, como exemplificado em (39), é o mais frequente (92,73% = 1174/1226), e os demais, pouco frequentes: *Estado de Coisas*, exemplificado em (40), com frequência de 6,56% (83/1226), *Lugar*, exemplificado em (41), com frequência de 0,39% (5/1226), e, por fim, *Ato de Fala*, como em (42), com frequência de 0,32% (4/1226).

- (39) aí agora que eu já aprendi tudo né? **as pessoas chega** lá na loja é muito mais fácil de atendê(r) né? – “pois não?... como é/ o que a senhora deseja o que o senhor deseja” – né? [BDI - AC-069; RP: L. 220-242]
- (40) você sabe o que você passa... dentro da sala de aula... você sabe quan/ ((ruído)) de aula... que ele já foi expulso do do:: centro social” –... falô(u) falô(u) falô(u)... eu falei – “M.... cê tá vendo em que situação você me colocô(u)?” –... eu falei – “cê acha que **precisAva chegá(r)** a esse ponto?” –... eu falei – “você viu que cê tá levando a sua violência pros seus colegas” [BDI - AC-086; RO: L. 826-839]
- (41) o encantamento assim do lugar né? que o único lugar que eu vi bonito assim... de casa assim foi o Morumbi né? que eu fui quando eu morei lá em Taboão da Serra né?... foi o Morumbi só que eu vi chegá(r) perto... nem o **DAmha acho que chega perto daquele lugar lá** de tão organizado assim bonito que é ((passa uma moto na rua)) eu também já entrei no Dahma [BDI - AC-069; DE: L. 64-179]

- (42) eles ia imaginá(r) – “bom se três que tava... precisô(u) sê(r) transferido urgente pra Rio Preto aquele que num veio” – que no caso seria eu – “que que aconteceu com ele né? só Deus sabe” – mas graças a Deus **essa conversa num chegô(u)**... ao conhecimento... da minha família... [BDI - AC-103; NE: L. 115-135]

Em (39), o Trajetor “as pessoas” refere um grupo de *Indivíduos* identificáveis no espaço e no tempo. Esse Trajetor percorre uma trajetória até um Destino específico, “lá na loja”. Este é o tipo de Entidade mais comum neste padrão construcional, *Indivíduos* - com traço semântico [+ humano].

Em (40), o Trajetor é um *Estado de Coisas*, inferido pelo contexto como a situação insatisfatória vivida pelo falante. O verbo *chegar* é usado metaforicamente para indicar que um determinado estado de coisas extrapolou um limite considerado suportável.

Em (41), o elemento que, na perspectiva do falante, movimenta-se na trajetória é o *Lugar* “o Damha”. Na ocorrência, o movimento do Trajetor é em direção a outro *Lugar* (*aquele lugar lá*), que tem características superiores ao Trajetor que, por isso, não se aproxima dele para uma possível equiparação (*nem o Dahma chega perto...*). Tem-se assim um significado de proximidade simbólica com outro lugar considerado superior, um significado de movimento mais abstrato expresso por *chegar*. Em (42), o Trajetor é um *Ato de Fala*, “Essa conversa”. Neste exemplo, indica-se que um conteúdo verbal produzido não alcança o Destino comunicativo (“o conhecimento da família”).

Na ocorrência em (43), dada a seguir, “no final do dia” funciona como o Marco Temporal (ou Destino), sendo o ponto de chegada representado no Esquema de trajetória. O Trajetor, por sua vez, é o próprio conceptualizador, ainda que não esteja lexicalmente realizado como Sujeito da oração. Trata-se de um tipo de construção em que o falante se coloca no centro da cena, avançando implicitamente ao longo de um percurso temporal até atingir o momento “final do dia”. Um padrão que se pode observar nesses casos é que esse tipo de construção não apresenta o argumento 1 preenchido, como também em (37).

- (43) ali eu rezo também né? [bastante] [Doc.: uhum] ali quando chega **no final do dia** eu já fiz tudo o que tinha que fazê(r)... já trabalhei tomei banho já fiz tudo o que tinha fazê(r)... [BDI - AC-074; DE: L. 288-299]

No **ponto de Destino** das construções de estrutura argumental, ocorrem quatro tipos semântico de Entidade: *Lugar* (84,52% = 1070/1266), como em (44), é o tipo mais frequente; *Estado de Coisas*, como em (45), ocorre em 5,45% (69/1266) dos dados; *Indivíduo*, como em (46), em 5,45% (69/1266), *Tempo*, exemplificado em (47), em 4,19% (53/1266), e *Proposição*, como em (48), em apenas 0,39% (5/1266).

- (44) depois nós andamos mais oitenta quilômetros... **chegamos em Água Boa**... depois de Água Boa nós andamos mais cento e sessenta e cinco quilômetros... isso ainda asfalto né? [BDI - AC-093; RP: L. 298-318]
- (45) Doc.: aham ((concordando)) e assim os vereadores daqui como são assim eles::
Inf.: aqui os vereadores é assim... se um tem a família grande ganha... daí **chega lá no poder**... fica::... fica um dormin(d)o pum lado... na cade::(i)ra... [Doc.: aham ((concordando))] o o(u)tro só coça... [Doc.: ((risos))] num faz nada ali [BDI - AC-041; RO: L. 344-348]
- (46) aí eu pegava a bicicleta saía... e ia andá(r) po sítio... na be(i)ra de se [ringue(i)ra] [Doc.: uhum] é isso que eu quero eu vô(u) atrás... e andava e passava... fiz o curso né?... **cheguei num rapaz que estudô(u) junto comigo**... J. N.... que cê [tem que tê(r)::] [Doc.: uhum] pegá(r) um cavalo cavalo:: [BDI - AC-063; NE: L. 280-299]
- (47) à tardezinha às vezes o meu irmão pequeno ainda três quatro anos ia lá abria a porte(i)ra misturava o gado [Doc.: ah é]... soltava... **chegava no o(u)tro dia** quando meu pai percebia... ia lá... e via que... num tinha leite pra tirá(r)... todos bezerros tinham mamado a noite inte(i)ra... [BDI - AC-082; NR: L. 197-208]
- (48) minha mãe estava em casa minha mãe achava um ABSURdo... eu só TÁ namorando e querê(r) adotá(r) um filho... aí chegô(u) lá terminô(u)/ (a)cabô(u) com tudo... aí a assistente social lógico **chegô(u) à conclusão** que eu num seria uma boa mãe porque eu não tinha nem avisado a minha própria mãe... sobre isso... [BDI - AC026; NE: L. 4-22]

Considerando a maior frequência de ocorrência nos dados, pode-se considerar que, para as construções de estrutura argumental com o verbo *chegar*, a representação de um Indivíduo como Trajetor, e a de um Lugar como Destino, corresponde ao esquema conceitual básico, mais frequente e natural. Mesmo em casos nos quais a entidade Lugar não aparece expresso na construção, ele sempre pode ser depreendido do contexto. Em (49) e (50), mostramos, respectivamente, MicroCx com expressão adverbial explícita (*na menina*) e não explícita, mas, nesse caso, inferida - recuperável no contexto, como sendo “no ônibus”.

- (49) Inf.: ah eu acho que existe um preconceito muito grande... porque o menino que:: fica com um monte de meni::na é o menino boni::to é o menino gali/ é o menino bam bam bam é o menino desejado por todas meni::na... todas menina qué(r) ficá(r) com e::le que num sei o quê... e aqueles que são os cer::to... que são:: muitas vezes as menina assim recu::sa sabe?... fica —“ah:: esse menino ah:: ele num::... ah ele é muito ler::do num sei o quê ele num num **chega na menina** conver::sa... agora aquele lá NÃO aquele lá (já fica com monte) de menina (inint.) ele conversa” [BDI - AC-016; RO: L. 431-437]
- (50) e o:: pessoal do ônibus assim tava lá na maior algazarra (inint.)... aí falô(u) que tinha um enferme(i)ro no ônibus que na hora que **a polícia chegô(u)** ele quis ajudá(r) né?... [BDI - AC-044; NE: L. 02-24]

Das ocorrências desse padrão construcional, 79,06% (1.001/1.266) apresentam expressão adverbial explícita na construção; e 20,93% (265/1.266) não apresentam expressão adverbial. O *slot* reservado à expressão adverbial da MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL)]]_{TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL} é preenchido, em 59,79% (757/1.266) das ocorrências, por complemento locativo, como em (51); em 10,4% (132/1.266), por expressão temporal, como em (52); em 7,6% (96/1.266), por

expressão modal, como em (53); em 1,2% (16/1.266), por uma expressão de finalidade, como em (54).

- (51) aí eu... fui... **chego lá** e... antes de entrá(r) a gente tava lá fora batendo um papo [BDI - AC-085; NE: L. 09-25]
- (52) antigamente nossos pais saía às OI::to às sete e **chegava às dez**... [BDI - AC-044; RO: L. 234-241]
- (53) aí ela falô(u) assim que ele **chegô(u) o mais frio possível**... ele tava muito frio muito frio mesmo...[BDI - AC-022; NR: L. 254-258]
- (54) ela::... tinha **chegado pra reunião**... e aí ela contô(u) que:: o secretário da escola ((som de buzina)) perguntô(u) pelo nome dela [BDI - AC-088; NE: L. 189-193]

Nas MicroCx em que há expressões adverbiais de tempo, modo e finalidade, o locativo é pressuposto. Em (52), (53) e (54) é possível a leitura de locativo, como por exemplo: “chegava [em casa] às dez”; “ele chegou [lá] o mais frio possível”; “ela tinha chegado [lá] para a reunião”. A omissão do complemento locativo ocorre porque o verbo *chegar*, em alguns contextos, pode funcionar com valência monoargumental, não explicitando o lugar de destino, e dada essa possibilidade, outras expressões adverbiais especificam o tempo, o modo ou a finalidade do evento de “chegada”.

Quanto aos complementos circunstanciais expressos adverbialmente por lugar, classificamos os locativos de acordo com os seguintes parâmetros: [objeto]; [instituição]; [instituição personificada]; [evento]; [espaço sócio-geográfico]; [lugar]; [lugar abstrato]; [escala], parâmetro que não se aplica, obviamente, a dados que não apresentam expressão adverbial de lugar.

Em (55), abaixo, a construção transitiva circunstancial com o verbo *chegar* é composta por um Sujeito Indivíduo [+ humano] e por uma expressão adverbial locativa, que se configura semanticamente como um objeto concreto (*a manga*). Encontramos no *corpus* esse tipo de configuração semântica em 2,11% (16/757) dos dados.

- (55) e tinha uma mangue(i)ra muito alta... e o:: o irmão dele começô(u) a insultá(r) esse primo dele falá(r) – “ah:: Z. **cê num chega naquela manga lá** aquela manga bonita que tá lá em cima” –... e o tio Z. falava –“ah:: eu chego sim eu subo lá e pego ela”–. [BDI - AC-117; NR: L. 185-205]

Em (56), o complemento circunstancial “Rede Record” preenche o *slot* de expressão adverbial, configurando-se como Instituição. Nos dados há uma frequência de 0,26% (2/757) de ocorrências com esse tipo de complemento.

- (56) Inf.: então o dia da apresentação eu acabei in(d)o novamente in(d)o pra São Pa:ulo... e::... chegan(d)o lá... né? no::/ na/ na Rede Record... éh quando eu fui fazê(r) o teste não era na Rede Record tá? [Doc.: uhum ((concordando))]. e eu **cheguei na Rede Record**... éh fiquei um bom tempo lá a gente ficô(u) mais ou menos umas três horas lá dentro [BDI - AC-035; NE: L. 44-57]

No exemplo em (57), *médico* representa uma instituição personificada, que pode ser entendida como *hospital/consultório/clínica*. Em (58), *a menina* representa a personificação de um lugar. Esse tipo de metonímia ocorre em 8,46% (64/757) dos dados.

- (57) Inf.: [e faz queda] de braço na escola e ganha... [Doc.: olha] com o BRAço que ele teve lesão de plexo braquial... cê vê que coisa?... então isso é um/ é um... um dos né? (inint.) e depois também (inint.) com esse meu filho mais velho... **cheguei no médico** ele tava com sintoma de... meningite... [BDI - AC-106; NE: L.70-80]
- (58) Inf.: ah eu acho que existe um preconceito muito grande... porque o menino que:: fica com um monte de meni::na é o menino boni::to é o menino gali/ é o menino bam bam bam é o menino desejado por todas meni::na... todas menina qué(r) ficá(r) com e::le que num sei o quê... e aqueles que são os cer::to... que são:: muitas vezes as menina assim recu::sa sabe?... fica –“ah:: esse menino ah:: ele num::... ah ele é muito ler::do num sei o quê ele num num **chega na menina** conver::sa... agora aquele lá NÃO aquele lá (já fica com monte) de menina (inint.) ele conversa” [BDI - AC-016; RO: L. 431-437]

Em (59), há outro caso de metonímia: a referência ao lugar pelo evento (festa) em que nele ocorre. Esse tipo de complemento foi identificado em 1,19% (9/757) dos dados analisados.

- (59) Inf.: ah eu acho muito bom porque::... be(i)já(r) é bom::... e::... principalmente... porque tipo... quando cê vai ficá(r) com alguém... você::... você tem... você SAI... porque se cê ficá(r) parado você num vai ficá(r) com ninguém... e quando eu saio eu saio com meus amigos pra zuá(r) a gente já num sai assim pensando – “ah... nós vamo(s) catá(r)... mui::ta mulher” –... a gente sai lá::... e vai se divertí(r)... aí cê **chega numa festa** assim:: quando a menina dá aquela moralzinha pra você:: lá:: e cê chega nela [BDI - AC021; NR: L. 204-209]

Em (60), *São Paulo* e *Guarujá* preencheram o *slot* de complemento circunstancial e, dessa forma, são classificados semanticamente como espaço sócio-geográfico, uma vez que constituem espaços delimitados geograficamente. Complementos desse tipo aparecem em 7,13% (54/757) das ocorrências.

- (60) em São Paulo eu num gostei muito não... SÃO Paulo... é MUIto feio e eu ouço falá(r) tanto de São Paulo às vezes passan(d)o na televisão... cê pensa/ e/ eles passa (às vez) os lugar boNito de São Paulo... quan::do **nós chegô(u) em São Paulo** antes de **chegá(r) no Guarujá** mesmo... menina eu olhei... um/ fora o fedor que é lá... cheiro hoRRível... [BDI - AC-062; DE: L. 204-226]

Em (61), *aqui* é dêitico referente a um lugar concreto. Nesta configuração semântica, o locativo concreto se refere a um lugar que existe fisicamente no mundo. Ocorrências que têm o traço de [lugar concreto] em seus complementos circunstanciais têm a maior frequência aferida, 72,66% (550/757) dos dados.

- (61) “ah eu conversei com o cobrador ele disse que num entregaram nada pra ele... o:: próximo ônibus **vai chegá(r) aqui** dez e dez... se quisé(r) passá(r) aqui pa dá(r) uma olhadinha (lá) no ônibus” [BDI - AC-016; NE: L. 18-20]

No dado exemplificado em (62), *um acordo* funciona semanticamente como [lugar abstrato]. Essa configuração é derivada de lugares concretos para marcar lugares que não existem no mundo físico. Esses usos se justificam pela metaforização de lugares concretos. Dessa forma, não há no mundo físico algo que seja o “acordo”, mas se entende que *chegar a um acordo* requer, de alguma forma, uma trajetória de um ponto A - sem acordo, para um ponto B - com acordo. A configuração semântica [lugar abstrato] é identificada em 6,21% (47/757) das ocorrências.

- (62) meu pai queria M. que é o segundo nome da minha mãe... e minha mãe qué(r) T. e os dois começaram a discuti(r) o nome... e::... da/ daí **chegaram em um acordo** que ia juntá(r) T./ T. que é meu nome ficô(u) assim agora [BDI - AC-014; NR: L. 101-103]

A configuração semântica [escala] é identificada em dados como em (63). Nesses casos, complementos circunstanciais marcam pontos específicos dentro de uma escala, como *temperatura ideal*, e são assim categorizados porque não são lugares no mundo, e se trata de situações que podem ser aferidas, como *temperatura*. Dados como esse são encontrados com frequência de 1,98% (15/757).

- (63) Doc.: como que era assim o quarto de costura o senhor se lembra assim de mais coisa de dentro dele? Inf.: eu apenas eu é/ uma MÁquina né? Uma MEsa... né? uma mesa pra... riscá::(r) cortá::(r) passá(r) a ro(u)pa né? inclusive EU era o::... responsável quando i::a passá(r) ro(u)pa de balanÇÁ(r) aquele ferro todo cheio de bra::sa lá né? pra **chegá(r) a temperatura ideal** [BDI - AC-143; DE: L. 239-244]

Os resultados da análise do parâmetro de configuração semântica do complemento circunstancial estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 4 – Configuração semântica do complemento circunstancial de *chegar*

Configuração Semântica do Complemento Circunstancial	Total	%
Objeto	16	2,11%
Instituição	2	0,26%
Instituição personificada	64	8,46%
Evento	9	1,19%
Espaço sócio-geográfico	54	7,13%
Lugar concreto	550	72,66%
Lugar abstrato	47	6,21%
Escala	15	1,98%
Total Geral	757	100%

Fonte: Elaboração própria

Outro critério de análise utilizado para aferir o sentido das MicroCx é a Concretude do movimento. Os parâmetros [concreto] e [não concreto] foram atribuídos às ocorrências, levando em consideração o movimento do Trajetor ao Destino. Em (64), temos um exemplo de movimento concreto, porque o locativo de destino é [concreto], correspondendo à configuração de [espaço sócio-geográfico]; em (65), exemplificamos um caso de movimento não concreto porque a configuração semântica do locativo corresponde a [lugar abstrato].

- (64) éh::... e:: quando **ele chegô(u) aqui no Brasil**... ele ficô(u) um tempo... éh::... numa cidade próxima de São Paulo [BDI - AC-082; NE: L. 125-141]
- (65) eu peguei e falei pra ele falei – “olha P... **eu cheguei à conclusão**... assim como/ como vocalista um po(u)co líder sabe? da banda” –... que pô eu vejo quase tudo em volta todo mundo toca pra mim cantá(r) pra dá(r) um significância pr’uma banda né? [BDI - AC-035; NE: L. 108-129]

Em (64), a MicroCx apresenta um Sujeito animado (*ele*) que se desloca no espaço físico, percorrendo um trajeto que compreende um lugar de origem, não especificado, mas pressuposto pelos interlocutores, e um lugar de destino (*o Brasil*). Em (65), também há um Sujeito animado (*eu*), mas, neste caso, o complemento circunstancial de destino (*conclusão*) é uma abstratização de espaço físico, a qual indica apenas mudança de estado mental do Trajetor, sem deslocamento físico no espaço.

De modo geral, 90,62% (686/757) das ocorrências de MicroCx transitivas circunstanciais tem significado de movimento [concreto] e 9,38% (71/757), de movimento [não concreto]. Isso indica que, além de a construção de estrutura argumental selecionar complementos circunstanciais locativos, o movimento do Trajetor até esses Destinos locativos são, em sua maioria, movimentos concretos.

Alguns resultados se mostram interessantes ao correlacionarmos o traço de *Concretude do movimento* com o traço de *Animacidade do Sujeito*. As ocorrências exemplificadas em (66) e (67) dispõem de Sujeitos que referenciam eventos, classificados, portanto, com traço [-humano / -animado]. A concretude do movimento, nos dois casos, configura-se como [não concreto], mesmo que a configuração semântica do complemento circunstancial seja de [lugar], em (66); e de [instituição personificada], em (67).

- (66) Doc.: [a:: a vio]lência já **chegô(u) no sítio** [BDI - AC-063; RP: L. 1132-1138]
- (67) Inf.: isso de mãe pra filho muito bem... né?... e tem a:: quarta que é segredo absoluto sobre todos assuntos então todos assuntos que você:: que é contado pra você:: de alguma pessoa que ela num conta nem pra família conta só pra pos legionários que ela... confia né? então é segredo absoluto cê num pode ficá(r) contan(d)o pra:: todo mun::do:: senão vira fofoca **acaba chegan(d)o** no [ouvido da pessoa] [Doc.: entendi entendi] né?... aí tem a chamada e a boas vindas né? [BDI - AC-023; RP: L. 363-368]

O tipo de estrutura em que *chegar* aparece acompanhado de expressão adverbial não se aplica a 260 ocorrências - por não terem complemento circunstancial expresso na construção, como a exemplificada em (68). Ao aplicarmos esse critério nas 1006 ocorrências restantes, observamos que a maioria das expressões adverbiais, 60,03% (624/1006), é composta por um sintagma preposicionado (Sprep), como exemplificado em (69). As expressões adverbiais simples representam 36,18% (364/1006), como em (70). Já as ocorrências em forma de oração, geralmente reduzidas de gerúndio, são menos comuns, correspondendo a apenas 1,79% (18/1006), como em (71).

- (68) Inf.: era pequenininho tam(b)ém tinha:: acho:: que... quatro ou cinco ano... aí minha mãe ela saiu pelo portão assim aí ela:: foi embora e eu fiquei seguran(d)o o:: po/ o portão assim... eu num (a)güentava segurá(r) mais ele... aí **ele chegô::(u)** no que **ele chegô(u)** ele tava meio bê::bado né? tava meio cambalean(d)o... aí ele num tinha muita força pra abrí(r) o portão tam(b)ém... [BDI - AC015; NE: L. 114-118]
- (69) aí nós tivemo(s) a oportunidade de::... conhecê(r) Fernando de Noronha... **chegamo(s) em Noronha** pegamo(s) um aviãozinho pequeno [BDI - AC-051; DE: L. 203-219]
- (70) fomo(s) corren(d)o (das) dez e dez **chegamo(s) lá** (inint.) o ônibus já tava lá no ponto lá no terminal... **cheguei lá** olhei e nada daquele aparelho deba(i)xo do banco em nenhum lugar perguntei po cobrador... cobrador – “ah (ninguém me) entregô(u)” [BDI - AC-016; NE: L. 20-23]
- (71) Inf.: É mas só quando mexe daí... mexeu umas três vez aSSIM... daí **eu num CHEgo baten(d)o** eu vô(u) lá... conto po/ po inspetor daí se ele não fazê(r) nada daí eu bato [BDI - AC-005; NR: L. 391-392]

Quanto ao Tempo e Modo verbal de *chegar* nas MicroCx transitivas circunstanciais, as formas não finitas (infinitivo, gerúndio e particípio) representam 21,96% (278/1266) dos casos, e as formas finitas, 78,04% (988/1266). Das formas finitas, apuramos maior frequência do tempo de Pretérito Perfeito do Indicativo (48,89% = 619/1266), seguido do Presente do Indicativo (18,33% = 232/1266) Pretérito Imperfeito do Indicativo (7,03% = 89/1266) e Futuro do Presente do Indicativo (2,53% = 32/1266) e Futuro do Pretérito do Indicativo (também 0,47%, com 6/1266). As formas do Subjuntivo são raras, ocorrendo no Pretérito Imperfeito (0,47% = 6/1266), no Futuro, (0,24% = 3/1266), e, por fim, no Presente (0,08% = 1/1266).

Quanto ao tipo textual, a construção transitiva circunstancial ocorre nos cinco tipos que compõem as entrevistas do Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007). Ao analisarmos a frequência da construção nesses diferentes tipos textuais, identificamos maior produtividade em Narrativa de Experiência pessoal (41,15% = 521/1266) e em Narrativas Recontadas (25,67% = 325/1266). Relatos de Procedimento parecem restringir a manifestação desse tipo de MicroCx (9,16% = 116/1266).

Correlacionando os resultados de frequência da MicroCx transitiva circunstancial em Tipos textuais e Tempo e Modo verbal de *chegar*, obtivemos os resultados dispostos na tabela abaixo.

Tabela 5 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal em MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL)]]_{TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL}

Tempo e Modo/Gênero Discursivo	DE	%	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Futuro do Presente do Indicativo	5	0,39%	9	0,71%	6	0,47%	6	0,47%	6	0,47%	32	2,53%
Futuro do Pretérito do Indicativo	-	-	5	0,39%	1	0,08%	-	-	-	-	6	0,47%
Não finito	39	3,08%	101	7,98%	66	5,21%	35	2,76%	37	2,92%	278	21,96%
Presente do Indicativo	66	5,21%	30	2,37%	34	2,69%	52	4,11%	50	3,95%	232	18,33%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	5	0,39%	36	2,84%	26	2,05%	16	1,26%	6	0,47%	89	7,03%
Pretérito Perfeito do Indicativo	36	2,84%	337	26,62%	190	15,01%	40	3,16%	16	1,26%	619	48,89%
Futuro do Subjuntivo	1	0,08%	1	0,08%	-	-	-	-	1	0,08%	3	0,24%
Presente do Subjuntivo	-	-	-	0	-	-	1	0,08%	-	-	1	0,08%
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	-	-	2	0,16%	2	0,16%	2	0,16%	-	-	6	0,47%
Total Geral	152	12,01%	521	41,15%	325	25,67%	152	12,01%	116	9,16%	1266	100%

Fonte: Elaboração própria.

Percebemos que MicroCx transitivas no tempo de Pretérito Perfeito do modo Indicativo são mais frequentes nos dois tipos textuais narrativos (NE e NR), enquanto nos demais tipos textuais (DE, RP e RO) as MicroCx tendem a se expressarem no Presente do Indicativo. A preferência pelo tempo-modo no verbo *chegar* aparentemente está, portanto, diretamente relacionada ao tipo textual, e não a alguma possível restrição própria das construções com *chegar*.

4.1.2 Microconstrução de apresentação/focalização

A MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}] representa 8,33% (130/1559) dos dados e tem por função a focalização e/ou apresentação do referente do Sujeito posposto. Para descrevermos esta função, recorremos a alguns pressupostos relacionados à ordem dos constituintes da oração e à função que essa ordem exerce no ato comunicativo.

O conceito de “apresentação”, “sentença apresentativa” ou “sentença apresentacional” é discutido por diversos autores. Mateus (2003, p. 320) caracteriza as frases que exprimem juízos téticos¹⁰, possíveis de serem apreendidos nas ordenações VS, VSO, V(O)S e XVS, como frases de “apresentação”. Em relação às ordens VS e V(O)S, com a primeira interessando mais à nossa descrição, Mateus (2003) elenca as seguintes propriedades da frase: i) o Sujeito não é

¹⁰ Segundo a autora, juízo tético refere-se ao ato de “reconhecimento ou rejeição material de um juízo” (p. 318).

tópico; ii) o núcleo do predicado é um verbo inacusativo que, portanto, não rege argumento interno; iii) a frase tem por função exprimir informação nova.

Consideremos, a esse respeito, a ocorrência exemplificativa em (72).

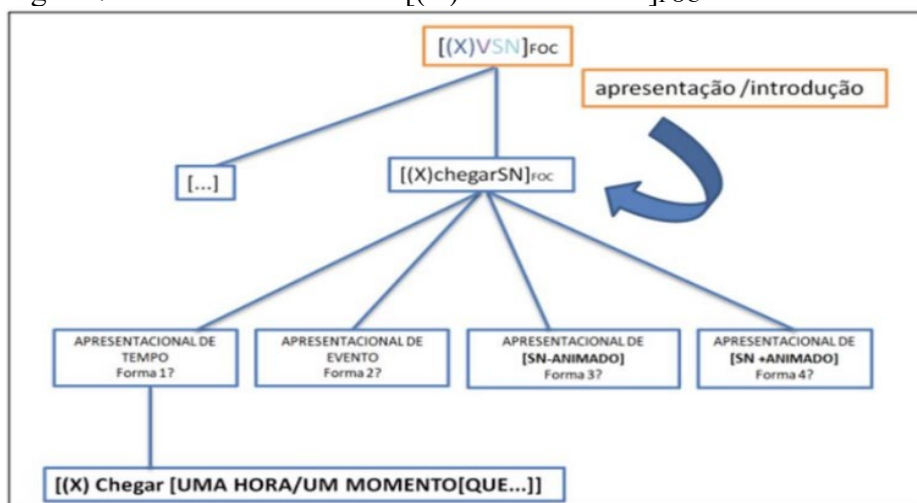
- (72) **chegô(u) um monte de gente** e tinha dois mato-grossenses tam(b)ém né? [BDI - AC-023; NE: L. 21-24]

Em (72), os três critérios para que uma frase seja de “apresentação”, de acordo com Mateus (2003), são validados. O SN “um monte de gente” na posição de Sujeito não é tópico sentencial; o verbo *chegar* é inacusativo, por ser monoargumental, com argumento externo posposto; e o Sujeito posposto é uma informação nova.

Para Castilho (2014), a função de apresentar “é introduzir no discurso um novo participante, ou um novo estado de coisas” (p. 253). A par desse entendimento, o autor entende (e classifica) as sentenças apresentacionais como equivalentes às sentenças existenciais (p. 329), porque os verbos existenciais têm por propriedade não predicar sobre um Sujeito, mas simplesmente introduzir uma entidade nova no discurso.

A partir das duas definições acima, compreendemos que a MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO} tem função de apresentação, por introduzir um novo referente no discurso, e função de focalização, associada à ordem marcada dos constituintes (VS). A noção de foco adotada nesta pesquisa segue a proposta de Dik (1997), para quem a função de Foco pode se manifestar por meio de: i) proeminência prosódica; (ii) ordem especial de constituinte; (iii) marcadores de Foco especiais; (iv) construções de Foco especiais (Dik, 1997, p. 327). Assim, no caso desse tipo de MicroCx, observamos que a função se instancia por recurso à ordem especial de constituinte, com Sujeito pós-verbal (VS), a posição típica de foco informacional.

A pesquisa de Freitas *et al.* (2022) evidencia a construção de foco com o verbo *chegar*. Embora os autores tenham desenvolvido a pesquisa com outros objetivos e métodos, é interessante considerar suas observações no que diz respeito à função de apresentação/introdução de referente associada à de focalização de um SN em construções com o mesmo verbo *chegar*, como mostra o esquema na figura abaixo, reproduzida dos autores.

Figura 7 – Rede Construcional [(X) CHEGAR SN]_{FOC}

Fonte: Freitas *et al.* (2022, p. 44).

Diante dessas descrições encontradas na literatura, as construções de ordem marcada (VS) podem ser *apresentativas existenciais*, quando um verbo existencial exerce apenas a função de introduzir uma entidade nova no discurso, sem atribuir-lhe foco informacional, e *apresentativas téticas* (Mateus, 2003; Pezatti, 2014), quando um verbo inacusativo — como é o caso de *chegar* — introduz uma nova entidade e, também, a focaliza. No caso do verbo *chegar*, as MicroCx do tipo [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO} podem ser consideradas apresentativas téticas.¹¹

Para aferir os resultados da aplicação do traço de animacidade à MicroCx em análise, excluimos os casos em que o SN referencia Lugar, Tempo e Estado/Evento, tipos de entidade a que não se aplica o conceito de animacidade, como em (73).

- (73) aí ela começô(u) a paquerá(r) mais meu pai e meu pai a paquerá(r) mais ela... até que **chegô(u) um (dia)** que num ia dá(r) mais pra mantê(r) que minha mãe já não gostava mais do C.... pegô(u) e largô(u) dele... [BDI - AC-036; NR: L. 178-209]

O traço de Animacidade se aplica somente aos casos de SN-sujeito representando entidades do tipo Indivíduo. Por isso, a 36,15% (47/130) dos dados não se aplicam a esse critério. Das 83 ocorrências a que esse critério se aplica, temos 83,1% (69/83) de SN-sujeito com traço [+ humano], como em (74), e 16,9% (14/83), com traço [- humano; - animado], como em (75).

¹¹ Autores como Lambrecht (1994) e Kiss (1995) aprofundam discussões acerca de sentenças apresentativas téticas e como elas se distinguem das sentenças de ordem não marcada.

- (74) porque se **chegá(r) alguém** puxá(r) com muita força... e o fio um dos fio soltá(r)... num tê(r) problema de:: éh encostá(r) um fio no [outro] [BDI - AC-149; RO: L. 184-204]
- (75) no sábado ele morreu... aí no domingo **chegô(u) o relatório** porque que ele tinha morrido tal ficô(u) saben(d)o que tinha pegado:: o... o:: joElho do boi na cabeça dele... [BDI - AC-019; NR: L. 44-47]

Esse resultado nos mostra que o *slot* de Sujeito da MicroCx é preferencialmente preenchido por referentes com o traço [+ humano].

Além de SN da categoria semântica de Indivíduo, ocorre também no *slot* de Sujeito da MicroCx SN que pode codificar Tempo, Lugar e Estado/evento, conforme os exemplos de (76) a (78).

- (76) aí **chegô(u) a hora do almoço**... eu comi uma pi/ uma mini-pizza e bebi uma Coca-Cola... [BDI - AC-008; NE: L. 16-17]
- (77) a hora que **chegô(u) a serrinha** meu marido falava –“cê vai a hora que **chegá(r) a serra**... o seu ouvido vai ficá(r) parecen(d)o que vai exPLOdí(r)” [BDI - AC-062; DE: L. 204-226]
- (78) então MUIto medicamento ele tomava... e ele entrô(u) numa depressão... e ele começô(u) a bebê(r) demais demais demais... **chegô(u) um PONto**... que no ano de dois mil... isso foi em noventa... dez ano a gente sofreu com ele e com a enfermidade... depois no ano de dois mil... ele começô(u) a fazê(r) muita coisa errada... [BDI - AC-132; NE: L. 24-37]

Em (76), o SN-Sujeito refere a categoria Tempo, como um evento específico e bem delimitado (a hora do almoço). Esse tipo semântico de entidade é o segundo mais frequente nos dados analisados, representando 33,08% (43/130) dos *tokens* encontrados para a MicroCx em análise. Em (77), o Sujeito refere um locativo, “a serrinha” e “a serra”, e justificamos esse uso com o que Talmy (2000) chama de construção de movimento fictício ou psicológico. Nessas situações, a conceptualização é a de que o ponto de referência é que se movimenta em direção ao Trajetor, e não o contrário. SN codificando Lugar, como em (77), tem frequência relativamente baixa para esse tipo de MicroCx (2,31% = 3/130). Em (78), o Sujeito refere um Estado/Evento, representado metonimicamente pelo SN genérico “um ponto”, especificado na sequência. Um contexto que reforça a interpretação de “um ponto” como Sujeito da construção é a ausência de preposição após o verbo *chegar*, excluindo a hipótese de ser um complemento circunstancial (*chegar a um ponto*), levando à conceptualização de proximidade de um Evento/Processo, uma ocorrência singular no *corpus* investigado, com 0,77% (1/130) de frequência.

Correlacionamos os traços de Animacidade do Sujeito com o Tipo Semântico de Sujeito. Os resultados estão na tabela 6.

Tabela 6 – Referencialidade do Sujeito e traço de animacidade em MicroCx[[CHEGAR]+[SUJEITO]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]

Entidade / Animacidade	[+H]	%	[-H; -A]	%	N/A	%	Total	%
Estado de Coisas	-	-	-	-	1	0,77%	1	0,77%
Indivíduo	69	53,08%	14	10,77%	-	0,00%	83	63,85%
Lugar	-	-	-	-	3	2,31%	3	2,31%
Tempo	-	-	-	-	43	33,08%	43	33,08%
Total Geral	69	53,08%	14	10,77%	47	36,15%	130	100%

Fonte: Elaboração própria.

A construção de apresentação/focalização aparece nos dados com quatro tipos semânticos de Entidade como Trajetor: *Indivíduo*, como exemplificado em (79), tipo mais frequente neste padrão construcional (63,85% = 83/130); *Tempo* (33,8% = 43/130), como exemplificado em (80); *Lugar* (2,31% = 3/130), como em (81); e *Estado de Coisas*, exemplificado em (82), com menor frequência (0,77% = 1/130).

- (79) o tio pegô(u) falô(u) – “isso que vocês fizeram é errado peCAdo né? pecado”– aí quando **chegô(u) o padre** que... meu vô mandô(u) vir pra pra eles... confessá(r) pra tal da prime(i)ra comunhão... era:: a:: a confissão coletiva né? todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra.... tinha virado o sapo do avesso eles tinham matado passarinho ((risos))... cê acha/... e os crimes... [Doc:: ((risos))] tinham... éh::... feito naquela época né? [BDI - AC-102; NR: L. 165-179]
- (80) os outros nomes eu esqueço... e muitos ainda estão... o Vlanir é:: comentarista hoje da::... televisão ai... e quando **chegô(u) a hora** eu estava instalado lá em cima eu falei... é hoje... ai no alto-falante... – “Senhor do(u)tor H. S.... urgente a sua casa... te aguardam lá” –... cheguei lá::... uma criança que eu tinha extraído um dente... [BDI - AC-147; RP: L. 230-241]
- (81) aonde eu moro é maravilhoso... porque é Rio Preto que/ e/ eu prefiro MIL vezes... e foi passa::n(d)o:: e a hora que **chegô(u) a serrinha** meu marido falava –“cê vai a hora que **chegá(r) a serra**... o seu ouVIdo vai ficá(r) parecen(d)o que vai exPLOdí(r)”– eu falei –“ai mas por quê?”–... ele –“por causa que é uma monta::nha” [BDI - AC-062; DE: L. 204-226]
- (82) ele tomava anti-depressivo pa dormí(r)... ele tinha os remédio do coração... ele tinha a Chagas e tinha que tomá(r) o remédio pra Chagas... então MUItto medicamento ele tomava... e **ele entrô(u) numa depressão... e ele começô(u) a bebê(r) demais demais demais... chegô(u) um PONto**... que no ano de dois mil... isso foi em noventa... dez ano a gente sofreu com ele e com a enfermidade... depois no ano de dois mil... ele começô(u) a fazê(r) muita coisa errada [BDI - AC-132; NE: L. 24-37]

A MicroCx de apresentação/focalização ocorre nos dados com três tipos de entidade representando o Destino dos tipos de Trajetor analisados anteriormente. Em (83), temos o Destino representado por um *Lugar*, o que corresponde a 63,85% dos casos (= 83/130). Já no exemplo (84), o Destino é o conceptualizador, representado nesses casos por *Indivíduo*, totalizando 36,15% (= 47/130).

- (83) Inf.: olha faz uns dois anos e meio atrás éh:: aconteceu num foi uma coisa muito boa não que meus/ meu pai e meu tio estavam no sítio... à noite... **chegô::(u) três ladrão encapuçado lá**... e:: amarraram eles... pediu pra eles não abrí(r) a boca que senão ia fic/ ia ficá(r) pior pra eles e eles ficaram muito quieto... [BDI - AC067; NR: L. 87-104]

- (84) os outros nomes eu esqueço... e muitos ainda estão... o Vlanir é:: comentarista hoje da::... televisão ai... e **quando chegô(u) a hora** eu estava instalado lá em cima eu falei... é hoje... ai no alto-falante... – “Senhor do(u)tor H. S.... urgente a sua casa... te aguardam lá” [BDI - AC147; RP: L. 230-241]

Ainda que o Destino não seja o foco da análise deste padrão construcional, observamos que em *Eventos de Chegada* os quais envolvem movimentos concretos, o Destino tende a ser um *Lugar*, como ilustrado em (83). Já nos casos de movimentos abstratizados (como a passagem do tempo), o Destino assume a forma do *Indivíduo* que conceptualiza o evento, como em (84). Neste último caso, por exemplo, “a hora” é concebida como um tempo que se desloca em direção ao experienciador.

A partir da análise do tipo de entidade mais frequentemente codificada pelo SN-Sujeito da MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}], torna-se evidente a preferência por entidades do tipo Indivíduo [+ humano], o que pode ser interpretado como sendo esse tipo de construção especializada na introdução de referentes humanos com estatuto informacional novo no discurso e focalizados devido sua importância contextual.

Quanto aos tipos textuais, a MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}] se mostra mais frequente em Narrativas de Experiência, com 40,77% (53/130), e em Narrativas Recontadas, com 26,92% (35/130). Esses dados indicam que a MicroCx é preferivelmente acionada quando os falantes narram situações que envolvem descrição de eventos/cenas em que indivíduos chegam, partem, comportam-se de determinado modo etc. Sendo assim, dada a função primordial desse tipo construcional, pode-se dizer que referentes novos são introduzidos e focalizados no discurso pelo verbo *chegar* mais frequentemente em tipos narrativos (NE e NR) do que em outros tipos textuais (DE, RO e RP). A frequência da MicroCx em Descrição é de 10% (13/130), em Relato de opinião, de 11,54% (15/130) e em Relato de Procedimento, de 10,77% (14/130).

Ao correlacionarmos os resultados da análise acima com Tempo e Modo verbal, chegamos aos resultados dispostos na tabela abaixo.

Tabela 7 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx
[[CHEGAR]+[SUJEITO]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]

Tempo e Modo/Gênero Discursivo	DE	%	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Futuro do Presente do Indicativo	-	-	-	-	2	1,54%	1	0,77%	-	-	3	2,31%
Futuro do Pretérito do Indicativo	-	-	1	0,77%	-	-	1	0,77%	-	-	2	1,54%
Não finito	2	1,54%	4	3,08%	1	0,77%	1	0,77%	3	2,31%	11	8,46%
Presente do Indicativo	3	2,31%	3	2,31%	2	1,54%	7	5,38%	9	6,92%	24	18,46%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	1	0,77%	5	3,85%	6	4,62%	1	0,77%	-	-	13	10,00%
Pretérito Perfeito do Indicativo	7	5,38%	39	30,00%	24	18,46%	3	2,31%	2	1,54%	75	57,69%
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	-	-	1	0,77%	-	-	1	0,77%	-	-	2	1,54%
Total Geral	13	10,00%	53	40,77%	35	26,92%	15	11,54%	14	10,77%	130	100%

Fonte: Elaboração própria.

Corroborando as análises da MicroCx transitiva, também para a MicroCx apresentacional focalizadora, o Tempo e Modo verbal de *chegar* são mais frequentes no Pretérito Perfeito do Indicativo, o que se justifica pela também recorrência acentuada da MicroCx em tipos textuais narrativos.

4.1.3 Microconstrução de auxiliarização

A MicroCx auxiliar com o verbo *chegar* pode ser interpretada como resultante de um processo de mudança linguística caracterizado por gramaticalização de verbos de movimento. Heine (1991, p. 37) define gramaticalização como “a transição de formas menos gramaticais para formas mais gramaticais”, observando que os verbos perdem autonomia semântica (*bleaching*) e material morfofonêmico ao longo desse processo, em favor da expressão de categorias gramaticais, como tempo, modo/modalidade, aspecto etc. No caso de *chegar*, o verbo deixa de predicar de maneira plena na seleção de argumento, e assume, na MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR+(PREP+)V2_{INF}]] a função de expressar aspecto, uma categoria semântica expressa por um marcador gramatical, nesse caso.

Esse padrão construcional [[SUJEITO]+[CHEGAR+(PREP+)V2_{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO] pertence, portanto, à rede de construções de auxiliaridade, e nele, o verbo principal, V2, assume formato infinitivo e o centro da predicação, enquanto o verbo *chegar*, na posição de auxiliar, além de carregar marcas de tempo, modo e concordância, expressa duas funções semânticas sobrepostas: (i) a de contraexpectativa e (ii) a de aspecto resultativo, que podem, uma ou outra, se tornar mais saliente a depender do contexto em que a MicroCx ocorre, como mostramos mais adiante. Quanto à expressão de contraexpectativa, a MicroCx se apresenta como um recurso do falante para contrariar uma inferência possível do interlocutor, atuando como um operador pragmático que quebra uma expectativa implícita. Nos dados analisados, o contexto já projeta uma antecipação sobre a realização do evento codificado, sinalizando que o falante busca

reorientar a interpretação do interlocutor ao destacar um desfecho inesperado (ou pouco previsível). Essa leitura pode ser observada em (85):

- (85) eu num corto uma árvore eu só planto... que mais que eu vô(u) falá(r) pra você? tem a estrada que hoje nós tem essa mordomia apesar que eu num gosto não mas já que todo os dono de rancho tem ali... feito a estradinha... então:: tam(b)ém... **essa estrada chegô(u) tam(b)ém a entrá(r)** na minha ceva também lá... ninguém tem que conservá(r) aí tam(b)ém... eu gostaria que num tivesse estrada... [BDI - AC-107; RP: L. 172-182]

Em (85), é possível depreender a quebra de expectativa na expressão “chegou a entrar” ao marcar um desfecho da Narrativa que contradiz a expectativa construída no discurso. O falante expressa sua postura contrária à construção de estrada com corte de árvores em “eu num gosto não”, “eu gostaria que num tivesse estrada”, o que projeta, na mente do interlocutor, que não seria de se esperar uma estrada no rancho do falante. No entanto, em “essa estrada chegô(u) tam(b)ém a entrá(r) na minha ceva”, o falante reorienta essa expectativa: por mais que fosse indesejada, a estrada se concretizou em sua terra.

Quanto à leitura de nuance aspectual resultativa, se, na construção, o verbo *chegar* é afirmado, o evento codificado por V2 deve ser entendido como realizado, e, se é negado, o evento em V2 deve ser interpretado como não realizado. Consideramos a construção, nesse caso, como auxiliar de aspecto perfectivo resultativo, noção aspectual definida por Castilho (2014) como aquela que “configura uma predicação que vai da ação ao seu resultado, representando-se gramaticalmente apenas este último” (p. 419). Essa nuance aspectual fica evidenciada nas paráfrases, em (86), de *chegar* afirmado, e, em (87), de *chegar* negado.

- (86) veio pessoas... de várias cidades da região... então veio de Araçatuba veio de Votuporanga várias cidades de Catanduva... e nós távamos assim praticamente só mulheres... fazendo um curso de informática... [Doc.: hum] e **chegô(u) dá(r)** uma hora assim que a coisa tava meio... meio assim... descontraído... e tinha acontecido na empresa um episódio um/ uma pessoa teve um problema... com uma empresa lá tinha acontecido um episódio... [BDI - AC-114; NR: L.208-226]
→ **chegou a dar uma hora** = deu uma hora
- (87) Inf.: [é:] ((risos)) é briguinha que acontece no meio da fam ília... e é coisa normal né? que acontece... só que **nunca chegô(u) acontecê(r)** de:... da coisa de marCÁ(r) me(s)mo assim **nunca chegô(u) a acontecê(r)** né?... pelo que eu lembro não [BDI - AC-015; NE: L. 218-220]
→ **nunca chegou a acontecer** = nunca aconteceu

Ainda sobre o processo de gramaticalização de *chegar*, mesmo que tenha perdido função de predador e parte de seu conteúdo semântico, o verbo preserva traços do significado original de trajetória (como momento de chegada / conclusão), o que impede sua classificação como auxiliar pleno. Essa retenção semântica é observada em verbos que estão em estágios intermediários do processo de gramaticalização, o que justifica nossa caracterização como sendo um verbo semi-auxiliar (de acordo com Pena-Ferreira, 2007; Bertucci, 2007; trabalhos

discutidos no capítulo 1 desta dissertação). Nas construções com *chegar*, essa nuance entre verbo pleno e auxiliar, nos permite perceber os traços de resultatividade e contraexpectativa

Dos elementos que ocupam o *slot* de Sujeito da MicroCx, 76,9% (80/104) tem o traço semântico [+ humano]; 11,5% (12/104), o traço [- humano; - animado]; e, 1% (1/104), o traço [- humano; + animado]. Também identificamos Sujeitos aos quais não se aplica o traço de animacidade, por se tratar de Sujeito que codifica Estado/Evento, casos que correspondem a 10,6% (11/104) desse tipo de construção.

Na construção de auxiliarização, instanciam-se como Trajetor entidades do tipo *Indivíduo*, como em (88) (92,50% = 90/104); *Estado de Coisas*, como em (89) (6,24% = 11/104) e *Lugar*, como em (90) (0,32% = 3/104).

- (88) Inf.: ah **eu nunca cheguei a brigá(r)** assim arrumá(r) alguma briga feia assim não né?... sempre foi aquelas discussão bo::ba só que:: no:: no me(s)mo dia passa assim no o(u)tro dia já ta conversan::(d)o já sabe? [BDI - AC-015; NE: L. 81-83]
- (89) Doc.: tem alguma histó::ria de ciú::me assim?
Inf.: NO::ssa?... meu e dela? tem:: tem com::... como ela tinha um filho... mas não morava com nós... morava com o ex-marido dela teve uma briga que::... **chegô(u) a dá(r)**... muita confusão essa briga porque:: era no dia que nós fomos embora pra São Paulo [BDI - AC-029; NE: L. 30-38]
- (90) era praticamente numa viela que lá tem muito disso... é uma rua sem saída assim numa desCida... e:: só que a minha casa num **chegava a sê(r)** assim... era numa::... era:: assim na na esquina da viela bem na rua mesmo de frente num **chegava a sê(r)**... dentro da viela... mas num era muito boa não era bem pequena... mas agora agora é bem melhor... [BDI - AC-046; DE: L. 339-359]

No que diz respeito ao Destino, observa-se que, categoricamente, ele é sempre um Estado de Coisas, devido ao fato de que, nesse tipo de construção, o Destino corresponde eventos evocados pelos predicados principais, como “brigar”, “dar” e “ser dentro da viela”, nas ocorrências exemplificativas acima.

No processo de agrupamento das ocorrências nesse padrão construcional, nos chamou a atenção a presença frequente de negação, como no exemplo em (88) acima. Em 42,3% (44/104) das MicroCx desse padrão ocorre um operador de negação entre o Sujeito e [CHEGAR], podem ser expresso por “não” (1,9%=2/44); “nem” (1%=1/44); “num” (29,8%=31/44); e “nunca” (9,6%=10/44). Levando em conta que 42,3% das ocorrências de auxiliaridade com *chegar* apresentam um evento negado, podemos hipotetizar que esses contextos fortalecem um uso para marcar quebra de expectativa, como será mostrado mais adiante.

Além da possibilidade de vir acompanhada de negação pré-verbal, há também a possibilidade de não realização da preposição na construção. Do total de ocorrências dessa

MicroCx, 12,5% (19/104) não apresentam preposição, como em (91), 69,2% (73/104) apresentam a preposição “a”, como em (92), e 9,6% (12/104), a preposição “até”, como em (93).

- (91) Inf.: ah o nosso prefeito ele::... falô(u) que no nos comício deles... na televisão:: que ia fazê(r) mui::to mui::to... e infelizmente a cidade tá muito ((ruído)) cheia de bura::co acontece muitos aciden::te... inclusive eu já passei::... de moto em:: dois três buraco **chegô::(u)...** **danificá::(r)...** a placa do::/ da minha mo::to... quebrô(u) seta ((ruído)) o painel dela... então... tá:: difícil né? porque::... ele falô::(u) muitas coisa e::... num está fazen(d)o nada o que ele::... que ele falô::(u)... num tá cumprin(d)o a/ c'a palavra de::le [BDI - AC-065; RO: L. 291-298]
- (92) Inf.: é... e:: depois eu fui pa Tanabi eu fui promovido passei pa geRENte administrativo [Doc.: hum] aí eu fui... pa Tanabi ficamo(s)... um ano lá foi quando nasceu a A. C.... e é e::... ela... ela nasceu e ficô(u) (uns ano)... ela é::/ ficamo(s) moran(d)o lá em Tanabi ela **chegô(u) a morá(r)** lá em Tanabi...[Doc.: hum::] aí depois o banco abriu uma... uma agência nova aqui em Rio Preto... e me transferiram pra cá... [BDI - AC-119; NR: L. 49-56]
- (93) começamo(s) a passeá::(r) tem uma paLEStra de introdução... introdução à i::lha do IBA::MA que fala que tem que preservá::(r) tudo... que é um:: parque nacional:: tudo... que cê num pode jogá(r) li::xo... **chegava até tê(r)** uma placa lá não... éh –“leve só saudade::... de(i)xe rastro na are::ia”. [BDI - AC-051; DE: L. 230-236]

Analisando as motivações para a não realização da PREP na MicroCx, podemos recorrer a dois processos explicativos desse fenômeno: *chunking*, como em (94), e a elisão contextual da parte (+(PREP+)V2_{INF}) da MicroCx, como em (95) e (96).

- (94) Inf.: [é]... é difícil... é difícil porque:: amizade cê tem... mas só que assim... é na ba-se do-in-te-res-se só... eu acho... pelo menos que eu vejo... né?... que aconteceu comigo... [Doc.: hum::] eu já **cheguei comprá(r)** carro novo... e dá(r) pum irmão meu pa trabalhá(r) que precisava... e ele não tinha condições de comprá(r)... que ele estudava na época... [BDI - AC-125; RO: L. 233-237]
- (95) Doc.: mas **não chegô(u) a batê(r)** nela assim?
Inf.: **num chegô(u)...** não minha mãe que batia nele... [BDI - AC-015; NE: L. 123-126]
- (96) Doc.: e depois eles nunca mais **brigaram**?
Inf.: nã::o ah o meu irmão nem falava mais com o moleque né?... só que o moleque ele sempre o::lhô(u) de cara feia po meu irmã::o... nunca **chegô::(u)...** sabe? ...só que isso é aí foi uma coisa que:: se tivesse pego né?... [Doc.: ((risos))] era perigoso né? podia até/... o moleque com um facão na mão o moleque tava drogado o que ele podia fazê(r)? Doc.: é... poderia 3 [até] 3 [Inf.: éh::] matá(r) né? [BDI - AC-015; NE: L. 50-54]

Para casos de MicroCx com V1 e V2 justapostos (sem preposição, portanto), hipotetizamos a formação de um *chunk*, o que indicaria que a construção pode estar perdendo sua analisabilidade como construção auxiliar e passando a ser processada como uma construção única e sedimentada, o que leva à eliminação de “elemento interveniente entre os verbos [...]”, na medida em que, num estágio avançado de gramaticalização, os verbos principal e auxiliar formam um conjunto indissociável” (Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão, 2007, p.

118-119). Os casos em que parte da construção é elidida, como em (95) e (96), mostram que a preposição e o V2 podem ser recuperados contextualmente, uma vez que já foram mencionados anteriormente.

Para analisarmos o tipo de V2 que preenche o *slot* da MicroCx de auxiliarização, recorreremos à escala semântico-pragmática de Tavares e Freitag (2010). Excluímos desta análise os dados que apresentam elisão de parte da construção com V2, correspondente a 4,81% (5/104). Dos 99 dados restantes, encontramos o resultado exposto na tabela 8.

Tabela 8 – Tipo semântico-pragmático de V2

Tipo de V2	Frequência	%
Atividade difusa	16	16,16%
Atividade Específica	21	21,21%
<i>Dicendi</i>	9	9,09%
Estado	7	7,07%
Evento transitório não intencional	3	3,03%
Existência	2	2,02%
Experimentação mental	15	15,15%
Momentâneo	8	8,08%
Processo	2	2,02%
Relacional	6	6,06%
Sensação corporal	8	8,08%
Transitório não-intencional	2	2,02%
Total Geral	99	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os verbos de atividade específica (21,21% = 21) e de atividade difusa (16,16% = 16) são os mais frequentes como verbos principais na MicroCx de auxiliaridade. Exemplificamos em (97) o *slot* de V2 preenchido por verbo de atividade específica, e em (98), por verbo de experimentação mental.

- (97) ela::... ela fi/ pegava... e num fazia comida né?... de(i)xava eu... eu com fome... chegava/ **chegava até chorá(r)** de fome... né? e eu:: muito bobo num... num... num IA pedi(r) comida na casa dos o(u)tro se eu fosse pedi(r) né? [BDI - AC-069; NE: L. 32-45]
- (98) Inf.: éh éh você **chegô(u) a vê(r)**... na:: no noticiário... que eles tavam querendo éh::... restringi(r) o atendimento do Hospital de Base pra determinadas... cidades mais distantes né? queriam restringi(r) o atendimento só aqui pra nossa região... você concor::da assim cê acha que se isso é uma boa medida ou você acha que um hospital daquele PORte... deveria podê(r) atendê(r) assim tantas pessoas [BDI - AC-138; RO: L. 280-284]

Reforça a natureza aspectual resultativa e de contraexpectativa da MicroCx o fato de *chegar* poder coocorrer com verbo de mesma base, como mostram as ocorrências em (99) e (100).

- (99) as pontes que eles passam... são coisas... absurdas cê fala – “eu num acredito que colocam o carro no meio dessa ponte” –... eles iam de caminhonete... eles ti/ cada ponte que eles tinham que passá(r)... eles paravam... desciam iam lá colocava os paus onde ia passá(r) o pneu... pra podê(r) passá(r) na ponte... [Doc.: olha só] [(juro)... tem foto] de pontes que eles num entravam... conforme:: eles ba(i)xavam a ponte... eles passavam dentro... do rio... porque a ponte ia fazendo assim ((mostra com as mãos))... então **chegava a chegá::(r)** dentro do rio... eu falei – “gente... isso é coisa de doido” [BDI - AC-086; NR: L. 170-189]
- (100) Inf.: porque os ladrões lá são demais **chegava a chegá(r)** com a faca nas costas dela... [Doc.: uhum ((concordando)) e isso num é só dela é de todo [Doc.: de todos] mundo.. [BDI - AC-152; NR: L. 187-204]

Em (99) e (100), o slot de [V2_{INF}] é preenchido pelo mesmo verbo *chegar*, mostrando a resultatividade do evento aproximativo: o carro que adentrava parcialmente (= *chegava a chegar* dentro do) o rio, em (99); e o ladrão que tocava (*chegava a chegar* com) a faca nas costas da vítima, como em (100).

Ao lado da função aspectual de resultatividade, em casos de negação, além do significado de evento não realizado, há também, pelo contexto disponível, a marcação de “contraexpectativa”, uma vez que, ao empregar a construção com negação, o falante quebra qualquer expectativa que o interlocutor possa ter tido acerca da realização do evento. Observemos esse efeito em (101).

- (101) me ofereceram um::/ uma promoção de gerente administrati::vo pra í(r) pra lá:: tal... e eu:: era solte(i)ro na época... e:: eu comecei a fazê(r) umas exigências então eu fiz umas exigências porque eu num queria í(r) tam(b)ém né?... e eu comecei a fazê(r) umas exiGÊNcias... e::...e acabei nos/ acho que... achô(u) que era muita coisa eu num fui... e:: depois disso aí eu trabalhei... bastante tempo tam(b)ém aqui em:: no Mato Grosso aqui em Paranaíba... **mas isso aí num chegô(u) a prejudicá(r) minha carre(i)ra** no banco e depois eu fui promovido... aí fui trabalhá(r) de gerente administrativo fui pa Tanabi [BDI - AC-119; NR: L. 29-45]

Em (101), o falante elimina qualquer expectativa de interpretação de que suas exigências profissionais para aceitar uma promoção pudessem ter prejudicado sua carreira. Outro fator contextual que corrobora essa noção de contraste é a coocorrência da construção com a conjunção adversativa “mas”.

De modo geral, observamos duas possíveis funções (de contraexpectativa e de resultatividade) exercidas pelas MicroCx de auxiliarização com o verbo *chegar*. Embora essas funções possam coexistir em uma mesma ocorrência, determinadas configurações construcionais tendem a favorecer a saliência de uma ou de outra. Um dos fatores que motivam

essa variação no polo do significado é o tipo de Trajetor escolhido pelo perspectivizador para compor a construção: quando o Trajetor é um *Indivíduo* ou um *Lugar*, a leitura de contraexpectativa costuma ser mais perfilada, sugerindo que a realização do evento foge ao esperado ou rompe com uma inferência prévia, como nos exemplos (97), (98), (99) e (100); quando o Trajetor é um *Estado de Coisas*, a construção tende a reforçar a noção de resultatividade, enfatizando o desfecho do processo como ponto terminal, como exemplificado em (93) e (101). O tipo de entidade perfilada como Trajetor, portanto, contribui para a motivação de leituras específicas, no entanto, sem excluir a possibilidade de coexistência entre elas.

Quanto ao Tipo textual, a MicroCx em análise ocorre nos cinco tipos de textos investigados, com maior frequência em Narrativas de Experiência, com 34,62% (36/104), em Narrativas Recontadas, com 25,96% (27/104) e em Relato de Opinião, com 18,27% (19/104). A construção é menos produtiva em Descrição (11,54% = 12) e em Relato de Procedimento (9,62% = 10).

Correlacionando a análise do Tipo textual com o tempo e modo verbal, temos o resultado apresentado na tabela abaixo.

Tabela 9 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx
[[SUJEITO]+[CHEGAR(+[PREP]+)V2_{INF}]][AUXILIARIZAÇÃO]

Tempo e Modo/Gênero Discursivo	DE	%	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Não finito	-	-	-	-	1	0,96%	2	1,92%	1	0,96%	4	3,85%
Futuro do Pretérito	-	-	-	-	1	0,96%	-	-	-	-	1	0,96%
Presente do Indicativo	1	0,96%	3	2,88%	-	-	4	3,85%	4	3,85%	12	11,54%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	3	2,88%	2	1,92%	3	2,88%	1	0,96%	1	0,96%	10	9,62%
Pretérito Perfeito do Indicativo	8	7,69%	31	29,81%	22	21,15%	11	10,58%	4	3,85%	76	73,08%
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	-	-	-	-	-	-	1	0,96%	-	-	1	0,96%
Total Geral	12	11,54%	36	34,62%	27	25,96%	19	18,27%	10	9,62%	104	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como já constatado nos dois tipos anteriores de MicroCx, prevalece também para a MicroCx de auxiliarização o tempo de pretérito Perfeito do Indicativo, com presença mais frequente em tipos textuais narrativos (NE e NR). Conforme os resultados para essa MicroCx específica, estabelecemos que: (i) colocados na posição de Sujeito, em sua grande maioria, portam o traço [+ humano]; (ii) soma-se à função de marcador aspectual de resultatividade também a de função de marcador de contraexpectativa, principalmente à presença de operador de negação; (iii) verbos de atividade específica e de experimentação mental tendem a ocupar o *slot* de Verbo principal.

4.1.4 Microconstrução de focalização/dramatização

A MicroCx $[[[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]]_{FOCALIZAÇÃO}]$, genericamente denominada por Rodrigues (2006) “Construções Foi e Fez” (CFF, daqui em diante), refere-se a um padrão construcional formado por “uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 corresponde a um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*.” e atua “no nível discursivo-pragmático, dramatizando ou enfatizando os eventos descritos em V2”, que é relativamente livre (p. xvii). Em relação à CFF com *chegar*, Rodrigues (2006) aponta se tratar “[d]o tipo com mais casos de ambigüidade semântica, sendo muitas vezes difícil decidir se se tratava de um caso de CFFs ou de uma construção coordenada”. (p. 41). Esse fato apontado pela autora também é observado em nossa pesquisa, uma vez que estão em fronteira a MicroCx $[[[SUJEITO]+[CHEGAR]+([EXPRESSÃO\ ADVERBIAL)]]]_{TRANSITIVA\ CIRCUNSTANCIAL}]$, seguida de um segundo verbo, codificando ação distinta de *chegar*, e a MicroCx $[[[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]]_{FOCALIZAÇÃO}]$.

Consideramos como critério de decisão, para inclusão das MicroCx mais ambíguas no grupo das CFF, observar no contexto se o Trajetor (ou referente do Sujeito) já se encontrava ou não na cena narrativa antes da ocorrência do evento descrito por V2: em caso afirmativo, trata-se de uma CFF codificando evento único, que não envolve deslocamento do Trajetor até o local da cena narrativa; em caso negativo, trata-se de construção de eventos coordenados instanciados pelo padrão $[[[SUJEITO]+[CHEGAR]+([EXPRESSÃO\ ADVERBIAL)]]]_{TRANSITIVA\ CIRCUNSTANCIAL}]$. É o que mostramos com o contraste entre as ocorrências em (102), um caso de CFF, e (103), caso de construção transitiva circunstancial.

- (102) começô(u) assim... ela teve um filho... e:: esse filho éh ela começô(u) a tratá(r)... como se fosse uma mulher... o filho num podia::... brincá::(r) que num podia porque::... ia se machucá::(r)... e a minha avó... a avó da minha mãe tinha um sítio onde todo mundo ia... pra lá todos os finais de semana o pessoal ia pra lá... fazia churra::sco e tinha cava::lo... aí os o(u)tros primos iam andá(r) à cava::lo ficavam o dia inte(i)ro na te::rra... e ele não podia í(r)... –“hum porque aqui ele num pode porque ele vai sujá::(r)... que:: vai se machuCÁ(R)”– e todo mundo assim... convin/ conversava entre os parentes assim – “essa história num tá ce::rta tem que deixá(r) o meni::no”–... só que nunca **chegaram e contaram** pra minha tia... porque ela é meio assim... sistemá::tica... é de outra religiã/ ah num é cató::lica... ela é::... é::... eu num lembro muito bem a religião dela.. [BDI - AC-052; NR: L. 134-144]
- (103) Doc.: agora eu gostaria que você m/ falasse pra MIM... o que você acha sobre a polícia
 Inf.: da polícia?... óh às vezes nós tá sentado lá na pracinha na (lanchonete que) fica lá... **as polícia che::ga... aborda** nós... sem tê(r) nenhuma dro::ga... sem tê(r) na::da... eles começa a batê::(r)... perguntá(r) das COI::sa... talvez eles até for::ja... aí s/ talvez se tivé(r) alguma dro::ga aí eles bate mais ain::da [BDI - AC-025; RO: L. 126-136]

Rodrigues (2006) estabelece uma diferença entre dois tipos de CFF: o primeiro com presença da conjunção “e” entre V1 e V2, como em (104), e o segundo tipo, com V1 e V2 justapostos, como em (105).

- (104) eu nunca fiz campanha... pro P.T.... NÃO VOTEI no Lula... eu votei no José Serra... MAS eu acredito que... o Lula foi muito consciente no que ele precisava fazê(r)... então ele tá:: fazen(d)o medidas... porque... governá(r) num é você **chegá(r) e impOR** a sua vontade [Doc.: é::] existe uma série de... coisas... de (movimentos) que você tem que conciliá(r) [BDI - AC-117; RO: L. 499-518]
- (105) eu acho que para UM JOGAdor de futebol... é MUI::to dinhe::(i)ro... é muito dinhe(i)ro... vinte trinta mil reais... vinte trinta mil reais...[...] são POUCos pouquí::ssimos brasile(i)ros que ganham isso... e eles vem achá(r) ainda... que ganham po(u)co... que jogam muito... que é isso?... o coitado que fura asfalto... eles fura asfalto das oito da manhã as cinco da tarde... e/ e/e:: tá vivo... agora **chegá(r) jogá(r)** bola... pra mim jo/ jogá(r) bola sem::pre foi diversão... [BDI - AC-147; RP: L. 305- 318]

Considerando nossos resultados, 75% (= 39/52) das ocorrências da MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]_{FOCALIZAÇÃO} apresentam conjunção “e” entre *chegar* e V2, e, em 25% (= 13/52), V2 ocorre simplesmente justaposto a *chegar*, resultado semelhante ao de Rodrigues (2006). Em alguns casos, percebemos que, entre *chegar* e V2, ocorrem também outros elementos, como marcadores discursivos, como em (106) a (109), expressões adverbiais e mesmo o Sujeito da construção, como em (109). Esses elementos intervenientes na construção, como sugere Rodrigues (2006), indicam que se trata de gramaticalização ainda incipiente da construção.

- (106) Inf.: e ou **chegá(r) né? falá(r)** – “óh né? eu conheço um remédio assim assim né?” – [BDI - AC-078; NR: L. 118-127]
- (107) eu mostrava cômoda eu sabia profundidade de gaveta... espessura da made(i)ra... tudo que cê precisava (sabê(r)) da cômoda eu sabia decor e salteado... aí o **cara chegava e pô falava** assim – “e o que mais que cê vende?–... [BDI - AC-117; NE: L. 28-46]
- (108) e na hora que minha mãe saiu lá fora assim sorte que a mulher tava lá esperan(d)o ela nem lembrava pra que mulher que ela tinha entrega::do... a mulher **chegô(u) assim e falô(u)** – “toma que o filho é teu” – [BDI - AC-044; RP: L. 87-99]
- (109) as samambaias são d’um verde aquele verde que **chega a gente às vezes fala** assim – “ai tá TÃO verde que tá preto” – [BDI - AC-117; DE: L. 238-257]

O traço de animacidade do Sujeito sintático é um diferencial desta MicroCx em relação aos demais tipos, uma vez que, na totalidade das ocorrências analisadas (100% = 52/52), o Sujeito apresenta traço semântico [+ humano], referindo, portanto, uma entidade “Indivíduo”. Assim, do mesmo modo que é categórica a ocorrência de entidades do tipo Indivíduo como Trajetor da Microconstrução de focalização/dramatização, o Destino é sempre representado por um Estado de Coisas nessas construções. A ocorrência em (110) exemplifica esse segundo caso.

- (110) Doc.: e já teve alguma vez assim que ele:: demonstrô(u) ciúme na frente de muita gente? você lembra de alguma história assim?
 Inf.: é... eu tava com meu namorado e ele **pegô(u) chegô(u) e falô(u)** que ia falá(r) po meu pai... fiquei morren(d)o de vergonha... ((risos))
 [BDI - AC-098; NE: L. 25-28]

Em (110), um caso de CFF, o verbo *chegar* não está relacionado a um deslocamento espacial; aqui, o referente do Sujeito (o namorado) já se encontrava no local e junto ao falante. O que ocorre, portanto, é o uso de *chegar* com função de focalizador/dramatizador juntamente com o verbo *pegar*. No EI Trajetória, o Indivíduo (o namorado) atua como Trajetor, e o Destino é representado por um Estado de Coisas.

Para analisarmos o tipo de verbo que ocupa o slot de V2 da MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]_{FOCALIZAÇÃO}, novamente utilizamos a classificação semântico-pragmática de verbos de Tavares e Freitag (2010). Dentre os 15 tipos de verbos propostos pelas autoras, distribuídos numa escala que vai do mais concreto (como verbos de atividade física) ao mais abstrato (como verbos de estado e relacionais), os tipos de V2 encontrados em nosso *corpus* se concentram fortemente (71,15% = 37/52) no polo dos mais concretos, de verbos *dicendi* que anunciam uma elocução (cf. (106) a (109) acima), conforme mostra a tabela 10.

Tabela 10 – Tipo semântico-pragmático de V2 em construções do tipo Foi e Fez com *chegar*

Tipo de V2	Frequência	%
Atividade difusa	6	11,54%
Atividade Específica	6	11,54%
<i>Dicendi</i>	37	71,15%
Evento transitório intencional	2	3,85%
Relacional	1	1,92%
Total Geral	52	100%

Fonte: Elaboração própria.

Esse resultado do tipo de V2 indica uma possível especialização de CFF com *chegar* para introduzir discurso relatado direto, como em (111), ou indireto, como em (112).

- (111) tem um menino lá na classe dela que **chega e fala** –“ATENÇÃO ATENÇÃO”– aí todo mundo olha ele fala –“muito obriga::do”– ((risos)) [BDI - AC-064; NR: L. 42-50]
- (112) aí... o vô dele pegô(u) um CÂNcer na na LÍngua na... na língua... aí eles fo::ram viram... fizeram tratamen::to aí:: **os médicos chegaram e falaram** que ele teria que amputÁ(R) a lín::gua... [BDI - AC-001; NR: L. 82-85]

Como mencionado anteriormente, Rodrigues (2006) reconhece para as CFF a função pragmática de focalização ou de dramatização do evento descrito em V2. Valendo-se dessa função descrita pela autora, nesta pesquisa, que trata somente do verbo *chegar*, atribuímos a ele na construção a função de focalizar o evento descrito por V2, quando se trata de discurso indireto, e de “dramatizar” ou performar (termo que preferimos) o ato de fala direto introduzido pelo verbo *dicendi*, de modo a envolver mais o interlocutor.¹²

Quanto ao Tipo textual, a MicroCx $[[\text{SUJEITO}]+[\text{CHEGAR}+([\text{e}+)\text{V2}]]]_{\text{FOCALIZAÇÃO}}$ ocorre em todos os cinco tipos de texto do *corpus*, também com maior frequência nos tipos narrativos (34,62% = 18/52, em Narrativa de experiência, e a mesma frequência em Narrativa Recontada). Nos demais tipos textuais, a MicroCx é menos produtiva, como se observa em Relato de Procedimento (17,31% = 9/52), em Relato de Opinião (9,62% = 5/52) e em Descrições (3,85% = 2/52). Esses resultados não diferem dos apurados para outros tipos de MicroCx, o que significa que a MicroCx com função de Focalização de V2 também é mais típica de textos narrativos, especialmente na reprodução de atos de fala reportados nesses contextos.

Segundo Rodrigues (2006), um dos critérios que diferenciam as CFF das construções de auxiliarização é o fato de *chegar* e V2 de CFF partilharem o mesmo Tempo e Modo verbal. Por serem típicas de contextos narrativos, a expressão modo-temporal compartilhada por V1 e V2 da MicroCx é mais frequentemente a de Pretérito Perfeito do Indicativo (57,69% = 30/52), sem ser desprezível o Presente do Indicativo (13,46% = 11/52), conforme mostram os resultados na Tabela abaixo.

Tabela 11 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de MicroCx $[[\text{SUJEITO}]+[\text{CHEGAR}+([\text{e}+)\text{V2}]]]_{\text{FOCALIZAÇÃO}}$

Tempo e Modo/Gênero Discursivo	DE	%	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Não finito	-		2	3,85%	2	3,85%	2	3,85%	5	9,62%	11	21,15%
Presente do Indicativo	1	1,92%		0,00%	2	3,85%	2	3,85%	2	3,85%	7	13,46%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	1	1,92%	1	1,92%	1	1,92%		-	1	1,92%	4	7,69%
Pretérito Perfeito do Indicativo		0,00%	15	28,85%	13	25,00%	1	1,92%	1	1,92%	30	57,69%
Total Geral	2	3,85%	18	34,62%	18	34,62%	5	9,62%	9	17,31%	52	100%

Fonte: Elaboração própria.

Com base na frequência de uso, podemos afirmar que a MicroCx $[[\text{SUJEITO}]+[\text{CHEGAR}+([\text{e}+)\text{V2}]]]_{\text{FOCALIZAÇÃO}}$ tende a se especializar na introdução de

¹² Na transcrição das entrevistas do Banco de Dados Iboruna, o discurso direto é anotado por meio de aspas; e ênfase, por meio de caixa alta, favorecendo a hipótese de dramatização que se constrói no uso desse tipo construcional.

discurso relatado, principalmente pelo fato de o verbo que ocupa o slot de V2 ser um verbo *dicendi*. A recorrência desse padrão motiva o surgimento de uma nova MicroCx, menos esquemática, que prescinde da realização de V2, configurando uma unidade autônoma com funcionamento discursivo próprio. Essa nova configuração expressa um processo de discursivização, em que o verbo *chegar*, sem predicar nem auxiliar, funciona como marcador enunciativo, orientado à introdução de fala relatada e à organização pragmática do discurso, como discutiremos na próxima subseção.

4.1.5 Microconstrução introdutora de discurso relatado

A MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO] parece herdar propriedades de duas MicroCx descritas anteriormente: [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL)]]TRANSITIVO CIRCUNSTANCIAL] e [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]]FOCALIZAÇÃO].

A primeira hipótese de herança que levantamos é entre a MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO] e a MicroCx transitiva circunstancial, porque o verbo *chegar* mantém traço de predicação na MicroCx, mas restrito ao Sujeito, como em (113).

- (113) porque tem muito evangélico por exemplo que vai... visitá(r) casa **eles chegam...** –“ah:: mas Maria num fez isso num fez aquilo” – tal... se eles acham isso tudo bem... [BDI - AC-023; RO: L. 528-534]

Em (113), a ocorrência destacada marca o evento de chegada do referente do Sujeito (*evangélico*) em um locativo já explicitado. No entanto, o verbo *chegar* funciona com estrutura monoargumental, com apenas o *slot* de Sujeito preenchido.

A segunda hipótese de herança que levantamos é entre a MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO] e a MicroCx de focalização de V2, tendo em vista a função predominante que ambos os *types* apresentam de marcar a reprodução de um ato de fala. Em relação à CFF, a diferença que se destaca nessa função de Introduzir discurso relatado é a total ausência de um V2 *dicendi* seguido de *chegar*, o que poderia não permitir distinguir com clareza a função de introduzir ato de fala reportado. Podemos interpretar que essa função, no entanto, incorpora-se totalmente ao verbo *chegar*, motivada por um processo metonímico interveniente em CFF com V2 *dicendi*, cujo significado de ato de fala se transfere totalmente para o próprio verbo *chegar*. É o que observamos nas ocorrências (114) e (115).

- (114) o passage(i)ro chega na agência... compra a passagem aérea... **chega** –“óh (aqui) eu preciso í(r) pra:: Na/ pra Manaus”– por exemplo... [BDI - AC-051; RP: L. 320-332]
- (115) e sempre envolven(d)o briga...e o pai dele por sê(r) militar né? **as polícia chegava** –“ah o senhor é o fulano”– tal e/... e:: maneirava né? evitava né? [BDI - AC-103; NR: L. 138-151]

Embora esta pesquisa adote uma perspectiva sincrônica, sugerimos uma possível hipótese explicativa para a emergência diacrônica da MicroCx introdutora de discurso relatado. Considerando as propostas de Traugott e Dasher (2002) e Hopper e Traugott (2003), segundo as quais formas originalmente lexicais podem passar a exercer funções discursivas por meio da gramaticalização, supomos que o verbo *chegar*, na MicroCx, tenha seguido um percurso em que, a partir da MicroCx de focalização/dramatização, foi gradualmente reanalisado como Marcador Discursivo. Desta forma, a construção CFF poderia ter motivado um processo metonímico em que o valor semântico de um verbo *dicendi*, que introduz discurso relatado, migrou integralmente para o verbo *chegar*. É possível que esse fenômeno se configure como um caso de discursivização (Traugott; Dasher, 2002, p. 281).

A frequência desse tipo construcional corresponde a 0,55% (7/1559) das ocorrências analisadas nesta pesquisa, o menor índice de frequência dos *types* descritos.

Quanto ao traço semântico de Sujeito dessa construção, o resultado é obviamente categórico, porque esse padrão construcional só admitirá Sujeitos de traço [+ humano], pelo fato de somente humanos terem a habilidade de troca conversacional numa interação real.

No Esquema Imagético de Trajetória da MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]_{INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO}], o Trajetor continua sendo o Sujeito sintático da oração, codificado como Indivíduo, enquanto o Destino (abstrato) corresponde a uma cena enunciativa na qual ocorre um Ato de Fala, reportado pelo falante (conceptualizador), descrição que aproxima a função dessa MicroCx da função anteriormente descrita para CFF de focalização de V2. Assim, o Trajetor se desloca metaforicamente para essa cena de interação verbal, e *chegar* funciona como um gatilho que introduz a fala relatada, marcando, no discurso, a transição do conteúdo narrado para o conteúdo reportado.

A MicroCx em (116), preservando fortemente traços da MicroCx transitiva, constitui um contexto favorecedor para o surgimento da função de MD. Nesses contextos, a MicroCx com *chegar* transita entre o sentido de movimento físico e a função de MD.

- (116) ela falô(u) –“então va/ vai... vai LOgo... eu mando a minha menina chamá(r) teu marido”–... aí eu num nada/ num levei a mala num levei nada... o Z. veio a menina dela chamô(u) o Z.... o Z. **chegô(u)** – “vamo(s) po hospital”– ... nós fomo(s) a pé... nós fomo(s) a pé... aí chegô(u) lá enferme(i)ra falô(u) assim... – “entra pra cá” [BDI - AC-130; NE: L. 199-214]

Quanto aos tipos textuais, a MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO] se manifesta com a mesma frequência em Narrativa de Experiência, Narrativa Recontada e Relato de Opinião (28,57% = 2/7). Aparece com frequência bem menor em Relato de Procedimento (14,29% = 1/7) e não aparece em textos do tipo Descrição. Embora o total de ocorrência em cada tipo textual não nos permita fazer afirmações seguras, parece mesmo que o tipo textual não é um restritor da função de MD, como observamos nos três primeiros tipos de MicroCx que se concentram mais em tipos textuais narrativos. Essa interpretação possível se estende para a expressão modo-temporal da MicroCx, que transita entre os tempos de presente e pretérito, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 12 – Correlação entre Tipo textual e Tempo e Modo verbal de Microconstruções MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO]

Gênero Discursivo/Tempo e Modo	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Presente do Indicativo		-		-	1	14,29%	1	14,29%	2	28,57%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	1	14,29%	1	14,29%		-		-	2	28,57%
Pretérito Perfeito do Indicativo	1	14,29%	1	14,29%	1	14,29%		0,00%	3	42,86%
Total Geral	2	28,57%	2	28,57%	2	28,57%	1	14,29%	7	100%

Fonte: Elaboração própria.

Constatamos, para esse padrão construcional, que ele é o menos produtivo em termos de frequência de uso, mas o que representaria o estágio mais avançado de discursivização do verbo *chegar* dentre os tipos de MicroCx descritos.

Observamos que as cinco MicroCx com *chegar* têm, cada uma, suas funções próprias, apesar de algumas delas apresentarem propriedades muito similares, como, por exemplo, as MicroCx [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL)]]TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL], [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]]FOCALIZAÇÃO] e [[SUJEITO]+[CHEGAR_{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO]. Exemplificamos, com base em (117) e (118), algumas dessas propriedades comuns.

- (117) Inf.: ah porque o pai deles trabalha... daí... ele vai lá... e:: **chega no/ no colega** –“ou vamo(s) brincá(r)”– daí depois o o(u)tro num qué(r)... daí fica::/ daí fica sem graça com e::le... porque ele já fica sabenn::(d)o [BDI - AC-005; RO: L. 413-415]
- (118) aí meu tio levantô(u) né? ficô(u) para::do... aí o o moleque foi lá chamá(r) o M. né?... meu irmão tava agachado perto do portã::o... [Doc.: e Inf.: ((risos))] aí o moleque chegô(u) assim por cima daquele portão fechado né? sabe? [Doc.: ham]... aí o moleque **chegô(u) puxan(d)o** – “**Ô MOLEQUE LEVANTAÁÍ Ô**” – aí meu irmão levantô(u) né? saiu pra fora – “fiquei sabenn(d)o que cê catô(u) minha mina lá que num sei o que tem” [BDI - AC-015; NR: L. 399-404]

Em (117) e (118), observamos que, nas duas MicroCx, o verbo *chegar* mantém a estrutura argumental monovalencial. No entanto, percebemos contextos que parecem motivar o surgimento de MicroCx CFF, e, posteriormente, MicroCx introdutora de discurso relatado. Em (117), a MicroCx apresenta Sujeito referencial [+humano], que, no contexto, aproxima-se de um referente [pessoa como lugar], codificado como advérbio circunstancial, ao qual dirige um ato de fala. Em (118), há expressão adverbial de modo, com estrutura de oração adverbial reduzida de gerúndio, e, da mesma forma que em (117), à MicroCx segue um ato de fala reportado. Hipotetizamos que o padrão da MicroCx de estrutura argumental transitiva circunstancial, pela possibilidade de não manifestação do circunstancial adverbial, altera a função do verbo *chegar* na MicroCx, de predador argumental para um verbo mais esvaziado semanticamente, como uma CFF, e com função pragmática de introduzir um discurso relatado.

4.2 SIMILARIDADES E DIFERENÇAS ENTRE AS MICROCONSTRUÇÕES

Nesta seção, mostraremos algumas diferenças e similaridades entre as MicroCx com *chegar* investigadas. Iniciamos analisando, de modo geral, o traço de animacidade do referente do Sujeito; em seguida, analisamos os tipos de V2 que construções com esse *slot* requerem; em seguida, o Tipo Textual em que as construções com o verbo *chegar* se manifestam; e por último, o tempo e o modo de *chegar* em todas as ocorrências coletadas. Para facilitar a referência a cada MicroCx, elas serão representadas da seguinte forma:

Quadro 4– Classificação semântico-pragmática de verbos

MicroCx	REPRESENTAÇÃO
[[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL]	MicroCx 1
[[CHEGAR]+[SUJEITO]]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO]	MicroCx 2
[[SUJEITO]+[CHEGAR(+[PREP]+)V2 _{INF}]]AUXILIARIZAÇÃO]	MicroCx 3
[[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2]]FOCALIZAÇÃO]	MicroCx 4
[[SUJEITO]+[CHEGAR _{FIN}]]INTRODUTOR DE DISCURSO RELATADO]	MicroCx 4

Fonte: Elaboração própria

4.2.1 Animacidade do Sujeito nas Microconstruções com *chegar*

De acordo com os dados apresentados, a grande maioria das ocorrências tem Sujeito com traço semântico [+ humano]. Mostramos na tabela abaixo a correlação entre os tipos de MicroCx e o traço de animacidade do Sujeito.

Tabela 13 – Traço semântico de animacidade do Sujeito nas MicroCx com *chegar*

Tipo de MicroCx	MicroCx 1		MicroCx 2		MicroCx 3		MicroCx 4		MicroCx 5	
Tipo de S.	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
[+H]	1126	95,18%	69	83,13%	80	86,02%	52	100,00%	7	100,00%
[-H] [+A]	7	0,59%	-	-	1	1,08%	-	-	-	-
[-H] [-A]	50	4,23%	14	16,87%	12	12,90%	-	-	-	-
Total Geral	1183	100,00%	83	100,00%	93	100,00%	52	100,00%	7	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

A análise do traço semântico de animacidade dos Sujeitos nas MicroCx com *chegar* evidencia um padrão consistente de que há predominância expressiva de Sujeitos com traço [+humano]. Esse traço aparece de modo majoritário nas MicroCx 1 (95,18%), 2 (83,13%) e 3 (86,02%), e de forma exclusiva nas MicroCx 4 e 5 (100%).

Apesar da regularidade quanto à animacidade, percebemos certa variação no grau de diversidade dos Sujeitos entre as microconstruções. A MicroCx 1 apresenta a maior variabilidade de traços, incluindo Sujeitos [- Humano]; [+ Animado] (0,59%) e [- Humano]; [- Animado] (4,23%). A MicroCx 2 apresenta Sujeitos [- Humano]; [- Animado] em 16,87% dos casos, indicando uma maior tolerância à presença de entidades inanimadas. A MicroCx 3, embora também tenha Sujeitos [- Humano]; [- Animado] (12,90%), registra ainda um caso raro de Sujeito [- Humano]; [+ Animado] (1,08%). Já as MicroCx 4 e 5 mantêm exclusivamente Sujeitos [+H], não registrando nenhum caso de sujeitos inanimados, o que aponta para uma maior seletividade semântica quanto à animacidade nesses dois padrões construcionais.

4.2.2 Tipo de V2 nas Microconstruções com *chegar* seguido de V2

A Tabela 14 apresenta a distribuição dos tipos semânticos de V2 nas MicroCx que permitem a presença de um segundo verbo (MicroCx 3 e 4). A leitura por coluna permite observar como cada MicroCx é preenchida por cada tipo verbal.

Tabela 14 – Tipo semântico-pragmático de V2 nas MicroCx 3¹³ e nas MicroCx 4¹⁴

Tipo semântico de V2	MicroCx 3		MicroCx 4	
	N.	%	N.	%
Atividade difusa	16	16,16%	6	11,54%
Atividade específica	21	21,21%	6	11,54%
<i>Dicendi</i>	9	9,09%	37	71,15%
Estado	7	7,07%	-	-
Evento transitório intencional	-	-	2	3,85%
Evento transitório não intencional	3	3,03%	-	-
Existência	2	2,02%	-	-
Experimetação mental	15	15,15%	-	-
Momentâneo	8	8,08%	-	-
Processo	2	2,02%	-	-
Relacional	6	6,06%	1	1,92%
Sensação corporal	8	8,08%	-	-
Transitório não-intencional	2	2,02%	-	-
Total Geral	99	100,00%	52	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontam que a construção com função de auxiliarização tende a ser usada em contextos nos quais o V2 codifica situações resultativas. Isso ocorre porque a auxiliarização de *chegar* está associada ao significado aspectual de resultatividade, permitindo uma maior variedade de tipos de V2. Por outro lado, a MicroCx do tipo *Foi e Fez* revela uma combinação mais restrita entre *chegar* e V2, preferindo verbos *dicendi*. Essa limitação está relacionada à função específica dessa MicroCx, que enfatiza/dramatiza o evento representado por V2, ou a realização de um ato de fala.

A análise do tipo semântico-pragmático do V2 nas Microconstruções 3 e 4 nos mostra, enquanto similaridade, que ambas compartilham alguns tipos verbais, ainda que em proporções distintas. Os verbos de atividade difusa e de atividade específica estão presentes nas duas construções, com destaque maior na MicroCx 3 (16,16% e 21,21%, respectivamente) em relação à MicroCx 4 (ambos com 11,54%). O tipo *dicendi* também aparece nas duas, mas com frequências distintas: 9,09% na MicroCx 3 e expressivos 71,15% na MicroCx 4, o que configura um traço distintivo dessa construção. Os tipos *relacional* ocorrem em ambas, ainda que com baixa frequência.

As diferenças entre as construções são marcantes. A MicroCx 3 apresenta maior diversidade de tipos semânticos, com ocorrência de 12 dos 13 tipos listados na tabela. A única exceção é o tipo "evento transitório intencional", que aparece exclusivamente na MicroCx 4

¹³ MicroCx[[SUJEITO]+[CHEGAR(+[PREP]+)V2_{INF}]]_{AUXILIARIZAÇÃO}

¹⁴ [[SUJEITO]+[CHEGAR+(+V2)]]_{FOCALIZAÇÃO}

(3,85%). Essa variabilidade semântica na MicroCx 3 reforça seu caráter mais flexível enquanto construção de auxiliarização. Já a MicroCx 4, além de ser mais restrita quanto à variedade de V2, é fortemente marcada pela presença de verbos *dicendi*. Essa concentração indica uma especialização dessa construção para contextos de fala relatada, conforme apresentamos em 4.1.4.

4.2.3 Tipo textual em que as Microconstruções com *chegar* se manifestam

A Tabela 15 mostra a distribuição das microconstruções com o verbo *chegar* nos cinco tipos textuais do corpus: Narrativa de Experiência (NE), Narrativa Recontada (NR), Relato de Opinião (RO), Descrição (DE) e Relato de Procedimento (RP). A leitura por coluna revela como cada MicroCx se expressa em cada tipo textual, permitindo observar padrões de preferência construcional em função do gênero discursivo.

Tabela 15 – Tipo textual em que as MicroCx com *chegar* se manifestam

	MicroCx 1		MicroCx 2		MicroCx 3		MicroCx 4		MicroCx 5	
Tipo textual	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
DE	152	12,01%	13	10,00%	12	11,54%	2	3,85%	-	-
NE	521	41,15%	53	40,77%	36	34,62%	18	34,62%	2	28,57%
NR	325	25,67%	35	26,92%	27	25,96%	18	34,62%	2	28,57%
RO	152	12,01%	15	11,54%	19	18,27%	5	9,62%	2	28,57%
RP	116	9,16%	14	10,77%	10	9,62%	9	17,31%	1	14,29%
Total Geral	1266	100,00%	130	100,00%	104	100,00%	52	100,00%	7	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

As Microconstruções com *chegar* se manifestam, majoritariamente, em tipos textuais de natureza narrativa. As maiores frequências ocorrem em *Narrativa de Experiência* (NE) e *Narrativa Recontada* (NR), com destaque para as MicroCx 1, 2 e 3, que apresentam dados superiores a 25% nesses tipos. Na MicroCx 1, a NE representa 41,15% das ocorrências, e a NR, 25,67%; na MicroCx 2, a NE aparece em 40,77% e a NR em 26,92%. Já na MicroCx 3, os dois tipos estão equilibrados (NE = 34,62% e NR = 25,96%). A MicroCx 4 mantém esse mesmo padrão (NE e NR = 34,62%), embora com números absolutos menores. Esses dados reforçam a tendência das construções com *chegar* se associarem a contextos narrativos, alinhados à expressão de tempo e modo verbal.

Por outro lado, as diferenças entre as microconstruções revelam que a MicroCx 1 é a que apresenta maior distribuição entre os tipos textuais, incluindo presença expressiva em *Relato de Opinião* (RO = 12,01%) e *Relato de Procedimento* (RP = 9,16%). A MicroCx 5 também se mostra relativamente variável, com ocorrências em cinco dos seis tipos, embora em

proporções menores. Em contraste, a MicroCx 4 se concentra quase exclusivamente nos tipos NE e NR, com menor expressividade nos demais gêneros, e baixa presença em DE, RO e RP. A MicroCx 2 e a MicroCx 3 mantêm uma configuração intermediária: enquanto a primeira se distribui de modo mais previsível entre NE, NR, RO e RP, a terceira também se manifesta com destaque em *Relato de Opinião* (RO = 18,27%). Essas variações apontam para um grau diferente de especialização entre as construções, com algumas mais atreladas a gêneros narrativos convencionais e outras com maior flexibilidade de uso.

Em resumo, os dados evidenciam que a Microconstrução 1 é dominante e amplamente produtiva, com presença robusta em todos os gêneros, especialmente os narrativos. Os demais tipos revelam usos mais restritivos, geralmente condicionados por funções discursivas específicas.

4.2.4 Tempo e Modo do verbo *chegar* nas Microconstruções

A Tabela 16 apresenta a distribuição do verbo *chegar* em diferentes tempos e modos verbais, cruzados com as cinco Microconstruções previamente analisadas. A leitura dos dados é feita por coluna, o que permite observar como cada construção se expressa em termos de tempo e modo verbal. Para este cruzamento dos dados, excluímos as expressões verbais em formas não finitas (infinitivo, gerúndio e particípio).

Tabela 16 – Tempo e Modo de *chegar* nas MicroCx analisadas

	MicroCx 1		MicroCx 2		MicroCx 3		MicroCx 4		MicroCx 5	
	N.	%	N.	%	N.	%	N	%	N	%
Futuro do Presente do Indicativo	32	3,24%	3	2,52%	1	1,00%	-	-	-	-
Futuro do Pretérito do Indicativo	6	0,61%	2	1,68%	-	-	-	-	-	-
Presente do Indicativo	23		24		12		7		2	
	2	23,48%	24	20,17%	12	12,00%	7	17,07%	2	28,57%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	89	9,01%	13	10,92%	10	10,00%	4	9,76%	2	28,57%
Pretérito Perfeito do Indicativo	61		75		76		3		3	
	9	62,65%	75	63,03%	76	76,00%	0	73,17%	3	42,86%
Futuro do Subjuntivo	3	0,30%	-	-	-	-	-	-	-	-
Presente do Subjuntivo	1	0,10%	-	-	-	-	-	-	-	-
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	6	0,61%	2	1,68%	1	1,00%	-	-	-	-
Total Geral	98	100,00	11	100,00	10	100,00	4	100,00	7	100,00%
	8	%	9	%	0	%	1	%	7	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Em termos do Tempo e Modo verbal de *chegar*, deve-se destacar, no entanto, que a variedade modo-temporal diminui drasticamente da MicroCx 1 (8 tempos-modo) para a MicroCx 5 (3 tempos-modo), o que pode se dever a um processo de abstratização crescente entre os cinco tipos analisados, traduzível da seguinte forma: quanto mais abstrato o sentido de uma MicroCx com *chegar*, menor sua variabilidade modo-temporal.

Observamos que todas as cinco Microconstruções com *chegar* tendem a se realizar preferencialmente no modo indicativo, com predominância do pretérito perfeito. O presente e o pretérito imperfeito do indicativo também estão presentes em todas as MicroCx.

Apesar dessa similaridade, encontramos diferenças quanto ao grau de variabilidade de tempos e modos. A MicroCx 1 é a que apresenta maior diversidade, com ocorrências em todos os tempos verbais listados, incluindo tempos do subjuntivo e formas no futuro. A MicroCx 2 também apresenta variação, mas com menor expressividade. Já as MicroCx 3 e 4 se mostram mais restritas, com uso quase exclusivo do pretérito perfeito, e apenas algumas ocorrências no presente e no imperfeito. A MicroCx 5, embora pouco produtiva, apresenta-se equilibrada entre pretérito perfeito, presente e pretérito imperfeito.

Em resumo, a microconstrução Tipo 1 é a única a demonstrar maior versatilidade na atração de tempo e modo verbal, sendo compatível com todos os tempos e modos verbais observados. Os demais tipos revelam padrões mais especializados: o Tipo 2 tende a ocorrer em tempos narrativos e no presente; o Tipo 3 aparece principalmente nas formas não finitas e no presente; e os Tipos 4 e 5 se manifestam de forma pontual, mas coerente com suas funções discursivo-textuais. A prevalência dos tempos do Indicativo, especialmente o Pretérito Perfeito, confirma o caráter narrativo e experiencial das ocorrências de *chegar* no Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007).

4.2.5 Tipo semântico de Trajetor e Destino nas microconstruções

A tabela 17 revela a distribuição dos tipos semânticos de entidade dos Trajetores nas diferentes MicroCx com o verbo *chegar*. Entendemos, nesta pesquisa, como “Trajetor”, aquilo que se move em um *construal* (Langacker, 1987). A análise revela padrões de preferência e marca contrastes entre as MicroCx quanto ao tipo de entidade em movimento ou envolvida no evento de *chegada*.

Tabela 17 – Configuração semântica do Trajetor

Configuração semântica	MicroCx 1		MicroCx 2		MicroCx 3		MicroCx 4		MicroCx 5	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Ato de fala	4	0,32%	-	-	-	-	-	-	-	-
EsCo	83	6,56%	1	0,77%	11	10,58%	-	-	-	-
Indivíduo	1174	92,73%	83	63,85%	90	86,54%	52	100,00%	7	100,00%
Lugar	5	0,39%	3	2,31%	3	2,88%	-	-	-	-
Tempo	-	-	43	33,08%	-	-	-	-	-	-
Total Geral	1266	100,00%	130	100,00%	104	100,00%	52	100,00%	7	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

A configuração semântica mais recorrente do Trajetor nas Microconstruções com *chegar* é a de Indivíduo, presente em todas as construções com alta frequência. Esse padrão reforça a associação da construção com entidades animadas, em consonância com os dados sobre animacidade do sujeito já observados anteriormente. Nas MicroCx 4 e 5, essa configuração ocorre de forma exclusiva, indicando maior seletividade semântica. Mesmo nas MicroCx 1, 2 e 3, em que há maior diversidade, a presença do indivíduo como Trajetor é predominante.

As demais configurações semânticas aparecem com frequência bastante reduzida e de forma mais específica em algumas microconstruções. A MicroCx 1 apresenta o maior variabilidade, com ocorrências de Estado de Coisas, Ato de fala e Lugar, além da maior frequência em Indivíduos. A MicroCx 2 também apresenta certa variabilidade, incluindo as categorias de Tempo e Lugar, além de registros pontuais de EsCo. A MicroCx 3 compartilha algumas dessas variações, com destaque para a ocorrência de EsCo e Lugar. Em contraste, as MicroCx 4 e 5 mostram-se semanticamente mais estáveis quanto a este parâmetro, limitando-se à configuração de Indivíduo.

A tabela 18 apresenta a distribuição dos tipos semânticos de entidade dos Destinos envolvidos nas microconstruções com o verbo *chegar*, oferecendo um panorama fundamental para compreender os Esquemas Imagéticos de Trajetória associados às diferentes construções em estudo. De acordo com a tabela, observamos as principais semelhanças e diferenças entre as microconstruções (1 a 5), com base nos Destinos mais frequentes: Lugar, Estado de Coisas (EsCo), Indivíduo e Tempo.

Tabela 18 – Configuração semântica do Destino

Configuração semântica	MicroCx 1		MicroCx 2		MicroCx 3		MicroCx 4		MicroCx 5	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
EsCo	69	5,45%	-	-	104	100,00%	52	100,00%	-	-
Indivíduo	69	5,45%	47	36,15%	-	-	-	-	-	-
Lugar	1070	84,52%	83	63,85%	-	-	-	-	7	100,00%
Proposição	5	0,39%	-	-	-	-	-	-	-	-
Tempo	53	4,19%	-	-	-	-	-	-	-	-
		100,00		100,00						
Total Geral	1266	%	130	%	104	100,00%	52	100,00%	7	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

A configuração semântica mais recorrente do Destino nas Microconstruções com *chegar* é a de Lugar, especialmente nas MicroCx 1, 2 e 5. Na MicroCx 1, essa categoria é predominante, assim como em parte significativa dos casos na MicroCx 2. A MicroCx 5 também se associa exclusivamente à configuração de lugar. Em contraste, as MicroCx 3 e 4 apresentam comportamento semântico distinto quanto ao Destino: em ambas, o Destino assume exclusivamente a configuração de EsCo.

A MicroCx 2 se destaca por apresentar duas configurações relevantes de Destino: Lugar e Indivíduo. Em contraste, a MicroCx 1, embora fortemente centrada na configuração de lugar, também apresenta ocorrências de Indivíduo, EsCo, Tempo e Proposição, revelando maior variabilidade semântica. Já a MicroCx 5 mantém um perfil exclusivamente de Lugar, que, de acordo com as análises, configura-se com propósito de Cena Enunciativa. As diferenças entre essas MicroCx reforçam a ideia de que, em algumas, há preservação do traço locativo prototípico de *chegar*, enquanto outras se abrem a extensões semânticas mais abstratizadas.

Como forma de resumir os resultados apresentados nesta seção, sintetizamos no quadro a seguir as similaridades e as diferenças entre as MicroCx descritas.

Quadro 5 – Resumo das similaridades e diferenças das Microconstruções com *chegar*

Critério em comum analisado nas cinco MicroCx	Similaridades entre as Microconstruções	Diferenças entre as Microconstruções
1. Animacidade do Sujeito	Em todas as MicroCx, o Sujeito com traço [+humano] predomina de forma ampla.	MicroCx 4 e 5 apresentam 100% de sujeitos [+humano], enquanto 1, 2 e 3 admitem, em menor grau, sujeitos [-humano; -animado] e [-humano; +animado]. Tipo 2 destaca-se por admitir mais [-humano; -animado].
2. Tipo Semântico de Trajetor	Em quase todas as MicroCx, o tipo “Indivíduo” é recorrente como Trajetor, mesmo que em graus variados, confirmando a associação entre movimento e seres animados.	MicroCx 3 admite, além de “indivíduo”, a configuração EsCo como Trajetor, o que indica maior abstratização. A MicroCx 4, em contraste, mantém-se restrita à configuração de Indivíduo.
3. Tipo Semântico de Destino	De modo geral, todas as MicroCx mantêm a ideia de “chegar a” algum destino, seja ele concreto ou abstrato.	MicroCx 1 é mais variável, predominando destinos como “Lugar”, enquanto 3 e 4 apresentam destino majoritário “Estado de Coisas” (EsCo). A MicroCx 5 apresenta apenas ‘Lugar’, e a II combina ‘Lugar’ e ‘Indivíduo’.
4. Tipo de V2 nas Microconstruções com V2	Em ambas as MicroCx que admitem V2 (3 e 4), há focalização em eventos verbais, sejam eles aspectualizados (3) ou enfatizados/dramatizados (4).	Na MicroCx 3, predomina V2 de Atividade Específica, Difusa e Experimentação Mental (maior variabilidade); na MicroCx 4, predomina fortemente V2 <i>Dicendi</i> (falar/dizer), com maior restrição semântica.
5. Tipo Textual	Todas as MicroCx se manifestam prioritariamente em tipos textuais narrativos (Narrativa de Experiência e Narrativa Recontada), evidenciando o caráter narrativo dos eventos de <i>chegar</i> .	MicroCx 1 tem ampla produtividade em todos os tipos textuais. MicroCx 2 e 3 concentram-se mais em NE e NR. MicroCx 4 é mais equilibrada, aparecendo também em RP. MicroCx 5, embora rara, distribui-se em NE, NR e RP.
6. Tempo e Modo Verbal	Em todas as MicroCx, os tempos do Pretérito Perfeito, Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo são majoritários, indicando narrativas ancoradas no passado ou no presente experiencial.	A variedade modo-temporal é ampla na MicroCx 1 (8 tempos/modos) e diminui progressivamente até a MicroCx 5 (3 tempos/modos), refletindo o grau de abstratização e especialização própria de cada MicroCx. A MicroCx 5 apresenta distribuição relativamente equilibrada entre os três tempos.

Fonte: Elaboração própria.

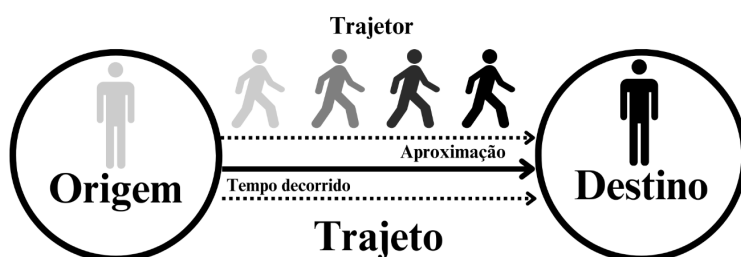
A análise das similaridades e diferenças entre as microconstruções com o verbo *chegar* mostra o compartilhamento dos traços fundamentais, como a forte predominância de Sujeitos [+humano] e a seu uso em gêneros narrativos. As microconstruções se diferenciam de maneira consistente em parâmetros como o tipo semântico de Trajetor e Destino, a seleção do V2 (nas

construções em que ele ocorre), a distribuição nos tipos textuais e a variabilidade de tempo e modo verbal.

4.3 PERFILAMENTOS DO ESQUEMA IMAGÉTICO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DAS MICROCONSTRUÇÕES COM *CHEGAR*

Nesta última subseção, apresentamos a análise das MicroCx com *chegar*, tomando como referência o Esquema Imagético (EI) de Trajetória, e suas respectivas partes ORIGEM – TRAJETO – DESTINO, com o objetivo de descrever o correlato conceptual dessas construções. Para isso, propomos, na Figura 3, uma reformulação da representação visual do esquema, que além de Origem, Trajeto e Destino, incorpora o Tempo decorrido e a aproximação do Destino pelo Trajetor. A incorporação dessas partes busca o aprimoramento da descrição das construções com *chegar*.

Figura 8 – Esquema Imagético de Trajetória



Fonte: Elaboração própria.

Os EI, fundamentais para a construção de significados na língua, emergem da experiência corporal dos falantes e fornecem a base para a criação de metáforas conceituais, como a associação entre progresso abstrato e movimento físico, como observamos nas análises dos traços de [concretude do movimento] e [configuração semântica do locativo]. Nesse processo de abstratização, Oakley (2007) destaca que:

Quando o significado muda, os detalhes das imagens de origem são geralmente ignorados, mas as estruturas esquemáticas são preservadas. Esta é a razão pela qual não se pode adquirir significados aparentemente contrastantes: cada significado perfila um componente esquemático de imagem diferente de uma cena (Oakley, 2007, p. 222, tradução nossa).¹⁵

¹⁵ No original: “When meaning changes, details of source images are generally ignored but schematic structures are preserved. This is one reason against can acquire seemly contrasting meanings: each meaning profiles a different image-schematic component of a scene”.

Quando um verbo ou construção linguística adquire um novo significado, os elementos concretos da situação original, como contextos específicos ou características visuais, podem perder relevância. Nas MicroCx com *chegar*, o significado base envolve deslocamento físico de um ponto de origem a um ponto de destino. No entanto, esse sentido pode ser abstratizado, para descrever o alcance de um objetivo/meta (*chegar a uma conclusão*). Nesse processo, os detalhes do deslocamento físico não são mais perfilados, mas a estrutura geral da trajetória – Origem, Trajeto e Destino – é mantida.

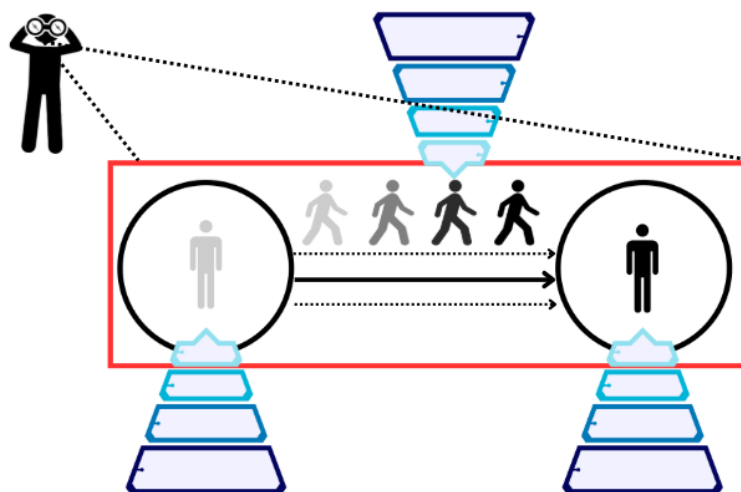
Um exemplo comum na literatura que justifica o acionamento do EI de Trajetória nas construções com *chegar* é a metáfora “propósitos são metas físicas”, em que propósitos são compreendidos em termos de Destinos a serem alcançados numa trajetória espacial. Se pensarmos na correlação entre a experiência de deslocamento físico e as associações metafóricas de que movimentos servem a um propósito (Lakoff; Johnson, 1980), a trajetória do ponto inicial (Origem ou estado não satisfeito) até o ponto final (Destino ou estado satisfeito) reflete tanto deslocamentos concretos quanto progressos abstratos e, dessa forma, as MicroCx com *chegar* acionam cognitivamente os conceitos de ORIGEM – TRAJETO – DESTINO. Bybee (2016, p. 310) reforça que mudanças de significado ocorrem em contextos específicos, frequentemente gerando períodos de sobreposição entre significados antigos e novos. Ao considerarmos as MicroCx com *chegar* dessa maneira, percebemos que os constructos perfilam diferentes partes do EI de Trajetória, conforme observado em usos metafóricos e literais das MicroCx.

4.3.1 Descrição da Transformação interna do Esquema Imagético de Trajetória

Nesta subseção, analisamos o preenchimento linguístico das partes s do EI Trajetória. Trajetor (o que se “move”) e Destino (aonde o Trajetor chega) se mostram mais salientes nas MicroCx, uma vez que o ponto de Origem de um movimento parece não ser tão relevante na conceptualização de uma expressão linguística.

O esquema genérico ilustrado na Figura é uma adaptação do EI Trajetória, proposto originalmente por Johnson (1987), aqui empregado para contemplar especificamente os dados analisados nesta pesquisa:

Figura 9 – Esquema Imagético genérico de Trajetória



Fonte: Elaboração própria.

Neste esquema, os dois círculos representam os pontos extremos do Esquema de Trajetória: o primeiro círculo, à esquerda, corresponde à Origem do movimento, enquanto o círculo à direita indica o Destino. O ícone humano no interior do esquema simboliza o Trajetor (no entanto, nem sempre o Trajetor será humano) que se desloca da Origem para o Destino. O movimento é ilustrado por múltiplas silhuetas que gradualmente se tornam mais fortes visualmente à medida que o Trajetor se aproxima do Destino, refletindo o processo de aproximação gradual de um Destino.

A seta contínua central representa explicitamente o Trajeto, o percurso completo percorrido pelo Trajetor. Em paralelo, as setas tracejadas representam momentos intermediários, enfatizando o percurso como uma sucessão de etapas, com ou sem intervalos de tempo, que indicam aproximação progressiva ao ponto de chegada.

O retângulo vermelho demarca os elementos do EI que são perfilados na construção linguística. Embora todo o esquema (Origem–Trajeto–Destino) possa ser perfilado, em alguns casos, apenas algumas de suas partes se tornam cognitivamente relevantes. No esquema apresentado, toda a estrutura (Origem, Trajeto e Destino) é explicitamente perfilada.

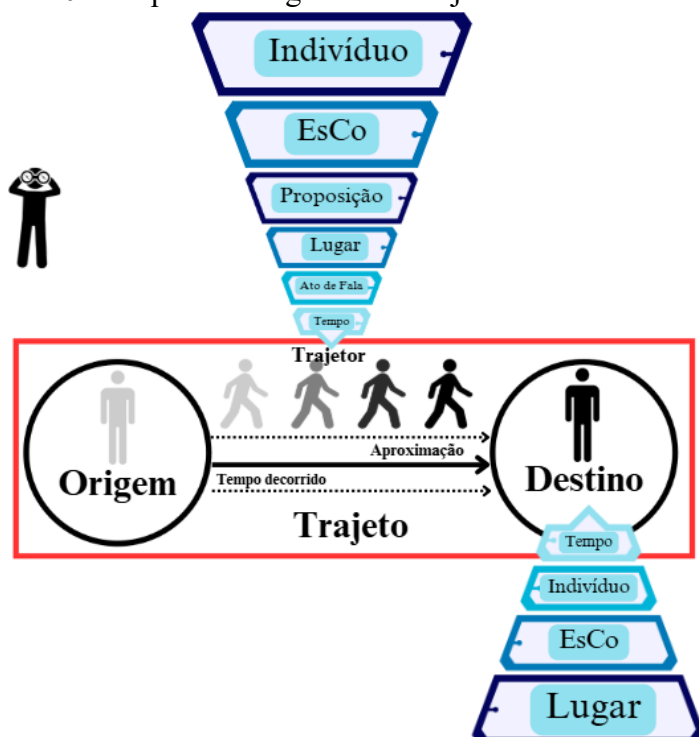
Os balões empilhados, dispostos acima e abaixo do esquema, ilustram os itens linguísticos (constructos, categorias semântico-pragmáticas, entre outros) que podem preencher cada parte do EI. O tamanho desses balões corresponde à frequência produtiva observada nos dados analisados: quanto mais amplo o balão, mais produtivo e frequente é a parte do EI codificada nas MicroCx.

O esquema genérico inclui ainda um Perspectivizador, representado pelo ícone humano com binóculo, situado fora da região demarcada pelo perfilamento. As linhas tracejadas que

partem do Perspectivizador sobre o esquema indicam que a interpretação do EI pode depender do ponto de vista específico de um observador ou falante que perspectiva a cena linguística. Esse elemento, apesar de não integrar necessariamente o esquema perfilado, pode influenciar na seleção dos elementos que serão explicitados ou permanecerão implícitos nas MicroCx.

Explicitemos, inicialmente, esse esquema genérico da Figura 9, recorrendo à MicroCx de estrutura argumental para ilustrar, na Figura 10, o EI de Trajetória que subjaz a sua conceptualização.

Figura 10 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de estrutura argumental



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 10 representa o EI associado às MicroCx de estrutura argumental com o verbo *chegar* que apresentam o conjunto mais amplo de possibilidades de conceptualização de Trajetor e Destino. Embora a configuração prototípica do EI Trajetória envolva o deslocamento físico de um Trajetor para um Destino, o verbo *chegar* permite a extensão metafórica desse esquema básico para conceptualização de outros tipos de MicroCx com diferentes tipos de entidades semânticas tanto no papel de Trajetor como no de Destino, como mostrado na figura, Indivíduo, Estado de Coisas (EsCo), Proposição, Ato de Fala, Tempo e Lugar. O perfilamento, neste caso específico ilustrado pela figura, é completo, com destaque (em tamanho maior) da conceptualização do Trajetor como Indivíduo e do Destino, como Lugar.

A fim de ilustrarmos como a MicroCx de estrutura argumental [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]]_{TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL} conceptualiza o EI de Trajetória, consideremos as ocorrências em (119), (120) e (121).

- (119) ele pra cá... **chegô(u) aqui em Guapiaçu**... foi conhecê(r) o pai... mandô::(u)/ a mãe mandô(u) ele de ônibus num é que o pai foi buscá(r) não nem ela veio trazê(r) mandô(u) ele de ônibus [BDI - AC-086; RO: L. 731-745]
- (120) Doc.: [pra] aperfeiçoá(r) [Inf.: é::] pra continuá(r) lá na empre [sa]
 Inf.: [exa]tamente aí fiz um curso de dois ano de eletro-técnica lá em Barretos com muita dificuldade... porque na empresa tinha o campo pra mim aí foi onde eu fui promovido a técnico... [Doc.: hum::] porque antes eu era eletricista né? (inint.) carre(i)ra entra como pratican::te depois você vem pra eletricis::ta eletricista um dois três... cê num tivê(r) estudo você vai/ **chegá(r) num ponto** que você vai ficá(r) estag[nado pára] [BDI - AC-139; NE: L. 71-77]
- (121) aí:: nós pegamos aí::... acho que foi:: qué(r) vê(r)?... sexta-fe(i)ra assim... sexta-fe(i)ra nós foi/voltamos/ subimos de no::vo:: deu quase o mesmo trajeto... **chegamo(s) de Ubatuba**... fomos até::... ah ônibus agora foi até São José dos Campos... depois pegô::(u) e voltô(u)... pela:: Via Dutra... [BDI - AC-087; NE: L. 33-43]

Em (119), depreendemos da MicroCx a conceptualização das seguintes partes do EI:

- i. **ORIGEM**: não é expressa, mas é conceitualmente recuperável como o local de onde o Trajetor partiu antes de *chegar* ao Destino Guapiaçu;
- ii. **TRAJETO**: não está perfilado, embora seja inferido no discurso pelo segmento “mandô(u) ele de ônibus”;
- iii. **DESTINO**: explicitamente conceptualizado pela expressão “aqui em Guapiaçu”;
- iv. **TRAJETOR**: indivíduo, codificado pelo pronome “ele”, ocupando a posição de Sujeito da construção.
- v. **PERSPECTIVIZADOR**: o falante assume a posição de enunciador, mas não participa do evento como Trajetor; sua posição discursiva não interfere na organização imagética da construção.

Em (120), temos a seguinte conceptualização:

- i. **ORIGEM**: implícita, representando o ponto inicial de uma trajetória de progresso profissional;
- ii. **TRAJETO**: metaforizado como processo de ascensão na carreira, com base na metáfora conceptual “vida profissional é percurso”;
- iii. **DESTINO**: explicitamente codificado como “um ponto que você vai ficar estagnado”, representando um Estado de Coisas (EsCo);
- iv. **TRAJETOR**: codificado pelo pronome “você”, usado genericamente, mas construído de forma a incluir o interlocutor como agente da trajetória;

- v. **PERSPECTIVIZADOR**: o falante constrói a cena do ponto de vista do interlocutor, projetando-o como aquele que vivência o percurso descrito. Assim, o Trajetor e o Perspectivizador se sobrepõem, já que a experiência é linguística e intersubjetivamente ancorada na figura do “você”.

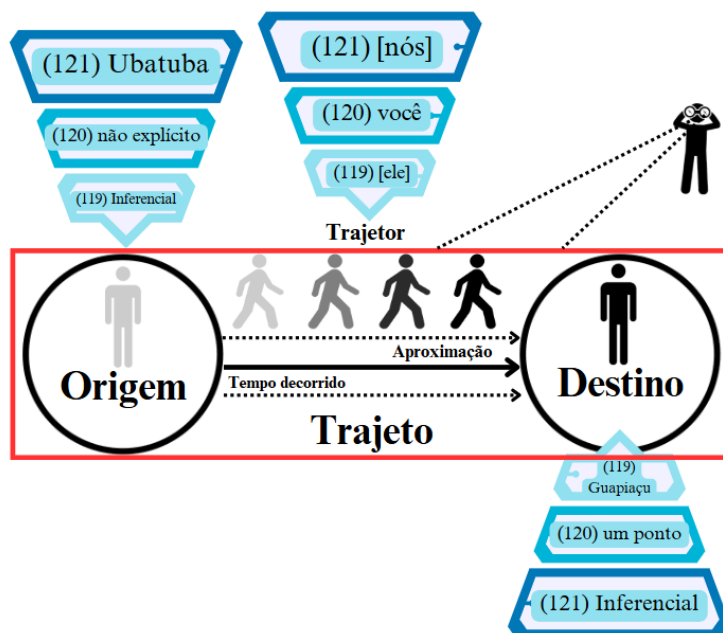
Em (121), temos:

- i. **ORIGEM**: explicitamente codificada por “Ubatuba”, funcionando como ponto de partida do deslocamento;
- ii. **TRAJETO**: perfilado discursivamente e construído com detalhamento do percurso realizado até o destino;
- iii. **DESTINO**: não é lexicalmente codificado, mas é inferido como o local de fala dos Sujeitos, ativando o ponto final da trajetória;
- iv. **TRAJETOR**: codificado pela desinência de 1ª pessoa do plural em “chegamos”, incluindo o falante;
- v. **PERSPECTIVIZADOR**: como o falante participa do deslocamento, a cena é construída a partir de sua própria perspectiva, o que configura o perspectivizador como coincidente com o Trajetor.

As MicroCx com *chegar em* e *chegar de* apresentam diferenças relevantes no modo como ativam os pontos do Esquema Imagético de Trajetória: com *chegar em*, o foco recai sobre o Destino, que é explicitamente codificado por um Sintagma Preposicionado locativo (*chegar em Guapiaçu*); com *chegar de*, o que tende a ser perfilado é a Origem, enquanto o Destino permanece inferido, funcionando como um elemento conceitualmente recuperável, geralmente o local de enunciação. Desse modo, há uma orientação construcional distinta: *chegar em* projeta o movimento em direção a um ponto de chegada explicitamente destacado, ao passo que *chegar de* ativa o percurso a partir de um ponto anterior, sendo o Destino implicado pela situação enunciativa.

A imagem abaixo ilustra como os exemplos podem ser representados em partes específicas do EI.

Figura 11 – Exemplos de MicroCx transitivas circunstanciais e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória

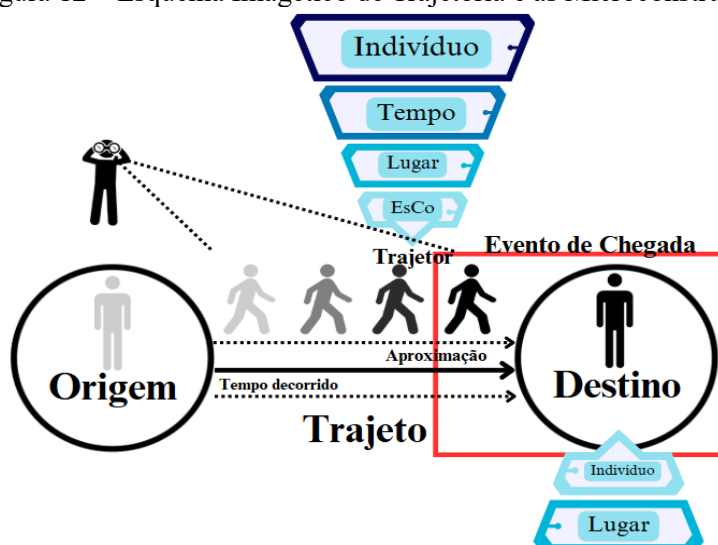


Fonte: Elaboração própria.

As análises mostram que a MicroCx de estrutura argumental com o verbo *chegar* conceptualiza potencialmente todos os pontos do EI de Trajetória (Origem – Trajeto – Destino), embora nem todos sejam necessariamente salientes nas MicroCx. Em alguns casos, como em (119) e (121), certos componentes (Origem e Destino) são apenas inferidos discursivamente. Assim, mesmo que a configuração conceitual completa esteja disponível para o falante, o perfilamento linguístico pode recair apenas sobre parte dos elementos do EI.

Passemos à conceptualização das MicroCx de focalização

Figura 12 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de focalização/apresentação



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 12 representa o EI depreendido de MicroCx de focalização/apresentação com sujeito pós-verbal a *chegar*. O EI correspondente permite certa diversidade nos tipos semânticos de Trajetor, abrangendo Indivíduo, Tempo, Lugar e EsCo, e, como Destino, Lugar e Indivíduo. Nessa configuração, o esquema perfila pontos como a Aproximação, que culmina em um Destino, configurando-o em um evento de chegada. A diferença entre a figura 10, representativa de EI mais acionado, e da figura 12 reside na restrição de possibilidade de manifestação de certos tipos semânticos na MicroCx: a Origem e o Trajeto existem, mas nunca são perfilados.

A MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}] perfila de modo diferenciado os pontos do, a depender da natureza do Trajetor e do conteúdo semântico-pragmático da construção. As ocorrências em (122) e (123) ilustram duas configurações distintas: uma que envolve a conceptualização de Trajetor abstrato, expresso como Tempo, e outra que conceptualiza um deslocamento físico e concreto de um Trajetor expresso sintaticamente como Indivíduo.

(122) **chegô(u) uma hora** que a gente num queria mais fazê(r) refeição... nos restaurante enjoô(u) a gente cansô(u) [BDI - AC-124; DE: L. 115-118]

(123) **éh:: chegaram as mesas de computado::res... as carte::(i)ras... as cade(i)ras...** e agora só tá faltando os computadores que ainda num chegô(u).. [BDI - AC-088; DE: L. 436-446]

Em (122), *chegar*, na MicroCx, é uma extensão metafórica usada para descrever o alcance de um ponto no tempo — “uma hora” — que representa o momento em que a vontade de continuar indo a restaurantes se esgota. Trata-se de uma construção com os seguintes perfilamentos:

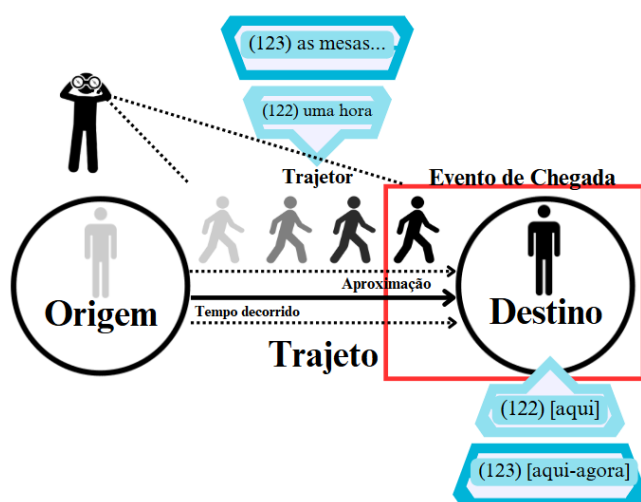
- i. **TRAJETOR**: a expressão temporal “uma hora”, posicionada pós-verbalmente, que atua como um marco temporal alcançado; **TRAJETO**: conceitualmente construído como uma repetição de experiências (ir aos restaurantes) que leva ao esgotamento;
- ii. **DESTINO**: o estado final de cansaço ou saturação experienciado;
- iii. **ORIGEM**: implícita, corresponde ao início da experiência recorrente;
- iv. **PERSPECTIVIZADOR**: o falante, que relata a vivência temporal sob seu ponto de vista.

Em (123), *chegar* é usado na MicroCx com sentido mais concreto e espacial, indicando o deslocamento físico de objetos até o local de destino. A construção perfila:

- i. **TRAJETOR:** “as mesas de computadores, as carteiras, as cadeiras”, que, como pertencentes à entidade Indivíduo, referem elementos concretos e ocorrem pospostos ao verbo;
- ii. **DESTINO:** inferido como o local em que se encontram os interlocutores (a escola), com apoio na *deixis* situacional;
- iii. **ORIGEM:** não codificada linguisticamente, mas pressuposta como o local anterior de onde os objetos foram enviados;
- iv. **TRAJETO:** inferido conceitualmente como deslocamento espacial entre a Origem e o Destino;
- v. **PERSPECTIVIZADOR:** o falante, que atualiza discursivamente o ponto de chegada dos objetos em seu próprio espaço de fala.

Ilustramos, na figura abaixo, as partes perfiladas do EI na MicroCx de focalização/apresentação.

Figura 13 – Exemplos de MicroCx de focalização/apresentação e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória



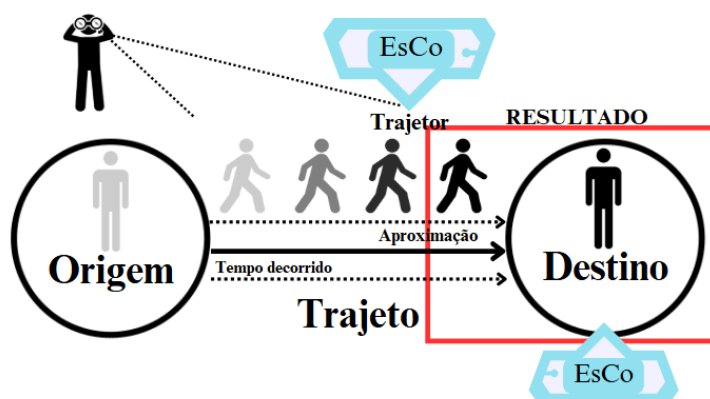
Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 13, as partes do EI são perfiladas, na MicroCx, em (122) como evento de chegada abstrato e temporal, marcado pelo esgotamento de uma sequência experiencial, e em (123), como evento de chegada concreto e espacial, no qual o Trajetor é fisicamente deslocado até um local compartilhado pelos interlocutores. Ainda que as duas MicroCx apresentem Trajetor posposto e focalizado, o significado emergente, em (122), focaliza o processo que

culmina em uma mudança de estado, e, em (123), a materialização da chegada de um indivíduo no espaço referenciado.

A MicroCx de auxiliarização representa dois esquemas distintos acionados pelo Esquema Imagético de Trajetória, o primeiro, para uma leitura de resultatividade; e, o segundo, para uma leitura de contraexpectativa. Embora as leituras compartilhem uma mesma estrutura formal (o pareamento de *chegar* com um segundo verbo no infinitivo), observamos que as construções variam quanto: i) ao tipo de Trajetor; ii) à categoria semântica do Destino; e iii) à inferência no uso da função: resultatividade ou contraexpectativa. A figura 14 representa o EI da MicroCx de resultatividade.

Figura 14 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de auxiliarização com função de resultatividade



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 14 ilustra construções em que tanto o Trajetor quanto o Destino são instanciados por Estados de Coisas (EsCo). Nesses casos, o verbo *chegar* atua como auxiliar aspectual resultativo, codificando o ponto final de um processo. O que se perfila no esquema (retângulo vermelho) é o Destino, interpretado como o resultado de uma trajetória metafórica. O Trajetor, também um EsCo, desloca-se conceitualmente de uma origem implícita até um ponto-alvo, que expressa o encerramento ou desfecho da ação descrita por V2. A construção, portanto, recorta o evento como uma sequência dinâmica, marcada por progresso e conclusão (ou sua ausência quando este está negado), sendo essa trajetória expressa linguisticamente por meio do par [*chegar* + V2], como em (124).

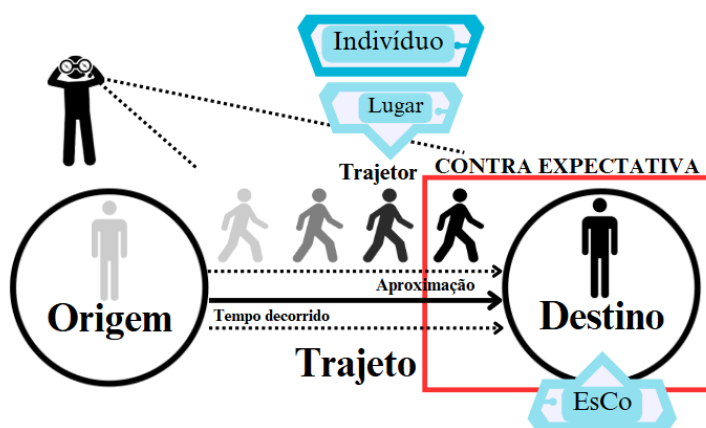
- (124) Inf.: corre::u...de bicicleta né? os moleque tava de bicicleta descen(d)o a avenida e nós... eu ia corren(d)o assim né?... aí né? aí ele passô(u) corren(d)o assim só que **num chegô(u) a::... a fazê(r)** muita:: coisa... **num chegô(u) a pegá(r)** né? nós porque:: [BDI - AC-015; NE: L. 27-29]

Em (124), a construção expressa negação do resultado. O verbo *chegar*, seguido dos verbos “fazer” e “pegar” no infinitivo, indica que o evento não se concretizou. A trajetória é concebida como tentativa, e a ausência do desfecho ativa a leitura aspectual de não realização. O Destino está presente conceitualmente (como alvo não alcançado), mas é negado gramaticalmente. O contraste entre a intenção de realizar e a não concretização do evento também permite uma leitura implícita de contraexpectativa. No esquema, são perfilados:

- i. **TRAJETOR**: evento expresso por V2, entendido como a situação metafórica que se desloca;
- ii. **TRAJETO**: esforço descrito em direção ao objetivo;
- iii. **DESTINO**: resultado não atingido (perfilado como limite negado);
- iv. **ORIGEM**: não é codificada linguisticamente, mas inferida como o ponto inicial da intenção de agir;
- v. **PERSPECTIVIZADOR**: o falante, que relata o evento a partir de uma posição externa, observando a não realização.

A figura 15 representa o EI da construção de contraexpectativa.

Figura 15 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de auxiliarização com função de contraexpectativa



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 15, por sua vez, apresenta uma configuração distinta: o Trajetor é um Indivíduo ou um Lugar, e o Destino continua sendo um EsCo. Nessa configuração, o uso de *chegar* ativa uma leitura pragmática de contraexpectativa: o evento expresso por V2 é compreendido como um resultado inesperado ou surpreendente. O movimento semântico indicado por *chegar* nos revela que mesmo diante de condições que não apontam para esse desfecho, ele se concretiza. O Destino, então, é interpretado como não previsto, mas ocorrido, como destacado em (125).

- (125) Doc.: tem alguma histó::ria de ciú::me assim?
 Inf.: NO::ssa?... meu e dela? tem:: tem com::... como ela tinha um filho... mas não morava com nós... morava com o ex-marido dela teve uma briga que::... **chegô(u) a dá(r)**... muita confusão essa briga porque:: era no dia que nós fomos embora pra São Paulo::... ela foi despedí(r) do filho dela na casa do:: ex-marido dela e::... eu num gostei e nós (a)cabô(u) brigan(d)o eu e o ex-marido dela... que deu uma briga feia que envolveu polícia envolveu muita coisa coisa do marido dela... (é bem conhecido) então::... envolveu polícia e por causa de um ciúme boesta/ besta e doentio né? que (a)cabô(u) dan(d)o em nada no fim de tudo [BDI - AC-029; NE: L. 30-38]

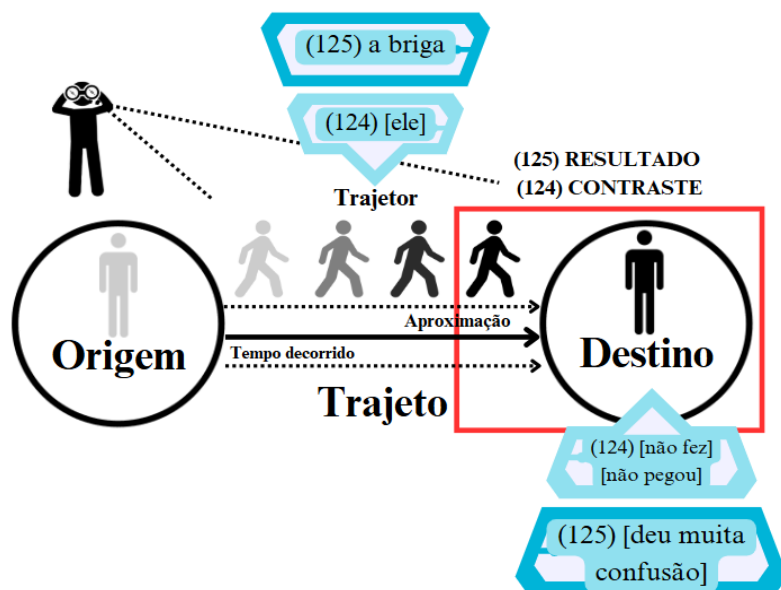
Em (125), no entanto, a construção expressa concretização do resultado: “a briga” atua como evento inicial que, com o uso de *chegar*, resulta em “dar muita confusão”. O verbo marca que o processo atingiu um ponto máximo (uma situação limite), e o Destino é interpretado como um novo estado discursivamente relevante. Além da leitura resultativa, há também indícios de contraexpectativa: a briga evolui para um desfecho mais grave do que se poderia esperar. Assim, as duas leituras são mobilizadas conjuntamente. A Quanto ao EI, a construção perfila os seguintes componentes:

- i. **TRAJETOR**: “a briga” (evento explicitado anteriormente no discurso);
- ii. **TRAJETO**: encadeamento dos eventos que culminam em “dar muita confusão”;
- iii. **DESTINO**: o clímax do evento, marcado pela confusão instaurada (perfilado como ponto de chegada alcançado);
- iv. **ORIGEM**: início da disputa, não codificado, mas inferido como o ponto inicial da sequência causal;
- v. **PERSPECTIVIZADOR**: o falante, que narra a própria experiência e, portanto, coincide com o observador e o agente envolvido no evento.

De modo geral, a transformação do EI da MicroCx de auxiliarização evidencia que o Trajetor pode ser um Indivíduo, um EsCo ou um Lugar; e o Destino se limita ao EsCo. O esquema perfilado, nesse caso, prioriza a sequência Trajetor – Trajeto – Destino, com ênfase na resultatividade ou na contraexpectativa do evento.

A Figura 16 sintetiza essas duas leituras — resultatividade e contraste —, aplicando-as às ocorrências (124) e (125). O esquema mostra que ambas as inferências podem coexistir numa mesma construção, com destaque para o perfilamento do Destino como ponto culminante do movimento, seja ele afirmado ou negado, previsível ou inesperado.

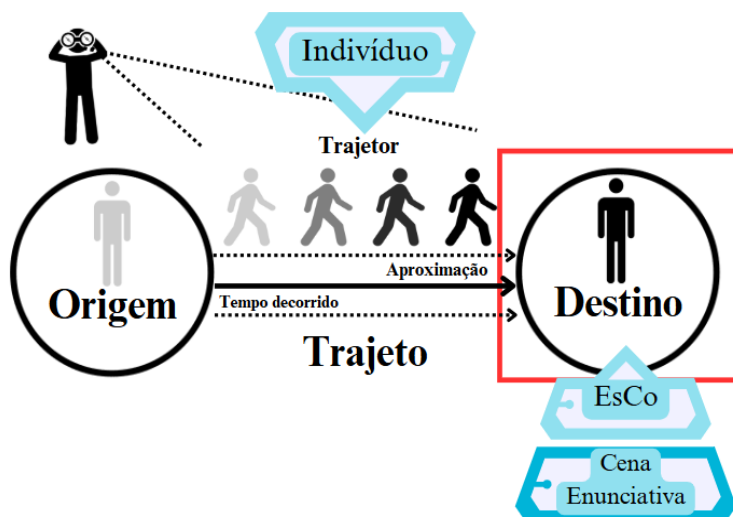
Figura 16 – Exemplos de MicroCx de auxiliarização e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória



Fonte: Elaboração própria.

A figura 17 representa o EI associado à MicroCx de focalização/dramatização (CFF).

Figura 17 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de focalização/dramatização



Fonte: Elaboração própria

Diferentemente de outras MicroCx, a MicroCx de focalização/dramatização apresenta um recorte particular do EI de Trajetória, ativando especialmente o Trajeto, entendido aqui como o momento de aproximação entre o Trajetor e o Destino, em uma cena enunciativa específica. Embora o Trajetor seja um Indivíduo e o Destino, um EsCo, Ato de Fala ou uma nova configuração discursiva, o perfilamento do EI não recobre a totalidade do percurso, mas

apenas o ponto de inserção do Trajetor na cena enunciativa. O verbo *chegar* não exerce papel predicativo nesta MicroCx, mas cumpre função discursiva de marcar a entrada do Trajetor em uma cena interacional, focalizando o início de um Ato de Fala. Vejamos os exemplos (126) e (127).

- (126) o primeiro nome que eu tive que minha mãe escolheu era Brenda e minha avó num/ minha avó/ minha avó e minha tia e minha família assim num queria falô(u) – “ah T M.... todo mundo vai chamá(r) ela de outro nome ou apelido né?” – ... aí ela falô(u) – “ah tá bom vô(u) trocá(r)” – ... depois foi Stephanie – “não M. não todo mun/ todo mundo vai chamá(r) ela de Stephanie Stepha::NI Stephan num sei o quê” – (falô(u)) – “ah tá bom vô(u) trocá(r)” – meu pai falô(u)/ **chegô(u)** pra minha mãe **e falô(u)** assim... – “vamo(s) nós dois escolhê(r) junto então” [BDI - AC-014; NR: L. 94-100]
- (127) Doc.: [você gelô(u) né?]
 Inf.: gelei aí então eu falei – “não... então não vô(u) entrá(r)” – né? que até então a gente tava... ((suspira)) ten(d)o insultos por internet né? coisa ridícula né? por e-mail então eu falei – “ah num sei o que tá passan(d)o pela cabeça dele” – ... e preocupada tam(b)ém ele me falô(u) muitas coisas horríveis... então peguei nem entrei fui embora... **cheguei e falei** eu comentei com meus amigos né? eu falei – “nossa... éh:: eu fui na casa da:: tia do C. e ele falô(u) que ele tá lá (inint.) do NAda ele apareceu” – ... aí meus amigos falô(u) que já tinham visto mesmo ele na rua mas ninguém me falô(u)... [BDI - AC-022; NE: L. 139-143]

Na ocorrência em (126), a construção com *chegar* introduz o Ato de Fala do pai da informante, em interlocução direta com a mãe. O verbo *chegar* não marca, portanto, o ingresso do Trajetor (o pai) na cena enunciativa. O evento focalizado é a aproximação discursiva que antecede a fala, marcada pelo discurso direto que segue. O perfilamento do EI é o seguinte:

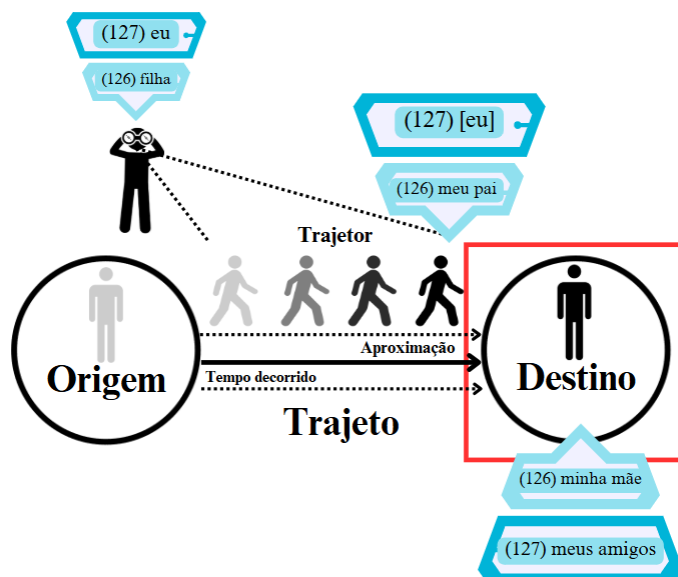
- i. **ORIGEM:** não perfilada; o contexto indica que o Trajetor já se encontrava no mesmo espaço físico do Destino;
- ii. **TRAJETO:** perfila-se a aproximação discursiva entre o pai e a mãe, acionada por *chegar*;
- iii. **DESTINO:** a mãe, como interlocutora direta e ponto de ancoragem do Ato de Fala;
- iv. **TRAJETOR:** o pai, explicitado como Sujeito do verbo;
- v. **PERSPECTIVIZADOR:** a falante (filha), que observa e relata a cena em 3ª pessoa.

Em (127), o verbo *chegar* também antecede o Ato de Fala, funcionando como marcador de entrada em uma cena enunciativa. A construção projeta o momento em que o Trajetor (a informante) se insere em um novo quadro discursivo, direcionado aos seus amigos. Novamente, o evento de “chegada” não envolve deslocamento espacial, mas a instauração de um momento comunicativo. O recorte do EI é, portanto:

- i. **ORIGEM:** não perfilada linguisticamente, mas inferível como o ponto anterior à cena do relato;
- ii. **TRAJETO:** o movimento conceitual de inserção do falante na interação;
- iii. **DESTINO:** os amigos, como interlocutores da fala;
- iv. **TRAJETOR:** “eu”, Sujeito do verbo, que coincide com o perspectivizador;
- v. **PERSPECTIVIZADOR:** o próprio falante, que vivencia e relata o evento.

A Figura 18 representa o funcionamento do EI perfilado pelas MicroCx presentes nas ocorrências (126) e (127).

Figura 18 – Exemplos de MicroCx de focalização/dramatização e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória



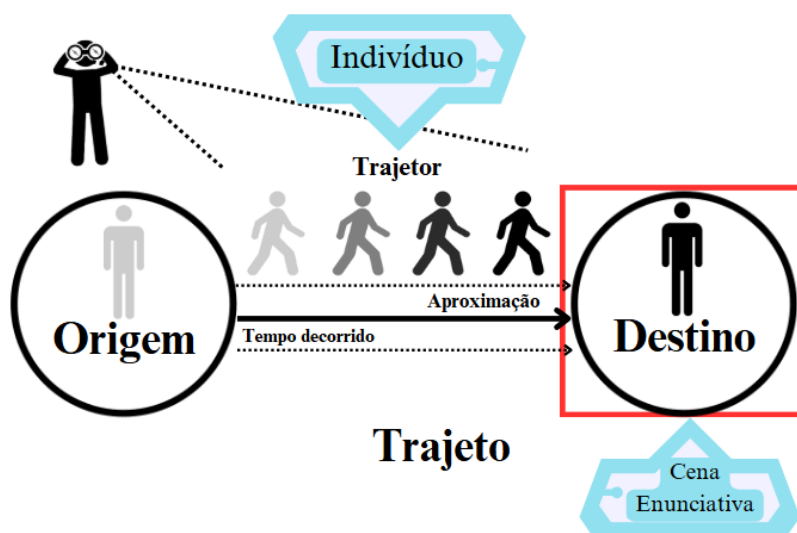
Fonte: Elaboração própria.

Resumidamente, nas duas ocorrências representadas na Figura 18, o evento de chegada não é espacial, mas discursivo: *chegar* marca o ponto em que o Trajetor entra em cena para realizar um Ato de Fala. Dessa forma, o que se perfila do EI é a aproximação entre Trajetor e Destino, representando o instante de ativação de uma cena enunciativa.

A MicroCx introdutora de discurso relatado é acionada pelo EI Trajetória, cuja configuração apresenta o Trajetor como um indivíduo que se aproxima de um Destinatário posicionado em uma Cena Enunciativa. Diferentemente das construções com sentido espacial ou aspectual, o verbo *chegar*, nessa MicroCx, não predica sobre movimento literal e também não se trata de auxiliaridade. O que se perfila é o momento em que o Trajetor se insere na interação, configurando o início de uma fala reportada, como mostram a ocorrência em (128) e a Figura 19.

- (128) ficavam tiran(d)o sarrinho né?... chegamo(s) na cida::de... tranqui::lo eu fui tratado como rei... [Doc.: ((risos))] né? ele falava... lembro do saxofonista... (inint.) (como chama lá)... então **ele chegava** –“T. T.... cê qué(r) uma/ qué(r) uma aguinha geladinha?... 5 [Doc.: ((risos))] 5 [que que cê qué(r)] tomá(r)? qué(r) uma cervejinha? [Doc.: ((risos))]... vô(u) buscá(r) pra você o bar é (inint.) quilômetros daqui mas eu vô(u) buscá(r) pra você” [BDI - AC-109; NE: L. 135-145]

Figura 19 – Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções introdutoras de discurso relatado



Fonte: Elaboração própria.

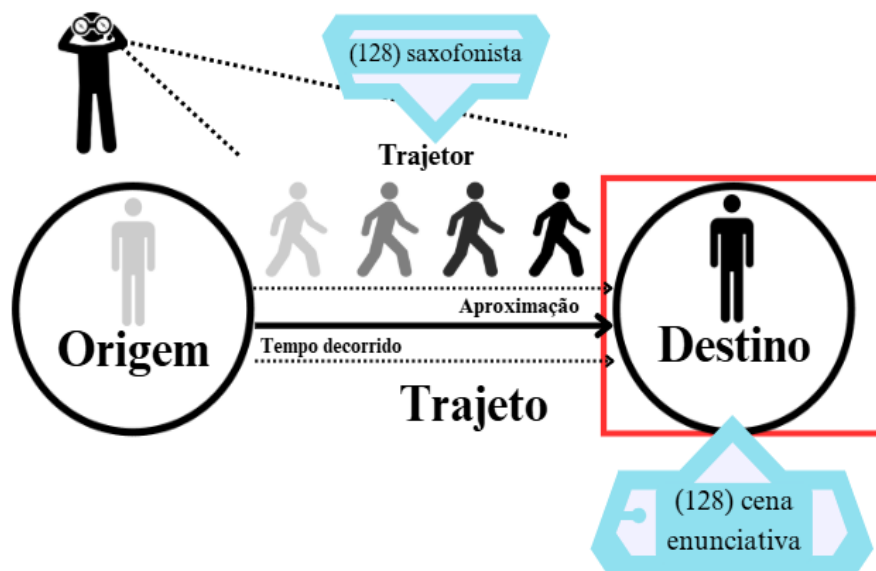
Na Figura 19, a parte do esquema perfilada pela construção é o ponto de chegada do Trajetor ao Destino (representado pela cena enunciativa). Essa chegada corresponde à ativação de um novo turno de fala no discurso direto - função estritamente pragmática. A trajetória anterior é abstrata e não é codificada linguisticamente, em termos de Origem., como pode ser observado na ocorrência em (128), a partir da qual depreendemos o seguinte perfilamento do EI:

- i. **TRAJETOR**: o saxofonista, que ingressa na cena discursiva;
- ii. **DESTINO**: a cena enunciativa onde ocorre o discurso direto;
- iii. **ORIGEM** e **TRAJETO**: não perfilados linguisticamente, apenas inferíveis;
- iv. **PERSPECTIVIZADOR**: o narrador-personagem, que relata a fala com envolvimento afetivo e expressivo.

Esse padrão construcional evidencia como o verbo chegar pode se gramaticalizar discursivamente, perdendo seu conteúdo pleno de movimento e passando a funcionar como marcador da entrada de um agente enunciador na cena enunciativa representada, destacando o evento enunciativo como ponto culminante da construção.

No esquema abaixo, representamos o perfilamento das partes do EI conforme a ocorrência em (128).

Figura 20 – Exemplos de MicroCx introdutora de discurso relatado e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, a Figura 20 representa o recorte imagético da construção introdutora de discurso relatado, em que se perfila a chegada de um Trajetor, no caso, o saxofonista, a uma cena enunciativa. O verbo *chegar*, nessa configuração, não predica deslocamento físico, tampouco atua como marcador aspectual. Seu papel é o de introduzir discursivamente um ato de fala.

A análise das transformações do EI Trajetória, tomado aqui como correlato conceptual das MicroCx com o verbo *chegar*, evidencia que, apesar da variação nos preenchimentos dos pontos de Trajetor e Destino, a noção de Trajetória permanece como componente conceptual recorrente. As diferenças entre as MicroCx não se restringem ao tipo semântico dos participantes, mas ao modo como cada MicroCx recorta e perfila partes específicas do EI. Em algumas, predomina o perfilamento do Destino como ponto de chegada; em outras, é a aproximação do Trajetor que ganha destaque; há ainda construções em que a cena enunciativa, ou o próprio evento de chegada, torna-se o foco da estruturação conceptual. O quadro a seguir sistematiza essa organização dos cinco grandes grupos construcionais, analisados na seção 3.2, cada um com seu respectivo conjunto de possibilidades semântico-pragmáticas e com diferentes estratégias de perfilamento dentro do esquema (marcado em vermelho nas figuras de 9 a 20).

Quadro 6– Possibilidades de preenchimento e perfilamento dos EI

Microconstrução	Possibilidades de Trajetor	Possibilidades de Destino	Perfilamento do EI
MicroCx 1: transitiva circunstancial	– Indivíduo – Estado de Coisas – Proposição – Lugar – Ato de Fala – Tempo	– Lugar – Estado de Coisas – Indivíduo – Tempo	– Trajetor – Destino
MicroCx 2: apresentação/ focalização	– Indivíduo – Tempo – Lugar – Estado de Coisas	– Lugar – Indivíduo	– Trajetor – Destino (= Evento de chegada)
MicroCx 3: auxiliarização	– Indivíduo – Estado de Coisas – Lugar	– Estado de Coisas	– Destino (= Resultatividade / Contraexpectativa)
MicroCx 4: focalização / dramatização	– Indivíduo	– Estado de Coisas	– Destino (= cena enunciativa)
MicroCx 5: introdutora de discurso relatado	– Indivíduo	– Lugar	– Destino (= cena enunciativa)

Fonte: elaboração própria.

4.4 RESUMO: PROPRIEDADES DAS MICROCONSTRUÇÕES COM O VERBO *CHEGAR*

Neste capítulo, analisamos as MicroCx com o verbo *chegar* no português brasileiro falado, a partir da perspectiva dos Modelos Baseados no Uso e da Gramática de Construções. Inicialmente, identificamos as diferentes redes construcionais de que as MicroCx fazem parte. A MicroCx Transitiva Circunstancial (1) integra uma rede mais ampla de construções de estrutura argumental prototípica. A MicroCx de Focalização/Apresentação (2) insere-se na rede [VS]_{Pred}, típica de construções que introduzem ou destacam participantes no discurso. A MicroCx de auxiliaridade (3) associa-se à rede de construções aspectuais de resultatividade ou de construções de contraexpectativa. A MicroCx de Focalização (4) configura-se como recorte da rede de construções do tipo “Foi e Fez”, com valor dramatizante/performativo. Por fim, a MicroCx de introdução de discurso relatado (5) apresenta-se como membro (ou caso em processo de gramaticalização) da rede de Marcadores Discursivos de organização textual.

As análises das cinco MicroCx foram organizadas a partir de múltiplos parâmetros, permitindo observar tanto traços compartilhados quanto comportamentos especializados. Em relação à animacidade do Sujeito, todas as MicroCx preferem Sujeitos [+humano], mas com

diferentes graus de restrição: enquanto as MicroCx 4 e 5 não admitem Sujeitos não humanos, os Tipos 1, 2 e 3 acolhem, em menor escala, Sujeitos de traço semântico [-humano; -animado] e [-humano; +animado], refletindo maior flexibilidade na escolha argumental. Essa variação na seleção está ligada à função pragmática de cada MicroCx: aquelas com função enunciativa exigem agentes comunicativos, ao passo que construções de base mais descritiva e experiencial permitem maior diversidade semântica.

Em termos de estrutura verbal, as MicroCx com presença de um V2 (Tipos 3 e 4) revelam comportamentos contrastantes. A MicroCx 3 (auxiliarização) apresenta alta diversidade de V2, incluindo verbos de atividade específica, atividade difusa, estados mentais e sensações, associando-se a um valor aspectual de resultado ou de contraexpectativa. Já a MicroCx 4 (focalização com V2) mostra forte especialização de V2 para verbos *dicendi*, apontando para uma função dramatizante centrada no Ato de Fala, com menor variabilidade semântica. Tais padrões reforçam a hipótese de que o segundo verbo, em cada construção, está subordinado à função comunicativa do padrão construcional em que se insere.

A análise da distribuição do Tipo Textual demonstrou que as microconstruções se realizam, prioritariamente, em gêneros narrativos. A MicroCx 1, mais frequente e produtiva, predomina nas Narrativas de Experiência e Narrativas Recontadas. As MicroCx 2 e 3 também se concentram nesses mesmos tipos textuais, enquanto a 4 aparece em gêneros mais específicos, como o Relato de Opinião e de Procedimento. A MicroCx 5 apresenta dispersão estável, ocorrendo em diferentes gêneros. Isso sugere que a função discursiva de cada MicroCx influencia em sua distribuição textual, com os gêneros narrativos favorecendo padrões construcionais que organizam o evento comunicativo.

Quanto ao tempo e modo verbais, verificou-se predominância do modo indicativo, especialmente nos tempos de pretérito perfeito, presente e pretérito imperfeito, alinhados à natureza narrativa do *corpus* analisado. A MicroCx 1 apresenta a maior variedade de tempo-modo (oito tempos/modos). Em contrapartida, a variabilidade modo-temporal decresce progressivamente nas MicroCx mais especializadas, como as do tipo 4 e 5. Esse padrão sugere uma relação entre gramaticalização e rigidez temporal (embora essa pesquisa seja sincrônica): quanto mais abstrata a função da construção, menor a sua flexibilidade modo-temporal.

Os resultados sobre o tipo semântico de Trajetor indicam que “Indivíduo” é a entidade mais frequente, especialmente na MicroCx 1. Contudo, cada tipo construcional revela um perfil próprio: a MicroCx 2 apresenta exclusividade no uso de Tempo como Trajetor; a MicroCx 3 acomoda com maior frequência Estados de Coisas; as MicroCx 4 e 5 mantêm-se restritas a Indivíduos, especificamente sujeitos humanos. Esses dados evidenciam que, nas MicroCx, os

Trajetoires são perfilados não apenas em termos de animacidade, mas também em graus distintos de abstratização (de Indivíduo a Estado de Coisas), projetando saliências específicas sobre o EI, que regulam sua função textual-discursiva.

Com relação ao tipo semântico de Destino, a MicroCx 1 mantém a maior diversidade de tipos, admitindo lugar, indivíduo, estado de coisas, proposições e marcadores temporais. A MicroCx 3 mostra maior afinidade com destinos abstratos (EsCo), e a 4, com cenas enunciativas. A MicroCx de apresentação/focalização favorece destinos concretos, enquanto a introdutora de discurso relatado se restringe a Lugares abstratizados por cenas enunciativas. A variabilidade da MicroCx 1 contrasta com a especialização das demais, nos mostrando que diferentes MicroCx com *chegar* reformulam o ponto de chegada, seja ele físico ou abstratizado.

Para concluirmos, a articulação entre os resultados da descrição e o EI Trajetória nos permitiu observar que, apesar da diversidade funcional e das propriedades sintáticas e semânticas das MicroCx com chegar, todas elas se assentam cognitivamente no mesmo EI básico de Trajetória. O que se modifica, portanto, é a saliência e o perfilamento dentro desse esquema: algumas construções enfatizam o Trajetor, outras, o Destino, e há ainda aquelas que destacam o Evento de chegada ou a Cena Enunciativa como elementos centrais. Assim, torna-se possível confirmar nossa hipótese de que os cinco padrões construcionais com chegar compartilham uma estrutura conceptual comum, mas a articulam de maneiras distintas conforme suas funções pragmático-discursivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas nesta pesquisa permitiram avançar na compreensão da multifuncionalidade das construções com o verbo chegar no português brasileiro, a partir de uma perspectiva funcional-cognitiva. Utilizando o aporte teórico dos Modelos Baseados no Uso (MBU) e da Gramática de Construções, este estudo permite constatar que o verbo chegar apresenta uma diversidade de padrões construcionais assentados em dados do português falado no interior paulista extraídos do banco de dados Iboruna do Projeto ALIP (Gonçalves, 2007).

Os principais achados desta pesquisa destacam cinco tipos específicos de MicroCx com *chegar*: (i) Transitiva Circunstancial, (ii) Focalização/Apresentação, (iii) Auxiliarização, (iv) Focalização e (v) Marcador Discursivo Introdutor de discurso relatado. Cada um desses tipos apresenta particularidades quanto ao perfilamento do EI Trajetória, especialmente em relação ao perfilamento atribuído aos elementos Origem, Trajeto e Destino. Essa abordagem permitiu demonstrar que, embora todas as construções compartilhem o EI básico de trajetória, os elementos perfilados variam significativamente em função do uso específico da construção.

A análise desenvolvida ao longo do terceiro capítulo desta dissertação foi estruturada em três etapas complementares. A primeira etapa consistiu na identificação e descrição das cinco MicroCx, agrupadas com base em critérios morfosintáticos e semântico-pragmáticos. A segunda etapa mobilizou critérios linguísticos objetivos - como animacidade do sujeito, tipo de V2, tipo textual, tempo e modo verbal, tipo de Trajetor e tipo de Destino - permitindo refinar a caracterização das construções. Por fim, a terceira etapa promoveu uma síntese interpretativa dos cinco padrões identificados com base no EI Trajetória, o que possibilitou a identificação dos diferentes pontos de perfilamento nas construções.

Os dados evidenciam que as MicroCx transitivas circunstanciais são predominantes e mais próximas ao uso espacial básico evocado pela semântica de *chegar*, perfilando majoritariamente o Destino. As MicroCx de apresentação/focalização revelam uma especialização discursiva ao introduzirem referentes novos no discurso, sendo o Trajetor essa informação nova. As MicroCx de auxiliarização, por sua vez, articularam leituras aspectuais e pragmáticas, evidenciando a atuação do verbo como marcador de resultatividade e de contraexpectativa. Já as MicroCx de focalização (construções do tipo 'Foi e Fez') indicaram um estágio intermediário de gramaticalização, no qual *chegar* ainda mantém traços de movimento, mas marca realce pragmático. Finalmente, as construções introdutoras de discurso relatado representam o estágio mais discursivizado do verbo, operando como marcador de transição enunciativa.

Esses padrões de funcionamento encontram respaldo na descrição e análise feitas. A MicroCx transitiva circunstancial demonstrou-se a mais flexível e produtiva diante de todos os parâmetros de análise aplicados, incluindo maior diversidade modo-temporal (8 tempos/modos), variedade de sujeitos (inclusive [-humano]), e amplitude de preenchimento semântico de Trajetor e Destino. Em contraste, as MicroCx de focalização/dramatização e a introdutora de discurso relatado apresentaram comportamento mais especializado: atraem exclusivamente Sujeitos [+humano], operam com verbos *dicendi* ou eventos de fala e focalizam a chegada, ancorada na cena enunciativa. A MicroCx de auxiliarização, de natureza aspectual, destacou-se por selecionar V2 com semântica mais subjetiva e verbos de baixa agentividade. Já a MicroCx apresentativa/focalizadora evidenciou-se como veículo de introdução de marcadores temporais, com preenchimento categórico de “tempo” como Trajetor. Esses dados indicam que o grau de abstração e gramaticalização de cada MicroCx se manifesta de forma sistemática nas escolhas léxico-gramaticais e nos padrões de distribuição textual.

A análise da animacidade do sujeito mostrou que construções mais prototípicas favorecem sujeitos [+humano], enquanto aquelas com maior grau de abstração admitem sujeitos como Estados de Coisas. O tipo de V2 na MicroCx de auxiliarização revelou tendências aspectuais relacionadas à leitura resultativa e/ou contrastiva. O tipo textual evidenciou a recorrência de determinadas MicroCx em textos narrativos e dialogados, como é o caso das MicroCx de dramatização. Quanto ao tempo e modo verbais, o pretérito do indicativo foi predominante. A análise dos tipos de Trajetor e Destino confirmou a hipótese de que o grau de abstratização das construções correlaciona-se à natureza das entidades que participam dos tipos contrucionais, variando entre instâncias mais concretas e abstratas.

Esses resultados nos mostram que as diferentes funções das MicroCx com o verbo *chegar* se estruturam em torno de variações de perfilamento do mesmo EI básico de trajetória, revelando um *continuum* que vai da concretude da experiência espacial à abstração de funções discursivas. A organização formal das MicroCx, a distribuição dos dados e o tipo semântico de participantes envolvidos se relacionam sistematicamente com diferentes efeitos semântico-pragmáticos e discursivos, o que reforça os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso.

A relevância desta pesquisa está na contribuição com a descrição das diferentes funções que as construções com o verbo *chegar* desempenham no português brasileiro falado, com base em seu pareamento entre forma e função. A análise dos dados a partir do EI Trajetória permitiu observar como diferentes construções perfilam de modo distinto os elementos de origem, trajeto e destino. Como desdobramento futuro, propomos investigar o comportamento do verbo *chegar* sob perspectiva diacrônica, com o objetivo de compreender os possíveis estágios de

gramaticalização em outros estados de língua, bem como o processo de entrada do verbo nas redes construcionais descritas nesta abordagem sincrônica.

Em síntese, esta dissertação buscou responder à pergunta central que a motivou: *quais são as construções com o verbo 'chegar' no português brasileiro falado e quais fatores formais e funcionais motivam sua constituição e uso?* A análise das MicroCx identificadas no decorrer desta pesquisa permitiu descrever diferentes padrões de forma-função associados ao verbo, bem como os diversos modos de perfilamento do Esquema Imagético de Trajetória em cada construção. Ao articular os Modelos Baseados no uso e teorias construcionais da gramática, o trabalho contribui para os estudos sobre multifuncionalidade, polissemia e representação conceptual de verbos no português brasileiro contemporâneo.

Chega!

REFERÊNCIAS

- BARÐDAL, J. Construction-specific properties of syntactic subjects in Icelandic and German. *Cognitive Linguistics*, Berlin, v. 17, n. 1, p. 39–106, 2006.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BERTUCCI, R. A. *A auxiliaridade do verbo chegar em português brasileiro*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. The phonology of the léxicon: evidence from lexical diffusion. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BYBEE, J. L. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. *Mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.
- CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória do PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006.
- COSTA, L. A. *A construção existencial no português*. 2022. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. Construction grammar. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description: Volume I, Clause structure*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CUNHA, M. A. F.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. Especial, p. 55–67, 2016.
- DIESSEL, H. *The Constructicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DUCROT, O. *Provar e dizer: linguagem e lógica*. São Paulo: Global Editora, 1981.

EVANS, V. *A glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FAUCONNIER, G. Pragmatics scales and logical structure. *Linguistic Inquiry*, v. 6, n. 3. p. 353–375, 1975.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FORTUNATO, I. V. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 30–60, 2009.

FREITAS JUNIOR, R.; NASCIMENTO, J. P.; MARQUES, P. M.; ALBERNAZ, I. M. G. Discutindo níveis de generalização na gramática de construções baseada no uso: a rede construcional [(x) chegar sn]foc no PB. *Gragoatá*, Niterói, v. 27, n. 58, p. 20–51, 2022.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. (org.). *Construction grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

GALVÃO, P. V. A.; ABRAÇADO, J. A trajetória de abstração do verbo chegar: Espaço > Tempo > Qualidade (Novidade): The abstraction trajectory of the verb chegar (to arrive): space > time > quality (novelty). *Revista do GEL*, v. 21, n. 1, p. 104–119, 2024.

GASPARINI-BASTOS, S. D.; GONÇALVES, S. C. L. *Roteiro para coleta de amostras de fala: projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista)*. 2005. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 3–21.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Compositionality. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (org.). *New directions in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 265–280.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches: A grammar of constructions and the constructicon. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15–31

GONÇALVES, S. C. L.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. *Working Papers em Linguística*, v. 21, n. 1, p. 102–127, 2020.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- HOPPER, P. On some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*, v. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 17–37.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: NEVES, M. H. de M.; ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. v. 3. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 163–365.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- KISS, T. D. Infinitives: Remarks on the structure of control. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 31, n. 3, p. 537–564, 1995.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. Série Fundamentos. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live by*. Chicago: Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- LANGACKER, R. W. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.
- MARQUES, G. L. A. *Valores lexical e gramatical do verbo chegar*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- MATEUS, M. H. M. *Gramática de Português Europeu*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MEIRELLES, L. L.; CANÇADO, M. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 61, n. 2, 2017.

- MOREIRA, J. C. L. A gramaticalização do conector consecutivo “chega” no falar fortalezense. *Revista Uniletras*, v. 43. 2021.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NUNES, E. S. O. *Estudo diacrônico da construção VICHEGAR +PREPa + V2infinitivo no Português Brasileiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 2014.
- OAKLEY, T. Image Schemas. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 214–235.
- PENA-FERREIRA, E. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza/CE, 2007.
- PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014.
- PINHEIRO, D. O.; SILVA, A. S. da; FREITAS, R. J. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Revista Soletas*. n. 45, 2023.
- PINHEIRO, D. O; FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*. v. 16, 2020: Edição Especial Comemorativa - Celebrando mais de 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do percurso da Professora Emérita Miriam Lemle.
- RHEE, S. Semantic changes of English prepositions against a grammaticalization perspective. *Language Research*. v. 38. n. 2, p. 563–583, 2002.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. São Paulo: José Olympio, 2011.
- RODRIGUES, A. T. C. *Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo foi fez no português do Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas/SP, 2006.
- SALIÉS, T. G.; SECUNDINO, T. G. Multissignificações do verbo pegar: transformações de esquemas imagéticos. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 39, n. 2, 2023.
- SILVA, A. S. da. *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Almeida, 2006.
- TALMY, L. *Towards a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*. v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103–119, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão. 2. ed. rev. Uberlândia: Edufu, 1985.

VERHAGEN, A. Construal and Perspectivization. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 48–80.

WIEDEMER, M. L. *Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2013.

ZLATEV, J. Spatial Semantics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 318–350.

DADOS CURRICULARES

IDENTIFICAÇÃO	
	FELIPE RODRIGUES DE ARAÚJO 01/11/1999
Nacionalidade	brasileira
Nome em citações bibliográficas:	Araújo, Felipe Rodrigues de Araújo, F.
Currículo Lattes	http://lattes.cnpq.br/9533402289308925
ORCID	https://orcid.org/0000-0002-8918-3485